Swami Vivekananda

Palestras Inspiradas

Swami Vivekananda

Palestras Inspiradas

Tradução de Dilze Pragana

Organização e formatação de D.D.

Um verão bendito.

Naquele verão, Swami Vivekananda aceitou o convite de uma discípula para passar o verão em Thousand Island Park. Nesse santuário de Mil Ilhas, ele viveu 44 dias, instruindo aqueles que chamou de *discípulos íntimos*.

Os textos seguintes foram registrados por esse pequeno grupo de privilegiados e contém tudo o que foi dito em 44 encontros diários com o Mestre. Suas conferências, dirigidas a um grande público, às multidões, são largamente conhecidas. Suas palavras aos que lhe eram mais chegados, estão na série de palestras que se seguem.

Residência em Thousand Island Park, onde passou os 44 dias entre devotos.

Relato Preliminar

No verão de 1893, desembarcava em Vancouver, um jovem sannyasin hindu. O propósito da sua viagem era assistir ao Parlamento das Religiões, em Chicago, embora não fosse delegado oficial de nenhuma organização religiosa reconhecida. Desconhecido e inexperiente, havia sido eleito para esta missão por alguns jovens adeptos, de Madras.

Estes, firmes na sua crença de que ele, melhor do que qualquer outro poderia representar dignamente a antiga religião da Índia, foram de porta em porta, arrecadando dinheiro para sua viagem. A soma assim coletada, mais a contribuição de um ou dois príncipes, permitiram, ao jovem monge, o então obscuro Swami Vivekananda, pôr-se a caminho para sua longa travessia.

Era preciso uma tremenda coragem para se aventurar numa missão de tal natureza. Deixar o solo sagrado da Índia para ir para um país estrangeiro, significa, para um hindu, muito mais do que os ocidentais podem imaginar. Ainda mais no caso de um sannyasin, já que sua educação está completamente afastada do lado prático e material da vida. Não estava habituado a manejar com dinheiro, nem a viajar de outro modo que não fosse pôr seus próprios pés.

Assim, o Swami foi saqueado e enganado a cada etapa do caminho, até achar-se pôr fim, quando chegou a Chicago, quase desprovido de tudo quanto levava. Não levava consigo carta de apresentação, nem conhecia ninguém na grande cidade. Desta maneira, só, entre estranhos, a milhas e milhas do seu país natal, viu-se numa situação que teria acovardado ao homem mais forte. O Swami deixou o assunto nas mãos do Senhor, firme em sua fé, de que a proteção divina jamais lhe faltaria.

Durante uns quinze dias, pode enfrentar as exorbitantes exigências de seu hoteleiro e de outros. Logo, a pequena soma que possuía ficou reduzida a tão magras proporções, que chegou a dar-se conta de que, se não queria morrer de inanição em praça pública, devia procurar, imediatamente, um lugar onde o custo de vida fosse menor. Era muito penoso para ele, abandonar a tarefa, que tão valentemente, havia começado.

Pôr um instante, uma onda de desânimo e de dúvida o invadiu e começou a se perguntar pôr que havia cometido a insensatez de dar ouvidos àqueles exaltados escolares de Madras. Não lhe restando outra coisa a fazer, com o coração entristecido, partiu para Boston, determinado a telegrafar pedindo dinheiro e, se preciso fosse, regressar a Índia. Porém o Senhor, em quem confiava tão firmemente, dispôs as coisas de outro modo. No trem, travou relações com uma velha senhora, em quem despertou tão amigável interesse, que o convidou para se hospedar em sua casa .

Ali conheceu um professor da Universidade de Harvard que, depois de ter conversado quatro horas, certo dia, com o Swami, ficou tão profundamente impressionado com seu extraordinário talento, que lhe perguntou pôr que não assumia a representação do hinduismo, no Parlamento das Religiões, em Chicago.

O Swami explicou sua dificuldade: não possuía dinheiro nem carta de apresentação para ninguém que estivesse relacionado com o Parlamento.

- O Senhor Bonney é meu amigo; darei a você uma carta para entregar a ele - replicou prontamente o professor. Em seguida, se pos a escrevê-la, expressando, no curso da mesma, que considerava a este desconhecido monge hindu “mais sábio que todos os nossos sábios juntos.”

Com esta carta e uma passagem que lhe foi entregue pelo professor, o Swami voltou a Chicago e, imediatamente foi aceito como delegado. Pôr fim chegou o dia da abertura do Parlamento e o Swami Vivekananda ocupou seu lugar entre os delegados orientais, alinhados sobre o estrado, na seção inaugural. Seu propósito estava cumprido; porém, quando estendeu sua vista sobre a vasta audiência, se sentiu tomado pôr um repentino nervosismo.

Todos os outros haviam preparado seus discursos. Ele nada tinha. Que podia dizer a esta grande assembléia de seis ou sete mil pessoas? Durante toda a manhã esteve adiando o momento de fazer sua apresentação, sussurrando ao presidente:

- Deixe que algum outro fale primeiro.

Assim continuou até que, pôr volta das cinco, o Dr. Barrows (presidente) levantando-se, o designou como o próximo orador. A pressão do momento firmou os nervos, estimulou o valor de Vivekananda, e em seguida, se sobrepôs às circunstâncias. Era a primeira vez em sua vida que se punha de pé para falar ou que se dirigia a um grande auditório.

Quando olhou para aquele mar de rostos expectantes, estava cheio de força e eloquência; e começando com sua voz musical, se dirigiu a seus ouvintes assim:- “Irmãos e irmãs da América”.

Seu triunfo foi imediato e durante todo o resto do Congresso, sua popularidade nunca diminuiu. Era escutado sempre ansiosamente e as pessoas permaneciam para ouvi-lo até o final de longas seções, em dias de forte calor. Este foi o começo de sua obra nos Estados Unidos da América do Norte. Depois da clausura do Parlamento, e para prover as suas necessidades, o Swami aceitou a oferta de uma agência para fazer uma viagem pelo oeste. Embora continuasse a reunir grandes auditórios, renunciou a esta ocupação com a qual não tinha afinidade. Ele era um Mestre religioso, não um conferencista popular de temas seculares.

Pôr isso abandonou muito rápido esta nova e proveitosa profissão e no início de 1894 voltou a Nova Yorque para iniciar sua verdadeira missão.

Primeiramente visitou os amigos que havia feito, em Chicago. Estes pertenciam às classes mais abastadas e de vez em quando, falava em seus salões, mas isto também não o satisfazia. Sentia, que o interesse que despertava não era o que desejava; achava-o muito superficial, uma simples busca para passar o tempo.

Portanto, resolveu procurar um lugar adequado para si, onde todos os que buscassem, fervorosamente, a verdade, fossem ricos ou pobres, pudessem chegar livremente.

Uma conferência dada na Brooklyn Ethical Association, o conduziu, rapidamente, a este independente magistério. O Dr. Lewis G. Janes, presidente da Association havia escutado o jovem monge hindu e, singularmente atraído pôr seu talento e pôr sua mensagem aos homens do hemisfério ocidental, o convidou para falar naquela instituição. Assim foi feito, no último dia do ano de 1894.

Um auditório enorme chegava a Pouch Mansion, onde a Ethical Association realizava suas reuniões. A conferência tratava do Hinduismo e, a medida que o Swami, vestindo sua larga túnica e turbante, explicava a antiga religião de sua terra natal, despertava tão profundo interesse que, ao final da tarde haviam pedidos insistentes para que se organizasse um curso regular, no Brooklyn.

O Swami aceitou de boa vontade e realizou uma série de reuniões, assim como várias conferências públicas, a Pouch Mansion e em outros lugares. Alguns dos que o tinham escutado, no Brooklyn, começaram a acorrer para o lugar onde ele vivia, em Nova Yorque.

Era uma habitação comum, no segundo piso de uma casa de hóspedes, e como a assistência aumentava rapidamente, excedendo a capacidade das cadeiras e de um canapé; os discípulos se sentavam sobre o aparador, sobre as quinas do lavatório de mármore, e outros até no chão, do mesmo modo que, fazia o próprio Swami, que sentado com as pernas cruzadas, como é hábito em seu país, ensinava a seus ávidos ouvintes, as grandes verdades da Vedanta.

Pôr fim se sentiu totalmente iniciado em sua missão de entregar ao mundo ocidental a mensagem de seu Mestre, Sri Ramakrishna, que proclamava a unidade fundamental de todas as religiões. As turmas cresciam tão rapidamente que logo os estudantes transbordaram da pequena casa do segundo andar e foi necessário, então, ocupar os dois grandes salões do andar de baixo.

Neles, o Swami ensinou suas turmas até o fim da temporada. O ensinamento era inteiramente gratuito, enfrentando-se, os gastos essenciais, com as contribuições voluntárias. Sendo estas insuficientes para pagar o aluguel e atender às necessidades elementares do Swami, as classes estavam fadadas a terminar por falta de apoio financeiro.

Então, o Swami anunciou um ciclo de conferências públicas sobre temas seculares, pelas quais receberia remuneração. Desta maneira obteve dinheiro para sustentar o ensinamento religioso.

Ele esclarecia que os hindus consideravam como dever de um Mestre Religioso, não só dar gratuitamente seus ensinamentos, mas também, se podia fazê-lo, arcar com os gastos do seu trabalho. Em tempos passados, na Índia, era também comum que o mestre proporcionasse casa e alimento para os seus discípulos.

Naquela época, alguns dos estudantes haviam chegado a se interessar tão profundamente pelos ensinamentos do Swami, que manifestaram seu desejo de continuarem durante o verão. No entanto, como se sentisse cansado depois da rigorosa temporada de trabalho, a princípio fez objeções ao prolongamento deste, durante a estação quente.

Pôr outro lado, muitos dos estudantes saiam da cidade nesta época do ano. O problema se resolveu pôr si mesmo: uma discípula do nosso grupo possuía um pequeno chalé em Thousand Island Park, a maior ilha do rio Saint Lawrence, e o ofereceu ao Swami e àqueles entre nós que pudéssemos ir para lá. O plano agradou ao Swami que concordou em reunir-se a nós, ali, depois de uma breve visita ao Maine Camp, propriedade de um de seus amigos.

A senhorita D, a estudante a quem pertencia a casa, considerando necessário preparar um santuário especial para o acontecimento, mandou construir, como carinhosa oferenda para seu Mestre, uma nova ala no edifício, quase tão grande quanto o chalé já existente.

A casa estava idealmente situada sobre um terreno alto, de onde se dominava uma ampla extensão do lindo rio, com muitas de suas famosas Thousand Island (mil ilhas).

Ao longe, se percebia vagamente Cayton, enquanto as próximas e agrestes costas canadenses limitavam a paisagem, ao norte. A casa se levantava sobre a falda de uma colina, que ao norte e a oeste, descia de forma abrupta até as margens do rio para uma enseadazinha semelhante a um pequeno lago estendido atrás da casa.

A casa mesmo estava literalmente construída sobre uma rocha e grandes penhascos apareciam estendidos ao seu redor. A nova ala do edifício se erguia sobre o lado rochoso como um grande farol, com janelas para os três lados. Tinha três pisos atrás e só dois na frente. A sala inferior estava ocupada pôr um dos discípulos.

A de cima, acessível pelas principais partes da casa, pôr várias portas, como era grande e cômoda, foi convertida em nossa sala de aula, onde todos os dias, durante horas, o Swami nos dava, familiarmente, seus ensinamentos. Em cima desta sala, estava outra, dedicada exclusivamente ao Swami. A fim de que pudesse estar inteiramente isolado, a senhorita D. providenciou para este lugar, uma escada especial, externa, embora houvesse ali, também, uma porta que dava para o segundo piso da galeria.

Esta galeria superior desempenhou um papel importante em nossas vidas, já que ali, foi onde o Swami nos deu todas as palestras da noite. Era ampla e coberta e se estendia ao largo das costas sul e oeste do chalé.

A senhorita D. tinha o lado oeste da mesma, cuidadosamente separada pôr uma divisão, de modo que nunca, nenhum estranho dos que freqüentemente visitavam a galeria para contemplar a magnífica paisagem que se dominava dali, pudesse introduzir-se em nosso recinto reservado.

Ali, perto da porta da sua casa, nosso amado Mestre sentava-se todas as noites, durante nossa permanência e falava para nós que, sentados silenciosamente na obscuridade, bebíamos avidamente suas inspiradas palavras. O lugar era um verdadeiro santuário.

A nossos pés, como um mar de verdor, ondulavam as copas das árvores, pois todo o lugar era rodeado pôr espessos bosques. Não se divisava uma única casa da grande aldeia. Era como se estivéssemos no coração de uma densa floresta, afastados por milhas e milhas, do contato com os homens.

Além das árvores, se estendia a vasta amplidão do St. Lawrence, aqui e ali salpicado de ilhas, em algumas das quais brilhavam as luzes dos hotéis e das casas. Todas elas estavam tão distantes que mais pareciam um quadro do que uma realidade. Nem um som humano penetrava em nosso retiro; não ouvíamos mais do que o zumbido dos insetos, o doce canto dos pássaros ou o suave suspiro do vento através das folhas.

Parte do tempo, a cena estava iluminada pelos tênues raios de luar, cuja face se refletia ali embaixo, nas águas brilhantes. Neste cenário de encantamento, “esquecendo o mundo e pôr ele sendo esquecido”, permanecemos sete venturosas semanas com nosso amado Mestre, escutando suas palavras inspiradas.

Imediatamente após o jantar, todos os dias de nossa permanência ali, íamos para a galeria superior, e esperávamos sua chegada. Não tínhamos muito que esperar, pois logo que estávamos reunidos, abria-se a porta de sua casa e saia ele, com seu passo cadenciado, para ocupar seu assento habitual.

Permanecia sempre duas horas conosco e freqüentemente muito mais. Uma gloriosa noite, em que a lua chegava a sua plenitude, esteve nos falando, até que ela desapareceu no horizonte.

Parecia estar tão inconsciente do passar do tempo, quanto nós. Dessas conversas, não foi possível tomar notas, só ficaram gravadas nos corações de seus ouvintes.

Nenhum de nós poderá jamais esquecer a elevação, a intensa vida espiritual daquelas santificadas horas. Nestes momentos o Swami nos mostrava todo o seu coração, expondo também, para nós, suas próprias lutas. O verdadeiro espírito de seu Mestre parecia falar pôr seus lábios, para esclarecer todas as dúvidas, para responder a todas as perguntas, para dissipar todos os temores. Muitas vezes o Swami parecia não estar de todo consciente de nossa presença e então, quase contínhamos a respiração pôr temor de perturbá-lo e interromper o fluir dos seus pensamentos.

Levantava-se de seu assento e percorria pausadamente de um a outro extremo, os estreitos limites da galeria, jorrando uma perfeita torrente de eloqüência. Nunca foi mais suave, mais amável do que durante estas horas. Muito semelhante devia ser a maneira como seu próprio Grande Mestre, ensinava a seus discípulos, deixando-os, simplesmente escutar as efusões de seu próprio espírito em comunhão consigo mesmo. Era uma perpétua inspiração viver com um homem como Swami Vivekananda.

Desde a manhã até a noite, sempre vivíamos numa mesma e constante atmosfera de intensa espiritualidade. Em geral brincalhão e espirituoso, cheio de tiradas joviais e réplicas prontas, nunca esteve, nem pôr um momento, afastado da nota dominante da sua vida. Todas as coisas lhe proporcionavam um tema ou uma ilustração e, num instante nos encontrávamos passando das divertidas fábulas da mitologia hindu, para a mais profunda filosofia.

O Swami tinha um estoque inesgotável de erudição mitológica e, seguramente, nenhuma raça é mais dotada de mitos do que a dos antigos ários. Gostava de falar disso e o escutávamos com deleite, pois nunca deixava de focalizar a realidade oculta atrás de cada mito ou narração e extraia delas valiosas lições espirituais.

Nunca existirão estudantes tão afortunados e com maiores motivos para se felicitar, pôr ter um Mestre tão talentoso! Pôr uma singular coincidência, exatamente doze estudantes seguiram o Swami a Thousand Island Park; disse-nos que nos aceitava como verdadeiros discípulos e que esta era a razão de nos ter ensinado com tanta constância e sem restrições, dando-nos o melhor de si.

Não podíamos reunir os doze ao mesmo tempo; o maior número dos presentes era dez, de cada vez. Posteriormente dois do nosso grupo se converteram em sannyasins, sendo ambos iniciados em Thousand Island Park.

Na oportunidade da consagração do segundo sannyasin, o Swami iniciou cinco de nós como brahmacharias e mais tarde, na cidade de Nova Yorque, o resto do nosso grupo recebeu iniciação, junto com outros discípulos que o Swami tinha, ali.

Foi decidido, quando fomos para Thousand Island Park, que viveríamos como em uma comunidade, fazendo cada um sua parte nos trabalhos casa, para que nenhuma presença estranha perturbasse a serenidade do nosso retiro. O Swami mesmo era um grande cozinheiro e muitas vezes nos preparava deliciosos pratos.

Havia aprendido a cozinhar quando, depois da morte de seu Mestre, teve que servir a seus irmãos, um grupo de jovens, seus amigos discípulos, a quem ensinou e manteve unidos continuando a instrução começada por seu Mestre, para que eles fossem capazes de divulgar para o mundo, as verdades ensinadas pôr Sri Ramakrishna.

Todas as manhãs, apenas terminadas nossas diversas tarefas, e muitas vezes antes, o Swami nos chamava, reunindo-nos no grande salão que nos servia de sala de aula e começava a dar-nos suas lições.

Cada dia tomava um tema especial ou comentava algum livro sagrado, tal como o Bhagavad Gita,os Upanishads ou os Vedanta Sutras, de Vyasa. Os Sutras, estão em forma de aforismos, sendo os relatos, os mais breves possíveis, das grandes verdades contidas nos Vedas.

Não tem nominativo nem verbos, e, com tanta resolução eliminavam seus autores qualquer palavra desnecessária, que diz um provérbio hindu: “um escritor de Sutras, preferirá entregar um de seus filhos, antes de agregar uma sílaba a um Sutra.”

Em razão de sua quase enigmática brevidade, os Vedanta Sutras oferecem um vasto campo para o comentarista e três grandes filósofos hindus, Sankara, Ramanuja e Madhva escreveram primorosos comentários sobre eles.

Em suas palestras matinais, o Swami tomava primeiro um desses comentários, depois outro, para demonstrar como cada intérprete era culpado de torcer o significado do Sutra, para fazê-lo coincidir com seu ponto de vista pessoal e só lia no aforismo, o que mais substanciasse sua visão.

O Swami fazia-nos notar, muitas vezes, quão velho é o mau hábito de “torturar os textos”. Assim acontecia que nestas lições, o ponto de vista apresentado era algumas vezes o do dualismo puro, representado pôr Madhva, no outro dia escolhia o Não dualismo ensinado pôr Ramanuja, conhecido como *visishthad-vaita*. Mais freqüentemente, contudo, tomava o comentário monista de Sankara, porém, em razão de sua sutileza era o mais difícil para entender, pôr isso, no final, Ramanuja continuava sendo o favorito entre os estudantes.

Algumas vezes, o Swami falava nos Bhakti Sutras de Nárada. Eles são uma breve expressão de devoção a Deus, que nos dá o conceito do sublime ideal hindu: o verdadeiro, omniabsorvente amor pelo Senhor, amor que, literalmente, domina o devoto, excluindo qualquer outro pensamento. Bhakti é o método hindu para realizar a união com o divino, método que atrai naturalmente o devoto. Consiste em amar a Deus e só a Ele. Numa destas palestras, o Swami nos falou, pela primeira vez, longamente, sobre seu Grande Mestre, Sri Ramakrishna, de sua vida diária com ele e de suas lutas com a sua própria tendência à incredulidade, o que às vezes, arrancava lágrimas de seu Mestre.

Os outros discípulos contavam sempre, que Sri Ramakrishna lhes dizia que Swami Vivekananda era uma Grande Alma, vinda, especialmente para ajudá-lo em sua obra e que tão logo o Swami compreendesse quem realmente era, abandonaria o corpo. Porém, acrescentava que antes de chegar esta hora, havia certa missão que o Swami devia realizar, para ajudar, não somente a Índia, mas também aos outros países.

Com freqüência Sri Ramakrishna dizia:

- ”Tenho outros discípulos que estão muito longe e que falam uma língua que eu não entendo.”

Depois de haver permanecido sete semanas em Thousand Island Park, o Swami voltou a Nova Yorque e logo embarcou para o estrangeiro.

Fez conferências e instruiu discípulos, na Inglaterra, até fins de novembro, quando regressou a Nova Yorque e reiniciou suas aulas ali. Nesta oportunidade, seus discípulos contrataram um competente taquígrafo e desta maneira, foram conservadas as palavras do Swami.

O conjunto de suas conferências logo foram publicadas em forma de livros, e estes livros, junto com os folhetos de suas palestras públicas, perduram até hoje, como um monumento indestrutível da obra de Swami Vivekananda na América.

Para nós e para todos os que tiveram o privilégio de ouvir sua palavra, a figura real do Swami parece viver novamente e falar através das páginas impressas; tão exata e cuidadosamente foram transcritas suas impressões, pôr aquele que chegou a ser um dos mais devotos discípulos do Swami.

Tanto o trabalho do mestre, como os seus ensinamentos, constituíram puramente uma tarefa de amor,pôr isso, as bendições do Senhor se derramam sobre ele.

S.E.W.
Nova Yorque, 1908

Swami Vivekananda no Parlamento das Religiões

Palestras Inspiradas

Quarta feira, 19 de junho de 1895

Este dia marca o princípio da instrução regular, dada diariamente por Swami Vivekananda, a seus discípulos. Naquela primeira manhã, chegou com a Bíblia nas mãos e abriu no Evangelho de S.João, dizendo que, já que eram todos cristãos, era natural que começasse pelas Escrituras Cristãs.

"No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus". Os hindus chamam isto de Maya, a manifestação de Deus, porque é o poder de Deus. O Absoluto refletindo-se através do Universo, é o que chamamos Natureza.

O Verbo tem duas manifestações: a geral, da Natureza e a especial, das grandes encarnações de Deus: Krishna, Buddha, Jesus, Ramakrishna. Cristo, a manifestação especial do Absoluto, é conhecido e conhecível. O Absoluto não pode ser conhecido: não podemos conhecer ao Pai, só podemos conhecer o Filho. Só podemos ver o absoluto através do aspecto humano, através de Cristo.

Nos primeiros 5 versículos de S.João, se acha toda a essência do cristianismo; cada versículo está pleno da mais profunda filosofia. O perfeito, jamais se torna imperfeito.

Está na obscuridade, mas não é afetado por ela. A misericórdia de Deus alcança a todos, mas não é afetada pela perversidade. O Sol não é afetado por nenhuma enfermidade de nossos olhos que pode fazer-nos vê-lo deformado.
No versículo 29, as palavras: "Tira o pecado do mundo", significam que Cristo nos mostra o caminho para sermos perfeitos.

Deus se fez Cristo para ensinar aos homens sua verdadeira natureza e que também nós somos Deuses. Somos invólucros humanos que cobrem o Divino, porém, como Homem divino, Cristo e nós somos um só. O Cristo Ternário está acima de nós; o Cristo Unitário é simplesmente, um homem moral; nenhum dos dois pode ajudar-nos.

O Cristo que é a encarnação de Deus, que não esqueceu a Sua divindade, esse Cristo pode ajudar-nos, nele não há imperfeição. Estas encarnações são sempre conscientes da sua própria divindade; sabem disto desde o seu nascimento. São como atores, cuja representação terminou e voltam à cena para agradecer aos outros. Esses grandes seres não são afetados por coisa alguma desta terra; adotam nossa forma e nossas limitações por um tempo, para ensinarmos, porém nunca estão limitados, sempre são livres.

O Bem está perto da Verdade, mas não é, todavia, a Verdade. Depois de aprender a não ser perturbados pelo mal, temos que aprender a não nos sentirmos felizes com o bem. Devemos descobrir que estamos além do bem e do mal, devemos estudar suas concordâncias e ver que ambos são necessários.

A idéia de dualismo provém dos antigos persas. Em realidade o bem e o mal são uma só coisa e estão na nossa própria mente. Quando a mente é dona de si mesma, nem o bem nem o mal a afetam. Sejamos perfeitamente livres, então nada poderá afetá-la e gozaremos de liberdade e felicidade. O mal é uma cadeia de ferro e o bem uma cadeia de ouro; ambas aprisionam.

Sejamos livres e saibamos, de uma vez por todas, que não há correntes para nós. Usemos a corrente de ouro, para nos libertar da de ferro, e depois, abandonemos as duas. O espinho do mal está em nossa carne. Tomemos outro espinho, do mesmo arbusto, para retirá-lo depois nos desfaçamos dos dois e sejamos livres.

No mundo, tomem sempre a posição daquele que dá. Dêem tudo e não busquem recompensa. Dêem ajuda, dêem amor, dêem serviço dêem qualquer coisa que possam dar, por pequena que seja, porém, evitem traficar. Não imponham condições e nenhuma lhes será imposta. Damos, porque é próprio da generosidade, como Deus dá a nós. O Senhor é o único Doador, todos os demais são só guardiões.

Obtenham seu cheque e será valido em todos os lugares. Deus é a inexplicável e inexpressável essência do amor; pode ser conhecido, porém nunca definido.

Em nossas misérias e lutas, o mundo nos parece um lugar espantoso, porém, do mesmo modo que quando vemos dois cãezinhos rosnando e mordendo-se, não fazemos caso porque sabemos que tudo é um brinquedo e mesmo quando se dêem uma ou outra mordida, não se causarão muito dano; assim, todas as nossas lutas são só jogos, aos olhos de Deus.

Este mundo é apenas para brincar e Deus se diverte com ele. Nada há no mundo, que possa motivar a cólera de Deus.

"Mãe! No mar da vida, meu barco afunda. O torvelinho da ilusão e a tormenta do apego crescem a cada momento. Meus cinco remadores (os sentidos) estão loucos e o timoneiro (a mente) é fraco. Perdi meu rumo, meu bote se afunda. Oh! Mãe, salva-me."

"Mãe, Tua luz não se detém ante o santo ou o pecador; ela anima o amante e o assassino."

A Mãe está se manifestando sempre, através de tudo. A luz não é empanada por aquele sobre o qual brilha, nem tão pouco beneficiada por ele. A Luz é sempre pura, sempre imutável. Por trás de cada criatura está a Mãe, pura, amorosa, invariável.

"Mãe, manifestada como Luz em todos os seres, diante de Ti, nos inclinamos!" Ela está, igualmente, no sofrimento e na fome, como no prazer e no sublime. "Quando a abelha libera o mel, o Senhor está comendo."

Sabendo que o Senhor está em todas as partes, os sábios renunciam a abastança e a censura. Saibamos que nada pode fazer-nos mal. Como poderia? Não somos, por acaso, livres? Não somos o Atman? Ele é a Vida de nossas vidas, a audição de nossos ouvidos, a visão de nossos olhos.

Corremos pelo mundo, como um homem perseguido pela polícia e apenas percebemos algum resplendor fugaz das belezas que contém. Todo este temor que nos persegue, provém de crer na matéria. A matéria tira toda sua existência da presença da mente, atrás dela. O que vemos é Deus filtrando-se através da natureza.

Domingo, 23 de junho de 1895

Sejam valentes e sinceros; poderão então, seguir qualquer caminho, com devoção e, forçosamente chegarão ao Todo. Quando você pega um elo da corrente toda ela vem, gradualmente. Reguem as raízes da árvore, (quer dizer, alcancem o Senhor) e toda a árvore estará regada; alcançando o Senhor, teremos alcançado tudo.

A unilateralidade é o veneno do mundo. Quanto mais lados desenvolvemos, tantas mais almas teremos e poderemos ver o universo através de todas as almas; através do bhakta (devoto) e através do jnan (filósofo). Determinem sua própria natureza alimentem-na. Nishta (devoção a um só Ideal), é o único método para o principiante, porém, com amor e sinceridade, chegará ao Todo. As igrejas, doutrinas e formas, são defesas para proteger a planta tenra, mas depois, devem ser arrancadas para que a planta possa tornar-se uma árvore. Do mesmo modo, as diversas religiões, a bíblia, os vedas e os dogmas, todas são proteções para a pequena planta; mas é necessário tirar a proteção. Nishta é, de certo modo, cercar a planta para proteger a alma que luta para permanecer no caminho eleito.

Olhem para o “oceano” e não para a ”onda”; não vejam diferença entre a formiga e o anjo. Cada verme é irmão do Nazareno. Como dizer que um é maior e outro é menor? Cada qual é grande no seu próprio lugar. Nós estamos no sol e nas estrelas, tanto quanto aqui. O espírito está além do espaço e do tempo - está em todas as partes.

Cada boca que chama por Deus é a minha boca, cada olho que vê é meu olho. Não estamos confinados a nenhuma parte; não somos corpo o universo é nosso corpo - Somos magos que agitamos uma vara mágica e criamos cenas segundo a nossa vontade. Somos a aranha, em sua enorme teia, que pode ir para onde quiser, caminhando por qualquer dos seus múltiplos fios.

A aranha só está consciente do ponto onde se encontra, porém, com o tempo, tomará conhecimento de toda a teia. Agora, somos conscientes somente do lugar onde o corpo está somente podemos usar nosso cérebro; porém, quando adquirimos a ultra-consciência, conheceremos tudo, poderemos usar todos os cérebros. Neste mesmo instante podemos dar um empurrão na consciência e ela irá além, atuando no supraconsciente.

Estamos nos esforçando por ser, e nada mais; assim, nada resta do Eu - como cristal puro que tudo reflete, porém que é sempre o mesmo. Quando se alcançou este estado, já não resta nada a fazer o corpo se torna um simples mecanismo, puro, sem necessidade de cuidados, já que não pode tornar-se impuro. Saibam que são o Infinito e o temor desaparecerá. Digam sempre: “eu e meu pai somos um”.

Em tempos futuros, os Cristos serão tão abundantes como os cachos de uva de uma parreira; então a comédia terá terminado e tudo se acabará. O mesmo acontece com uma onda; quando a água começa a ferver, se vê primeiro uma borbulha, depois outra e depois cada vez mais, até que está toda em ebulição e se transforma em vapor.

Buddha e Cristo são as duas maiores borbulhas que o mundo produziu. Moisés foi uma pequena borbulha, porém outras mais e maiores foram surgindo. Algum dia todos serão borbulhas e escaparão, porém, a criação, sempre nova, trará nova água para que volte a se repetir todo o processo.

Segunda feira, 24 de junho de 1895.

(A leitura de hoje foi extraída dos Bhakti Sutras de Nárada.) O amor extremo a Deus é bhakti, e este amor é a verdadeira imortalidade; adquirindo-o, o homem está inteiramente satisfeito e não se aflige por nenhuma perda nem sente, jamais, inveja; conhecendo-o o homem enlouquece. Meu Mestre costumava dizer:

-"Este mundo é um grande manicômio, onde todos os homens estão loucos. Uns por dinheiro, outros por mulheres, alguns por nome e fama, e alguns poucos por Deus. Eu prefiro estar louco por Deus".

Deus é a pedra filosofal que nos converte em ouro no mesmo instante. A forma permanece, porém a natureza se transforma. A forma humana continua, mas já não podemos causar nenhum dano e nem pecar. Pensando em Deus, alguns choram, outros cantam, outros riem, outros dançam, alguns dizem coisas assombrosas, porém todos falam, unicamente, de Deus."

Os profetas pregam, porém as Encarnações como Jesus, Buddha e Ramakrishna, podem dar religião; um olhar, um toque, é o bastante. Este é o poder do Espírito Santo, a imposição das mãos; o poder foi transmitido ao discípulo pelo Mestre - a corrente de poder do Gurú - este, o batismo verdadeiro, foi transmitido desde tempos muito remotos.

Bhakti não pode ser usado para satisfazer nenhum desejo, por ser, ele mesmo, um freio de todos os desejos.

Nárada dá isto como indício de amor. Quando todos os pensamentos, todas as palavras, todas as ações são oferecidas ao Senhor e o menor esquecimento de Deus traz uma profunda infelicidade, então é porque o amor começou.
Esta é a mais elevada forma de amor, porque não há nela, desejo de reciprocidade, cujo desejo permeia todo amor humano.

Um homem que foi além de todos os costumes da sociedade e das Escrituras é um sannyasin. Quando toda a alma vai para Deus, então sabemos que estamos perto de obter esse amor. Obedeçam as Escrituras até que sejam bastante fortes para prescindir delas, e depois, transcendê-las. Os livros não são um fim em si.

A verificação é a única prova da verdade religiosa. Cada um deve verificar por si mesmo e nenhum Mestre que diga: - Eu vi, mas vocês não poderão ver, é digno de confiança. Só devem prestar atenção aos que dizem:

- E vocês também poderão ver.

Todas as Escrituras, todas as Verdades, são Vedas, em todos os tempos, em todos os países; porque essas verdades haverão de ser vistas e qualquer um pode descobri-las. Quando o Sol do Amor assoma no horizonte, sentimos o desejo de dedicar a Deus todas as nossas ações e quando o esquecemos, por um momento, experimentamos grande pesar. Não permitam que algo se interponha entre Deus e seu amor por Ele.

Amem, amem, amem, e diga o mundo o que quiser. O amor é de três categorias: o primeiro exige, porém nada dá, o segundo é um intercâmbio e o terceiro é amor sem a menor idéia de recompensa, amor como o das mariposas pela luz. O amor é mais elevado do que as obras, mais do que a Yoga, mais do que o conhecimento. A obra é simplesmente um aprendizado para quem a executa e não pode fazer bem aos outros.

Devemos resolver nosso próprio problema; os profetas só nos mostram como agir. Aquilo que pensarem, aquilo serão, e se despejarem sua carga sobre Jesus, terão que pensar Nele, chegar a ser como Ele e amá-Lo.

O amor extremado e o conhecimento mais elevado são a mesma coisa. Teorizar sobre Deus, de nada serve; devemos amar e trabalhar.

Abandonem o mundo e todas as coisas mundanas, especialmente enquanto a planta é tenra.

Pensem noite e dia em Deus, e não pensem em mais nada, até onde isto seja possível.

Os pensamentos diários, indispensáveis, podem todos ser pensados através de Deus.

Comam para Ele, bebam para Ele, durmam para Ele, vejam-No em tudo. Falem de Deus aos outros; isto é muito benéfico.

Alcancem a graça de Deus e de Seus maiores filhos; estes são os dois caminhos principais que conduzem a Deus.

A companhia destes Filhos da Luz é muito difícil de conseguir; cinco minutos em companhia deles, transformam uma vida inteira e, se realmente quiserem com intensidade, um deles virá a vocês.

A presença daqueles que amam a Deus, santificam um lugar, tal é a glória dos filhos do Senhor.

Eles são Ele; e quando eles falam, suas palavras são Escrituras. O lugar onde eles estiveram, guarda suas vibrações e os que vão até lá sentem, e tem a tendência de fazerem-se santos, também. Para tais amantes, não há distinção de casta, instrução, beleza, nascimento, riqueza ou posição; porque todos eles são Seus.

Evitem as más companhias, especialmente no princípio.
Evitem as companhias mundanas porque elas distraem suas mentes.
Abandonem todo eu e meu.
O Senhor se apresenta para aquele que nada tem no Universo.

Cortem as ligações de toda afeição mundana; superem toda a preocupação, toda inquietude sobre o que será de vocês.

Nunca voltem o rosto para ver o resultado do que fizeram. Entreguem a Deus tudo, e sigam adiante sem pensar em mais em nada.

A alma inteira verte, como uma corrente contínua, para Deus. Assim, não resta tempo para buscar dinheiro, nem nome, nem fama. Não há tempo para pensar em outra coisa além de Deus, então, virá aos nossos corações essa infinita e assombrosa felicidade do Amor.

Todos os desejos são varridos.

O amor a Deus aumenta a cada momento e sempre é novo; só é possível compreender sentindo.

O amor é o mais fácil de tudo, não precisa lógica, é natural.
Não precisamos de demonstrações nem de provas.
O ato de raciocinar é limitar algo por meio de nossa mente.

Jogamos uma rede e pegamos algo e então dizemos que o demonstramos, porém nunca, nunca, poderemos pescar Deus com uma rede.

O amor deveria dispensar vínculos.
Mesmo quando amamos de uma forma errada, é algo do verdadeiro amor, da verdadeira felicidade; o poder é o mesmo, usamos como queremos. Sua natureza essencial é paz e felicidade.

Quando o assassino beija seu filho, esquece tudo por um momento, menos o amor. Abandonem todo eu e todo o egoísmo, descartem a cólera e a luxúria; dêem tudo a Deus. Eu não sou, porém Ele é; o homem velho desapareceu por completo, só Ele resta. Sou Ele.

Não culpem a ninguém; se o mal vem, saibam que o Senhor está brincando com vocês, e alegrem-se muito.

O amor está além do tempo e do espaço; é absoluto.

Terça feira, 25 de junho de 1895

Depois de cada felicidade, vem a desdita; pode estar longe ou perto. Quanto mais avançada é a alma, tão mais rapidamente seguem uma a outra. O que precisamos não é nem felicidade, nem infelicidade. Ambas nos fazem esquecer nossa verdadeira natureza; ambas são correntes, uma de ferro, outra de ouro; por detrás de ambas, está o Atman, que não conhece alegria nem sofrimento.

Estes são estados e os estados sempre devem mudar; porém a natureza da alma é de paz imutável. Não precisamos obtê-la, já a temos, limpem a sujeira e a verão. Mantenham-se firmes no Senhor, só então poderão amar verdadeiramente o mundo.

Mantenham-se numa posição muito, muito alta; conhecendo nossa natureza universal podemos contemplar com perfeita tranqüilidade todo o panorama do mundo. É só um jogo de crianças, bem o sabemos e não devemos nos incomodar com isto.

Se a mente se compraz com a liberdade, se ressentirá com a censura. Todos os prazeres dos sentidos e até os da mente são fugidios, porém dentro da cada um de nós está o único verdadeiro prazer sem vínculo, que não depende de nada.

É inteiramente livre, é a beatitude. Quanto mais interior é a nossa felicidade, mais espiritualizados somos. O prazer do Eu Superior é o que o mundo chama de religião.

O universo interno é real e infinitamente maior do que o externo, que é apenas uma sombria projeção do verdadeiro. Este mundo não é nem verdadeiro nem ilusório, é a sombra da verdade.

“A imaginação é a dourada sombra da verdade.” como disse o poeta. Nós entramos na criação e então ela nos parece viva. As coisas, em si mesmo, estão mortas; somos nós quem lhes damos vida, e logo, como loucos, giramos ao seu redor e nos assustamos ou nos divertimos com elas.

Mas não sejam como certos pescadores que, surpreendidos por uma tempestade ao voltar do mercado para seus lares, tiveram que se refugiar na casa de um florista.

Durante a noite, foram alojados num lugar próximo ao jardim, onde o ar estava saturado da fragrância das flores.

Em vão tentaram dormir, até que um deles propôs que molhassem as cestas e as pusessem perto da cabeça. Então todos caíram num sono profundo. O mundo é nossa cesta de peixes, não devemos depender dele para o nosso bem estar; os que o fazem, são tamásicos, ligados.

Depois vêm os rajásicos, ou seja, os egoístas, que sempre dizem: eu, eu. Algumas vezes fazem o bem e podem chegar a ser espiritualizados. Porém os mais elevados são os sáttwicos, os introspectivos, os que vivem só no Eu.

Estas três qualidades, tamas, rajas e sattwa, estão em todos nós e, em todo momento, predomina uma delas.

A criação não é a construção de algo, é a luta para recobrar o equilíbrio, como a dos pedaços de gelo, jogados no fundo de um copo de água, que sobem, Precipitadamente à superfície, juntos ou separados.

A vida está e deve estar acompanhada pelo mal. Um pouco de mal é a origem da vida; a pouca perversidade que há no mundo é muito boa, pois se o equilíbrio fosse restaurado, o mundo se acabaria, já que a homogeneidade e a destruição são uma coisa só.

Enquanto o mundo gira, o bem e o mal vão com ele, porém quando o transcendemos, nos livramos do bem e do mal, e obtemos a bem-aventurança. Jamais será possível conseguir prazer sem dor, bem sem mal, porque, a vida em si, nada mais é do que o equilíbrio perdido.

Nós necessitamos, é de liberdade, não de vida, nem de prazer, nem de bem. A criação é infinita, sem princípio e sem fim; uma incessante ondulação sobre um lago infinito.

Existem, todavia, profundidades não alcançadas e outras, onde o equilíbrio foi recuperado, porém a onda volta sempre; a luta para resgatar o equilíbrio, é eterna. Vida e morte são apenas diferentes nomes de um mesmo fato, os dois lados de uma moeda.
Ambas são Maya, o inexplicável estado de esforçar-se a cada momento para viver um instante e depois morrer. Mais, além disso, se encontra a verdadeira natureza, o Atman.

Embora reconheçamos um Deus, é, na realidade, só o Eu, do qual nos vemos separados e que adoramos como se estivesse fora de nós, porém Ele é sempre o nosso verdadeiro Ser, o único Deus.

Para recuperar o equilíbrio, devemos compensar tamas com rajas e depois conquistar rajas com sattwa, este estado tranqüilo e belo, que irá crescendo, crescendo, até que todo o resto tenha desaparecido. Destruam os elos, convertam-se em filhos, sejam livres, e então poderão ver o Pai, como Jesus O viu.

A força infinita é religião e Deus. Evitem a fraqueza e a escravidão. Só serão uma alma, se forem livres, haverá imortalidade para todos, se forem livres; há um Deus, sim, e Ele é livre.

O mundo para mim e não eu para o mundo. O bem e o mal são nossos escravos, não nós deles. É da natureza animal, ficar onde está (não progredir); é natural, no homem buscar o bem e evitar o mal; é natural em Deus não procurar nem um nem outro, mas ser eternamente bem-aventurado. Sejamos deuses!

Façamos do coração um oceano, vão para além das trivialidades do mundo. Enlouqueçam de alegria, mesmo diante do mal, vejam o mundo como um quadro e desfrutem, então, sua beleza, sabendo que nada os afetará.

Crianças que brincam num pântano - esse é o bem do mundo. Olhem para eles com tranqüilidade e complacência, veja o bem e o mal como uma coisa só, porque ambos são, simplesmente, um jogo de Deus. Divirtam-se com eles.

Meu Mestre costumava dizer:

- Tudo é Deus, mas o Deus-tigre deve ser evitado. “Toda água é água, porém a água suja não serve para beber.”

O firmamento inteiro é o incensário de Deus e o Sol e a Lua são as lâmpadas. De que templos necessitamos? Todos os olhos são Seus e, no entanto, Ele não tem olhos, todas as mãos são Suas, embora Ele não tenha mãos.

Não busquem, nem recusem, aceitem o que vem. A liberdade consiste em não ser afetado por coisa alguma.

Não se contentem em suportar, mantenham-se desligados. Lembrem-se da história do touro: Um mosquito, pousou durante um longo tempo sobre o chifre de um touro, porém, lhe doeu a consciência e disse: - Senhor touro, eu permaneci muito tempo sobre o seu corpo, talvez o tenha incomodado, sinto muito, estou partindo.

O touro replicou: Oh, não, absolutamente.Pode trazer também toda a sua família e viver com ela no meu chifre. O que isso pode me importar?

Quarta feira, 26 de junho de 1895

Efetuamos nosso melhor trabalho, exercemos nossa maior influência, quando esquecemos, por completo o eu. Todos os grandes gênios sabem disso.Abrimo-nos ao único Divino Ator e deixamos que Ele represente; não façamos nada, nós mesmos.

“Oh Arjuna! Eu não tenho nenhum dever no mundo”, disse Krishna. Sejam perfeitamente resignados, inteiramente indiferentes, só então poderão realizar a verdadeira obra. Não existem olhos capazes de ver as forças reais, só podemos ver os resultados. Deixem de lado o eu, afastem-no, esqueçam-no, deixem que Deus trabalhe sozinho.

Isto é assunto Seu. Não temos outra coisa a fazer, senão afastarmos e deixar que Deus atue. Quanto mais nos retiramos, mais Deus se aproxima.

Despojando-nos do pequeno eu deixamos viver só o Eu grande. Somos o que nossos pensamentos fizeram de nós, portanto, tenham cuidado com o que pensam. As palavras são secundárias. Os pensamentos vivem e viajam para muito longe. Cada pensamento que pensamos está colorido com nosso próprio caráter, por conseguinte, no homem santo e puro, até suas preocupações e enganos, terão a tendência de conter seu próprio amor e pureza e farão bem.

Não desejem nada; pensem em Deus e não busquem recompensas; é o homem sem desejos, que obtém os resultados. Os monges mendicantes são os que levam a religião até a porta de cada casa; porém eles pensam que nada fazem, não pretendem coisa alguma, fazem sua obra inconscientemente.

Se comessem o fruto da árvore do conhecimento, se tornariam egoístas e todo o bem que fazem, desapareceria. Tão depressa quanto dizemos “eu”, nos enclausuramos dentro de nós mesmos e a isto, chamamos conhecimento, porém isto não é mais do que dar voltas e mais voltas, como um boi amarrado a uma árvore. O Senhor é quem consegue ocultar-se melhor, e sua obra é a maior; assim, aquele que melhor se oculta, é o que mais executa.

Conquistem a vocês mesmos e o universo inteiro será seu. No estado de sattwa, vemos a natureza real das coisas, transcendemos os sentidos e a razão. A muralha diamantina que nos contém, é o egoísmo; sempre nos referimos a nós mesmos, pensando - eu faço isto, aquilo e aquilo outro... Despojem-se deste mesquinho eu,matem este demônio que os habita.

Não mais eu, mas Ele; digam, sintam e vivam isto. Até que nos livremos do mundo manufaturado pelo ego,não podemos entrar no reino dos céus. Ninguém o conseguiu e ninguém o conseguirá.

Abandonar o mundo, é esquecer o ego, desconhecê-lo inteiramente, viver no corpo, porém não ser dele. Este ego inflado deve ser extinto. Bendigam os homens, quando estes o injuriam. Pensem no enorme bem que estão fazendo; eles só podem causar dano a si mesmos.

Vão para aonde as pessoas os odeiem, deixem que pisoteiem seus egos e que os aniquilem, já que assim, se aproximarão mais do Senhor. Façamos como a macaca: abracemos ao nosso filho e ao mundo, enquanto podemos; porém, por fim, quando nos vemos forçados a pisoteá-los e passar por cima deles, então estamos prontos para chegar a Deus.

Bem aventurado aquele que é perseguido por amar a justiça. Bem aventurados, se não sabemos ler, porque será menos uma coisa para nos separar de Deus. O prazer é uma serpente com um milhão de cabeças, que devemos esmagar com nossos pés.

Renunciamos, continuamos avançando, porém como nada encontramos, caímos em desespero; porém devemos perseverar e perseverar. O mundo é um demônio. É um reinado, do qual o pequeno ego é o rei. Destronem-no e mantenham-se firmes.

Abandonem a luxúria, o ouro e a fama e permaneçam no Senhor; assim, chegarão, finalmente, a um estado de inteira indiferença. A idéia de que a gratificação dos sentidos constitui um prazer, é puramente materialista; não há nenhum vestígio do verdadeiro prazer nisto; toda alegria produzida é um mero reflexo da verdadeira felicidade.

Aqueles que se entregam ao Senhor fazem mais pelo mundo do que todos os chamados trabalhadores. Um homem que se purificou completamente faz mais que um regimento de pregadores Da pureza e do silêncio, nasce toda palavra de poder.

“Sejam como as açucenas: fiquem quietos num lugar, abram suas pétalas e as abelhas aparecerão por si mesmas.

Era grande o contraste entre Keshab Chunder Sen e Sri Ramakrishna. O segundo nunca reconheceu nenhum pecado nem miséria no mundo, nem mal contra o qual lutar.

O primeiro foi um grande reformador ético, líder e fundador da Brahmo-Samaj. Em doze anos, o tranqüilo profeta de Dakshineswar produziu uma evolução, não só na Índia, mas no mundo todo. O poder é dos silenciosos que só vivem e amam e logo se retiram.

Nunca dizem eu nem meu; só são felizes sendo instrumentos. Tais homens são os construtores de Cristos e Bhuddas, sempre viventes, totalmente identificados com Deus; existências ideais, que nada pedem nem estão conscientes de que fazem algo.

São os verdadeiros impulsores, os jivanmuktas, absolutamente desprovidos de eu; neles a pequena personalidade desapareceu por completo e a ambição não existe. São sempre essência, sem uma personalidade.

Quinta feira, 27 de junho de 1895

(Esta manhã, o Swami trouxe novamente o Novo Testamento e voltou a falar sobre o Evangelho de S. João.)

Maomé declarou ser o Consolador que Cristo havia prometido enviar. Considerou desnecessário proclamar um nascimento sobrenatural para Jesus. Tais declarações foram comuns em todas as épocas e em todos os países.

Todos os grandes homens pretenderam ter por pai, um deus. O conhecimento é relativo; nós podemos ser Deus, mas nunca conhecê-lo. O conhecimento é um estado inferior; a queda de Adão ocorreu, quando este chegou a conhecer. Antes disso, era só Deus, era verdade e era pureza.

Nós somos nosso próprio rosto, mas só podemos ver o seu reflexo, nunca a coisa real.

Somos amor, porém quando pensamos nele, temos que usar um fantasma, o que prova que a matéria é tão somente um pensamento exteriorizado. Nivritti é afastar-se do mundo. A mitologia hindu diz que os primeiros quatro seres criados, (Sanaka, Sanandana, Sanatana e Sanatikumara) foram advertidos por um cisne (Deus, mesmo) de que a manifestação era apenas secundária, e, por conseguinte, se abstiveram de criar.

O significado disso, é que expressão, é degeneração, porque o espírito só pode ser expresso pela letra “y” (a letra raiz). No entanto o princípio está obrigado a revestir-se de matéria, embora saibamos que mais adiante perderemos de vista o real, percebendo tão apenas o invólucro.

Cada um dos grandes mestres compreendeu isto e por esse motivo que uma sucessão contínua de profetas tenha que vir para o princípio e dar uma nova apresentação mais ajustada aos tempos.

Meu Mestre ensinou que a religião é una; todos os profetas dizem o mesmo, mas só podem apresentar o princípio numa forma, de modo que esquecem a antiga e nos apresentam outra nova.

Quando nos livramos de nome e forma, especialmente do corpo - quando não necessitamos corpo bom nem mal - só então nos livramos da escravidão. Eterno progresso é eterna escravidão; a aniquilação da forma é o que se deve preferir; devemos nos livrar de todo corpo, até dos corpos divinos.
Deus é a única existência real, não pode haver duas.

- Só há uma Alma, e eu sou Ela. - As boas obras são valiosas como meio de escape; fazem bem a quem as pratica nunca a nenhum outro.

O conhecimento é uma mera classificação. Quando achamos muitas coisas de um mesmo tipo, damos certo nome ao conjunto e ficamos satisfeitos; descobrimos fatos, nunca o porquê. Ampliamos nossa órbita no extenso campo da obscuridade e acreditamos que conhecemos algo!

Nenhum porque pode se explicado nesse mundo, para isto precisamos chamar a Deus. O Conhecedor nunca pode ser expresso; é como um grão de sal cai num oceano. Imediatamente se dissolve nele.

A diferença cria; a homogeneidade ou identidade é Deus. Transcendendo a diferença poderemos então conquistar a vida e a morte e chegar à identidade eterna e estar em Deus, ser Deus.

Adquiram a liberdade, mesmo que isso custe as suas vidas. Todas as vidas nos pertencem como as páginas pertencem a um livro; porém, nós permanecemos imutáveis.

O testemunho, a alma que recebe as impressões, é como o olho que percebe a impressão de um círculo de fogo, quando giramos, rapidamente, diante dele uma brasa. A alma é a unidade de todas as personalidades, e porque está em repouso, e é eterna e imutável.

É Deus, o Atman. Não é vida, mas está esculpida na vida. Não é prazer, porém está convertida em prazer. O mundo atual abandonou Deus, porque parece que Ele, não faz bastante pelo mundo.

E diz: “Para que serve?”

Porém devemos considerar Deus como uma simples autoridade municipal ?
A única coisa que devemos fazer é deixar de lado todos os desejos, os ódios e as diferenças;sufocar o eu interior, suicidarmos mentalmente, por assim dizer; mantermos o corpo e a mente puros e saudáveis, porém só como instrumento para que nos ajudem a alcançar Deus; tal é o sua única e verdadeira função.

Busquem a verdade por amor à verdade apenas, não desejem a felicidade. Pode vir, porém não deixem que ela seja sua razão de ser. Não tenham outro motivo além de Deus. Avancem resolutamente para a verdade, mesmo que tenham que atravessar o inferno.

Sexta feira, 28 de junho de 1895

Hoje fomos todos a uma excursão pelo campo e, embora o Swami tenha falado constantemente, como fazia onde quer que estivesse, não se fez nenhuma anotação, portanto, não restou nenhum apontamento sobre o que ele disse. No entanto, ao começar o almoço observou:

- Sejamos gratos porque todo alimento é Brahman. Sua energia universal se transmuta em nossa energia individual e nos ajuda em tudo o que fazemos.

Sábado, 29 de junho de 1895

(O Swami, chegou esta manhã, com o Gita nas mãos)

Krishna, o Senhor das almas, fala a Arjuna, ou Gudákesa, senhor do sonho (aquele que conquistou o sonho). O campo da virtude (o campo de batalha) é este mundo; os cinco irmãos (que representam a retidão lutam contra outros cem irmãos) tudo quanto amamos e contra o que temos que lutar; o irmão mais heróico, Arjuna, (a alma desperta), é o general.

Temos que combater todos os prazeres dos sentidos, matar as coisas com as quais estamos mais ligados. Devemos manter-nos isolados; somos Brahman, todas as outras idéias devem estar contidas nesta. Krishna fez isso, porém sem nenhum apego; estava no mundo, mas não era do mundo.

Façam todas as obras, mas sem ligaduras, trabalhem pelo amor ao trabalho, nunca para vocês mesmos. A liberdade nunca pode pertencer aquele que tem nome e forma; é a argila de que nós, as ondas, somos feitos; portanto é limitada, não livre.

Deste modo, não se pode atribuir a liberdade ao que é limitado. Uma onda nunca pode dizer "eu sou livre", como onda; só quando perde toda idéia de forma, se torna livre. O Universo inteiro é só o Eu, com variações, um tom único para que as variações sejam suportáveis; algumas vezes existem dissonâncias.

É a melodia universal, porém elas fazem com que a harmonia seguinte seja mais perfeita. Na melodia universal, três são as idéias que predominam: liberdade, força e identidade. Se sua liberdade prejudica outro, não são livres; não se deve causar dano aos demais.

"Ser fraco é ser infeliz", disse Milton.

O fazer e o sofrer estão permanentemente unidos. (Com freqüência, também, o homem que mais ri é o que mais sofre.).

Todos têm direito ao trabalho, mas não ao fruto das suas obras.

Os maus pensamentos, considerados do ponto de vista material, são os bacilos da enfermidade. Cada pensamento é como uma martelada num pedaço de ferro, (nosso corpo) fazendo dele, o que nós queremos que ele seja. Somos herdeiros de todos os bons pensamentos do universo, se nos abrirmos a eles. Todos os livros estão em nós.

”Insensato, não ouve, em seu próprio coração, dia e noite, está cantando a Música Eterna: Sat-chit-ananda, sohan, sohan". (Existência, sabedoria, felicidade absoluta; Eu não sou eu, sou Ele.)

A fonte de todo o conhecimento está em cada um de nós, assim como na formiga e no anjo mais elevado . A religião real é uma só, mas lutamos por questões de formas, símbolos e ilustrações.

O milenium, (idade do ouro) existe para aqueles que o fazem; nós nos perdemos e pensamos que o mundo está perdido. A força perfeita, não tem atividade nenhuma, neste mundo; se contenta com ser, não atua. Embora a perfeição real seja uma só, as perfeições relativas são, necessariamente, muitas.

Domingo, 30 de junho de 1895

Tratar de pensar sem uma imagem, é querer fazer do impossível, possível. Não podemos pensar - mamífero - sem um exemplo concreto; assim acontece com a idéia de Deus. A grande abstração de idéias no mundo é o que chamamos Deus; cada pensamento consta de duas partes - o pensar e a palavra - devemos usar ambas.

Nem os idealistas nem os materialistas estão corretos, devemos ficar com os dois, idéia e expressão. Só podemos conhecer o reflexo, assim como só podemos ver nosso rosto num espelho.

Ninguém jamais conhecerá o próprio Eu, ou Deus, porém nós próprios somos este mesmo Deus. O Nirvana é um estado de não ser.

Buddha disse:

"Vocês são o melhor, são o real, quando já não são.” (Quando o pequeno eu já desapareceu) A Divina Luz interna, em muitas pessoas, está obscurecida.

É como uma lâmpada num estojo de ferro, através do qual nenhuma luz pode brilhar. Gradualmente, pela pureza e pelo inegoismo, podemos fazer com que aquilo que escurece fique menos e menos denso, até que, por fim, se torne transparente como um cristal.

Sri Ramakrishna era como um estojo de ferro transformado em cristal, através do qual se podia ver a luz interna tal como ela era.
Todos estamos a caminho de ser estojos de cristal. Enquanto há estojo devemos pensar nos recursos materiais. Nenhum impaciente pode chegar a ter êxito.

Os grandes santos são as lições objetivas do Princípio. Porém os discípulos convertem o Santo em Princípio, e logo esquecem o Princípio, na pessoa.

O resultado da constante oposição de Buddha contra um Deus pessoal foi a introdução de ídolos, na Índia. Nos Vedas, não conheciam ídolos, porque viam Deus em todas as partes, porém, a reação contra a perda de Deus como Criador e Amigo, trouxe os ídolos e Buddha chegou a ser um deles - da mesma forma que Jesus.

A sucessão de ídolos se estende desde os de pedra e de madeira, até Jesus e Buddha, porque precisamos de ídolos.

As tentativas reformadoras violentas terminam sempre, por retardar as reformas.

Nunca digam: “Isto é mau”, digam apenas, “É bom, mas poderá ser melhor”. Os sacerdotes são um mal em todos os países, porque denunciam e criticam. O amor nunca acusa, só a ambição o faz. Não existe uma indignação justa, nem um matar justificável. Se não permitem a um homem que se torne um leão, se tornará uma raposa.

As mulheres são um poder, mas atualmente são mais um poder para o mal, porque os homens as oprimem; a mulher se tornou uma raposa, porém, quando já não for oprimida, se converterá num leão. Falando de forma geral, a aspiração espiritual deve ser equilibrada pelo intelecto, porque de outro modo, pode degenerar em mero sentimentalismo.

Todos os deístas estão de acordo em que por detrás da variável, há um Imutável, embora divergindo em seu conceito acerca do Ultérrimo. Buddha negou isso in toto.

“Não há Brahman, não há Atman, não há alma”, disse ele. Como caráter, Buddha foi o maior que o mundo já viu, depois dele, Cristo; porém, os ensinamentos de Krishna, tal como os expõe no Gita, são as maiores que o mundo conheceu.

Aquele que escreveu este maravilhoso poema foi uma dessas raras almas, cuja vida gera uma onda de regeneração através do mundo. A raça humana jamais voltará a ver um cérebro como o daquele que escreveu o Gita.

Só há um Poder, manifeste-se ele como bem ou como mal. Deus e o Diabo são um mesmo rio, cujas águas correm em direções opostas.

Segunda feira, 1 de julho de 1895

(Sri Ramakrishna Deva)

Sri Ramakrishna Deva era filho de um brahmin muito ortodoxo, que recusava até um obséquio, se não lhe era oferecido por certa classe de brahmins; não podia trabalhar e nem sequer ser sacerdote de um templo, nem vendedor de livros, nem servir a ninguém.

Só podia ter o que lhe caísse do céu (esmolas), e mesmo estas, não podiam vir de um brahmin caído. A religião hindu, não dá importância aos templos; se todos fossem destruídos, a religião não seria afetada em nada.

Um homem deve construir uma casa, somente para “Deus e para os hóspedes”; construir para si mesmo, seria um egoísmo; portanto ele elege templos, como lugares de residência para Deus.

Devida a extrema pobreza de sua família, Sri Ramakrishna se viu obrigado, durante sua adolescência, a ser sacerdote um templo dedicado à Divina Mãe, chamada também Prakriti, ou Kali, representada por uma figura feminina, de pé sobre uma figura masculina.

Isto significa, que enquanto a Maya não desaparecer, não conheceremos coisa alguma. Brahman é neutro, desconhecido e inconcebível, porém, para objetivar-se se cobre com um véu de Maya e se converte na Mãe do Universo e deste modo produz a criação.

A figura prostrada, (Shiva, ou Deus) se tornou sava (morto, sem vida), por estar encoberto por Maya. O jnani diz: “Eu descobrirei Deus pela força" (advaitismo), porém, os dualistas exclamam:

“Descobriremos Deus, orando para a Mãe, pedindo-lhe que nos abra a porta cuja chave só Ela possuí".

O serviço diário a Madre Kali despertou, gradualmente, tão intensa devoção na alma do jovem sacerdote, que chegou a um ponto em que não pode continuar o culto regular do templo.

Assim, abandonou seus deveres e se retirou para um pequeno bosque próximo, onde se entregou inteiramente à meditação. O bosquezinho ficava às margens do Ganges e, certo dia, a rápida correnteza atirou aos pés de Sri Ramakrishna uma quantidade de materiais; o exatamente necessário para construir uma pequena cabana.

Naquela cabana residiu, chorou e rezou, sem se preocupar com seu corpo nem com coisa alguma que não fosse sua Divina Mãe. Um parente lhe dava de comer uma vez por dia e velava por ele.

Mais tarde, uma senhora sannyasin (asceta) chegou para ajudá-lo a encontrar sua Mãe. Qualquer mestre de que ele precisasse, chegava a ele, sem que ele tivesse que buscá-lo. A ele se apresentaram um santo de cada seita para oferecer-lhe instrução e cada um escutou ansiosamente. Porém, ele adorava só a Mãe, tudo para ele era a Mãe.

Sri Ramakrishna nunca pronunciou uma palavra dura contra ninguém. Era tão maravilhosamente tolerante que cada seita pensava que ele lhe pertencia. Amava a todas.

Para ele, todas as religiões eram verdadeiras. Encontrou um lugar para cada uma delas. Ele era livre, porém livre em amor, não em violência. O tipo suave cria, o violento espalha. Paulo é um exemplo de violência para espalhar a luz à época de São Paulo, esperou, já passou; temos que trazer luzes novas para os dias que correm.

A grande necessidade atual é de uma organização adaptada a sua época. Quando chegarmos a isto, teremos a última religião do mundo. A roda deve girar e nós devemos ajudá-la e não estorvá-la.

As ondas de pensamentos religiosos sobem e descem e sobre a mais alta onda está o profeta da época. Ramakrishna veio para ensinar a religião de hoje, construtiva, não destrutiva.

Teve que voltar à natureza e observar os fatos; assim, adquiriu uma religião científica, que nunca diz acreditem e sim vejam; eu vejo e vocês também podem ver. Empreguem os mesmos meios e alcançarão as mesmas visões.

Deus chegará a cada um de nós; a harmonia está ao alcance de todos. Os ensinamentos de Ramakrishna são a essência do hinduísmo; não lhe pertencem como coisa própria nem ele jamais pretendeu que assim fosse; nada lhe importava, nem nome nem fama.

Começou a pregar quando tinha uns 40 anos, porém nunca saiu com o propósito de fazê-lo. Esperava que aqueles que aqueles que precisavam de ensinamentos viessem a ele. De acordo com o costume hindu, foi casado, por seus pais, numa idade muito tenra, com uma menina de 5 anos, que ficou em casa, com sua família, numa aldeia distante, inconsciente da grande luta que seu jovem marido estava enfrentando.

Quando ela chegou a idade adulta, ele já estava profundamente absorvido na devoção religiosa. Viajou ela, a pé, desde sua casa até o Templo de Dakshineswar, onde ele vivia e logo que o viu, reconheceu sua grandeza, porque ela também era uma grande alma, pura e santa, que só desejou ajudá-lo em sua obra, sem nunca tentar fazê-lo descer ao nível de grihastha (chefe de família).

Sri Ramakrishna é adorado, na Índia como uma das grandes Encarnações. O aniversário do seu nascimento é celebrado como um festival religioso.
Há uma seita que diz:

“É uma fraqueza adorar só o bom e o belo, devemos adorar também o horrível e o mau.”

Esta seita prevalece no Tibet e seus adeptos não se casam. Na Índia, não pode existir claramente, em público, mas eles se organizam em sociedades secretas. Nenhum homem decente pertenceria a ela, a não ser secretamente. Por três vezes, foi tentado instituir o comunismo, no Tibet e todas as tentativas fracassaram.

Fazem uso de *tapas* e com um êxito enorme, no que se refere aos poderes psíquicos. Tapas, significa literalmente, queimar.

É um tipo de penitência para conquistar a natureza superior. Consiste, algumas vezes, em fazer o voto de permanecer, desde o nascer até o por do sol, repetindo incessantemente OM.

Determinadas atitudes produzem certos poderes, que poderão ser usados tanto espiritual como materialmente. Esta idéia de tapas está contida em toda a religião hindu.

Os hindus até dizem que Deus fez *tapas* para criar o mundo. É um Instrumento mental com o qual se pode fazer tudo.

“Tudo quanto existe, nos três mundos, podem ser adquiridos com tapas.”

As pessoas que falam de seitas com as quais não se simpatizam, são embusteiros, conscientes ou inconscientes. Um crente de uma seita, raramente vê a verdade existente nas outras.

Um grande bhakta (Hanuman) disse, uma vez, quando lhe perguntaram que dia do mês era: “Deus é meu tempo eterno, nenhum outro me importa.

Terça feira, 2 de julho de 1895

(A Divina Mãe)

Os saktas adoram a Energia Universal como Mãe, o nome mais doce que conhecem; porque a Mãe é o ideal mais elevado de feminilidade, na Índia. Quando Deus é adorado como Mãe, como Amor, os hindus o chamam o caminho da direita, que conduz à espiritualidade, mas nunca à prosperidade material.

Quando Deus é adorado em seu aspecto terrível, isto é, no caminho da esquerda, leva, geralmente a grande prosperidade material, porém, raramente à espiritualidade e, eventualmente conduz à degeneração e a extinção da raça que o pratica.

A mãe é a primeira manifestação de poder e é considerada como uma idéia mais elevada do que a de a idéia de pai. Com o nome de mãe, vem a idéia de sakti, a Energia Divina e Onipotente.

Aqui, nos vemos como uma criança, que acredita que sua a mãe é toda poderosa, capaz de fazer qualquer coisa.

A Divina Mãe é a Kundalini, que dorme em nós. Sem adorá-la, nunca poderemos conhecer a nós mesmos. Toda misericordiosa, toda poderosa, onipresente, são os atributos da Divina Mãe.

Ela é a soma total da energia no universo.
Cada manifestação de poder, no universo, é obra da Mãe.
Ela é a Vida, é a Inteligência, é o Amor.
Está no universo e ao mesmo tempo está separada dele.
É uma pessoa e pode ser vista e conhecida (como Sri Ramakrishna a viu e conheceu.)

Apoiados na idéia da Mãe, nós podemos fazer qualquer coisa. Ela responde rapidamente às nossas orações.

Pode mostrar-se a nós, sob qualquer forma e a qualquer momento. A Divina Mãe pode ter forma, (rupa) e nome (nama) ou não ter nome nem forma, e ao adorá-la nestes diferentes aspectos, podemos elevar-nos à Existência Pura, que não tem forma nem nome.

A soma total de todas as células de um organismo, constitui uma pessoa; assim, cada alma é como uma célula, e a soma delas é Deus, e além disto, está o Absoluto.

O Absoluto é um mar em calma; o mesmo mar com ondas, é a Divina Mãe. Ela é tempo, espaço e causa-ação.

Deus é Mãe e tem duas naturezas, uma condicionada e outra incondicionada. Como condicionada é Deus, natureza e alma (homem). Como incondicionada é desconhecida e incognoscível.

Do incondicionado procede a trindade: Deus, Natureza e Alma, que é o triângulo da existência.

Esta é a idéia *visishtad-vaitista*, que vem a ser o monismo qualificado. Um fragmento da Mãe, uma gota, era Krishna, outra foi Buddha e outra foi Cristo.

A adoração, ainda que seja feita a uma chispa da Mãe, em nossa mãe terrena, conduz à grandeza. Adorem a Ela, se querem amor e sabedoria.

Quarta feira, 3 de julho de 1895

Falando de modo geral a religião humana começa com o temor. “O temor de Deus é o princípio da sabedoria.”

Porém, mais tarde, vem uma idéia mais elevada. “O amor perfeito destrói o temor.”

Restos de temor restarão em nós até que adquiramos o conhecimento, até sabermos o que é Deus. Cristo, como homem, teve que ver a impureza e denunciá-la; porém Deus, infinitamente mais elevado, não vê a iniqüidade e não pode se encolerizar.

A acusação nunca é a atitude mais elevada. As mãos de David estavam manchadas de sangue, por isso ele não pode construir o templo. Quanto mais crescemos em amor, em virtude e santidade, tanto mais somos capazes de ver o amor, a virtude e a santidade fora de nós.

Toda censura a um outro, é, na verdade, uma censura a nós mesmos. Se amoldem ao microcosmo, coisa que está em seu poder, e o macrocosmo se amoldará a vocês.

É como o paradoxo hidrostático: uma gota de água pode servir de contrapeso para o universo. Não podemos ver fora, aquilo que não somos internamente. O universo está para nós, como a grande máquina para a máquina em miniatura; a indicação de qualquer erro na máquina pequena, nos faz imaginar perturbações, na grande máquina.

Cada um dos passos, realmente significativos para o progresso do mundo, foi dado por amor; a crítica jamais pode fazer algum bem, segundo demonstraram as experiências de milhares de anos. Com censura, nada se consegue.

Um Vedantista verdadeiro deve simpatizar com tudo. O monismo, ou absoluta unidade com Deus, é a alma da Vedanta.

O dualista tende, naturalmente, a se mostrar intolerante, pensando que seu caminho é o único.

Na Índia, os vaishnavas, que são dualistas, constituem uma seita muito intolerante. Entre os saivas, outra seita dualista, se conta a história de um devoto chamado Ghantakarna o orelha com guizos, um adorador de Shiva, tão fervoroso, que não podia ouvir o nome de nenhuma outra divindade; para isso, levava um guiso preso a cada orelha e os fazia tilintar para não ouvir quando alguém dizia o nome de outra deidade.

Tão intensa era sua devoção a Shiva, que Ele próprio quis ensinar-lhe que não havia nenhuma diferença entre Shiva e Vishnu; assim, apareceu tendo uma metade como Shiva e outra como Vishnu.

Naquele momento o devoto estava queimando incenso diante da imagem, mas era tão grande o fanatismo de Ghantakarna que quando viu que a fumaça do incenso entrava pelas narinas do nariz pertencente à Vishnu, a tampou com o dedo, para evitar que este Deus desfrutasse o doce perfume. Os animais carnívoros, como o leão, dão um golpe e se apaziguam, porém o paciente boi anda o dia todo, comendo e dormindo enquanto caminha.

O ativo ianque não pode competir com o calmo chinês, comedor de arroz. Enquanto predomine o poder militar prevalecerá a alimentação carnívora, porém, com o avanço da ciência a luta será menor e então virão os vegetarianos.

Ao amarmos a Deus, nos dividimos em dois: eu mesmo, amando ao meu Eu. Deus me criou e eu criei a Deus. Criamos Deus à nossa imagem; somos nós que O criamos para convertê-Lo em nosso amo e não Deus que nos faz Seus servidores. Quando sabemos que somos Um só, que nós e Ele somos amigos, então conhecemos a igualdade e a liberdade.

Enquanto se mantiverem separado, mesmo que pela distância de um fio de cabelo, deste Um Eterno, não poderão se livrar do temor.

Nunca façam esta pergunta tola: que bem fará tal coisa ao mundo? Deixem o mundo. Amem e não perguntem nada, amem e não procurem mais nada. Amem e esqueçam todos os ismos.

Embriaguem-se com o vinho do amor, até a loucura. Digam: Seu, seu para sempre, oh, Senhor! e mergulham Nele, esquecendo todo o resto. A idéia de Deus é de amor.

Quando virem uma gata que amamenta seus gatinhos, parem e rezem. Deus se manifestou ali. Acreditem nisto, literalmente.
Repitam: sou Seu, sou Seu, porque nós podemos ver Deus em todas as partes. Não o procurem, olhem para Ele. “Que o Senhor os mantenha sempre atentos para a luz do mundo e para a alma do universo.”

O Absoluto não pode ser adorado, por conseguinte devemos adorar uma manifestação, aquela que possuí uma natureza similar a nossa.

Jesus tinha nossa natureza; Ele se fez Cristo; a mesma coisa podemos e devemos fazer nós mesmos. Cristo e Buddha foram os nomes de um estágio que deve ser atingido.

Jesus e Gautama foram as pessoas que o manifestaram. Mãe é a primeira e mais alta manifestação, imediatamente seguem os Cristos e Buddhas. Nós criamos nosso próprio ambiente e nós mesmos cortamos as amarras. O Atman é o intrépido.

Quando rezamos a um Deus externo, não fazemos mal, mas não sabemos o que fazemos. Quando conhecemos o Eu, compreendemos. A mais elevada expressão do amor é a unificação.

"Houve tempo, em que eu era mulher e ele homem, Entretanto, o amor cresceu até que já não existe nem ele, nem eu; Só tenho uma recordação longínqua do tempo em que éramos dois, Porém o amor se interpôs e dos dois fez um."

(Poema sufi - persa)

O conhecimento existe eternamente e é coexistente com Deus. O homem que descobre uma lei espiritual está inspirado e o que nos apresenta é revelação, porém a revelação também é eterna e não deve ser cristalizada como definitiva, para seguir-se depois, cegamente. Os hindus que foram criticados por tanto tempo por seus conquistadores, se atreveram a criticar sua própria religião e isto os fez livres. Seus governantes estrangeiros romperam seus elos, sem sabê-lo.

O povo mais religioso da terra, o hindu, não tem, em realidade, o sentido de blasfêmia; falar de coisas santas a qualquer momento é para eles uma santificação por si mesmo. Não tem, também, nenhum respeito artificial pelos profetas ou livros nem para com a piedade hipócrita. A Igreja trata de ajustar o Cristo a ela, em vez de ajustá-la ao Cristo; tal é a razão de ter preservado apenas aqueles escritos que serviam a seus propósitos.

Por isso, não devemos depender dos livros; o culto ao livro é a pior espécie de idolatria que pode amarrar nossos pés. Tudo tem que estar em conformidade com os livros: ciência, religião, filosofia; e a pior tirania é a da Bíblia Protestante.

Nos países cristãos, cada homem tem, sobre sua cabeça, uma catedral, e acima desta, um Livro. Apesar de tudo isso, o homem vive e cresce. Isto não é a prova de que o homem é Deus? O homem é o ser maior que existe e este é o maior dos mundos. Somos incapazes de um conceito de Deus mais elevado que o homem, assim, nosso Deus é homem e o homem é Deus.

Quando nos elevamos e vamos além, e encontramos algo mais alto, temos que nos afastar da mente, do corpo e da imaginação e deixar este mundo. O homem é o pico mais alto do único mundo que podemos conhecer.

Tudo quanto sabemos dos animais, é só por analogia, os julgamos pelo que fazemos e sentimos nós mesmos. A soma total do conhecimento é sempre a mesma, só que algumas vezes está mais manifestada e outras, menos. A única fonte de sabedoria está em nosso interior e só lá a podemos encontrar.

Toda poesia, pintura e música é sentimento expresso mediante palavras, cor ou som. Bem aventurados aqueles que purgam rapidamente seus pecados, pois assim, sua conta ficará saldada mais depressa. Pobre daquele cujo castigo é adiado, porque será bem maior.

Daqueles que alcançaram a identidade, se diz que vivem em Deus. Todo ódio, significa matar o Eu com o eu; por conseguinte, o amor é a lei da vida. Elevar-se até este ponto é ser perfeito, porém, quanto mais perfeitos somos, menos trabalho (assim chamado) podemos fazer.

Os sattwicos vêem e sabem que tudo isto é apenas uma brincadeira de crianças e não se preocupam com coisa alguma. É muito fácil desfechar um golpe, mas é terrivelmente difícil conter a mão, permanecer tranqüilo e dizer:

“Em Ti, oh Senhor, tomo refúgio!” e esperar que Ele atue.

Sexta feira, 5 de julho de 1895

Enquanto não estiverem prontos para mudar a qualquer momento, não poderão ver a verdade; mas vocês devem-se manter firmes e constantes na investigação da verdade. Os chawakas, uma seita muito antiga da Índia, foram materialistas empedernidos.

Esta seita já desapareceu e quase todos os seus livros se perderam. Sustentavam a idéia de que a alma, sendo produto do corpo e de suas forças, morria com ele; que não havia provas de uma existência futura.

Negavam o conhecimento dedutivo e só aceitavam a percepção, mediante os sentidos. Samadhi é quando o Divino e o humano se fazem um; ou seja, produzir a identidade.O materialismo diz: A voz da liberdade é uma ilusão.

O idealismo diz: A voz que fala de escravidão é ilusão. A Vedanta diz: somos livres e não somos, ao mesmo tempo; nunca livres no plano material, mas sempre livres no plano espiritual. Transcendam ambas as coisas, liberdade e escravidão.

Nós somos Shiva, somos o conhecimento imortal, que se acha além dos sentidos. O poder infinito está atrás de cada um de nós; rezem para a Mãe e o poder lhes será dado.

“Oh Mãe! doadora de vak (eloquência), Tu existes por Ti mesma, vem como vak a meus lábios.” (Invocação hindu.)

“Aquela Mãe, cuja voz é o trono, vem a mim, Kali, Tu, tempo eterno. Tu, força irresistível, sakti, poder!”

Sábado, 6 de julho de 1895

(Hoje, lemos os comentários de Shankaracharya sobre os sutras vedantas de Vyasa.)

OM TAT SAT !

Segundo Shankara, existem duas fases no universo: uma é o “eu” e a outra é o “tu”. Elas são tão contrárias como luz e sombra, assim podemos ver que nenhuma delas pode ser derivada da outra.

Sobre o sujeito, foi superposto o objeto; o sujeito é a única realidade, o outro é uma mera aparência. Qualquer opinião contrária é insustentável.

A matéria e o mundo externo, não são mais do que a alma, num certo estado. Na verdade só ela existe. Todo o nosso mundo procede da verdade e da mentira juntas. Samsara (vida) é o resultado das forças contraditórias que atuam sobre nós, como a linha diagonal de uma bola em seu paralelogramo de força.

O mundo é Deus e é real, porém, esse não é o mundo que vemos; assim como vemos prata na madrepérola, onde ela não existe.

Isso é o que se chama adhyasa, ou superposição. Quer dizer, uma existência relativa que depende de outra existência real, como quando recordamos uma cena que vimos.

Naquele momento aquilo existe para nós, porém essa existência não é real. Ou, como dizem alguns, é imaginar calor na água, sem que ele pertença a ela, pois realmente é algo que foi posto aonde não pertence, é tomar uma coisa pelo que não é. Vemos a realidade, porém falseada pelo meio através do qual a vemos.

Nunca poderão conhecer a vocês mesmos, a não ser objetivados.

Quando confundimos uma coisa com outra, sempre tomamos o que esta diante de nós, como real, nunca ao invisível; desse modo, tomamos o objeto pelo sujeito.

O Atman nunca chega a ser objeto.
A mente é o sentido interno,
os sentidos externos são seus instrumentos.
Num sujeito existe uma ínfima proporção do poder objetivador, que o permite saber eu sou; mas o sujeito é o objeto do seu próprio eu, nunca da mente nem dos sentidos.

Podemos, naturalmente, sobrepor uma idéia a outra, como quando dizemos - o céu é azul - embora o mesmo céu seja apenas uma idéia. A ciência e a nesciência são tudo quanto existe, porém o EU nunca é afetado por nesciência alguma.

O conhecimento relativo é bom, porque conduz ao conhecimento absoluto; porém nem o conhecimento dos sentidos nem o da mente, nem mesmo o dos Vedas é verdadeiro, já que todos estão incluídos no conhecimento relativo.

Livremo-nos, primeiramente, da ilusão de que eu sou o corpo só então, sentiremos necessidade do conhecimento real. O conhecimento do homem, é só o conhecimento da besta, num grau mais elevado.

Uma parte dos Vedas trata do karma, formas e cerimoniais; a outra trata do conhecimento de Brahman e discute a religião. Nesta parte, os Vedas instruem sobre o Eu, e devido a isso seu conhecimento se aproxima do conhecimento real. O conhecimento do Absoluto não depende de nenhum livro, nem de coisa alguma; é absoluto em si mesmo.

Por muito que se estude não se consegue este conhecimento; não é teoria, é realização. Limpem a superfície do espelho, purifiquem suas próprias mentes e, instantaneamente verão que são Brahman.

O que existe é Deus; não existe nascimento, morte, dor, miséria, crime, mudanças nem o bem nem o mal; tudo é Brahman. Confundimos a "corda com a serpente". O erro é nosso. Só podemos fazer o bem quando amamos a Deus e Ele reflete o nosso amor.

O assassino é Deus, e sua roupagem de assassino, somente está superposta. Tomem-no pela mão e digam-lhe a verdade. A alma não tem casta, pensar que a tem, é uma ilusão; da mesma forma é a vida e a morte e qualquer movimento ou qualidade. O Atman nunca muda, nunca vai nem vem.

É o eterno testemunho das suas próprias manifestações, porém, o confundimos com a manifestação, e esta é uma eterna ilusão sem princípio nem fim, que continua sempre. Os Vedas, entretanto, tem que descer ao nosso nível, porque se nos dissessem a mais elevada verdade da maneira mais elevada, não a compreenderíamos.

O céu é uma mera superstição nascida do desejo, e o desejo é sempre um jugo, uma degeneração. Não nos aproximemos nunca, de coisa alguma, sem considerá-la como Deus; se não fizermos isto, veremos o mal porque baixamos um véu de ilusão sobre o que olhamos e então, vemos o mal.

Livrem-se destas ilusões, sejam felizes. A liberdade consiste em perder todas as ilusões. Em certo sentido, Brahman é conhecido por cada um dos seres humanos; o homem conhece o eu sou, mas não se conhece tal como é. Todos nós sabemos que somos, mas não como somos.

Todas as explicações menos elevadas, são verdades parciais, porém a flor, a essência dos Vedas, é que o EU em cada um de nós, é Brahman.

Todos os fenômenos estão incluídos no nascimento, crescimento e morte; aparição, continuação e desaparição. Nossa própria realização está além dos Vedas porque até eles dependem disso.

A Vedanta mais elevada é a filosofia do além. Dizer que a criação teve um princípio é derrubar a machadadas, a raiz de toda a filosofia.

Maya é a energia do universo, potencial e dinâmica. Enquanto a Mãe não nos dispensar, não poderemos obter a liberdade.

Este universo é nosso, para que o desfrutemos, mas não devemos desejar coisa alguma.

Desejar é fraqueza. A necessidade faz de nós mendigos, quando somos, em verdade, filhos de um rei.

Domingo, 7 de julho de 1895

Manhã

Quando a manifestação infinita se divide em porções continua, todavia, sendo infinita. Brahman é o mesmo nas duas formas, mutável e imutável, expressado e inexpressado.

Saibam que o Conhecedor e o conhecido são uma só coisa. A trindade - o Conhecedor, o conhecido e o conhecimento - se manifestam como este Universo.

Aquele Deus que o Yogue vê, na sua meditação, o vê pelo poder de seu próprio EU. O que chamamos natureza, destino, é simplesmente a vontade de Deus.

Enquanto desejamos os prazeres, dura a escravidão. Só a imperfeição pode se regozijar, porque o prazer é a satisfação dos desejos.

A alma humana, se apraz com a natureza. A realidade fundamental da natureza, da alma e de Deus, é Brahman; mas Brahman é invisível até que nós o manifestemos.

Pode se tornar visível por pramantha, ou fricção, da mesma maneira que podemos produzir fogo pela fricção.

O corpo é o pedaço de madeira, OM é aquilo que o atravessa e dhyana (meditação) é a fricção. Empregando essa técnica, a luz, que é o conhecimento de Brahaman, se acenderá na alma.

Busquem-na por meio de *tapas*.
Mantendo o corpo erguido, sacrifiquem mentalmente os órgãos dos sentidos. Os centros sensórios estão dentro, os órgãos fora, assim, fazendo-os entrar na mente e mediante dharana (concentração) fixem a mente em dhyana.

Brahman é onipresente, no universo, como a manteiga no leite, porém a fricção o faz manifestar-se num lugar. Assim como o batimento extrai a manteiga do leite, do mesmo modo, dhyana produz a realização de Brahman na alma.
Todas as filosofias hindus, declaram que há um sexto sentido, o supraconsciente, mediante o qual vem a inspiração.

O universo é movimento e a fricção, eventualmente, porá fim a todas as coisas; então, virá um repouso e depois tudo começará de novo.

Enquanto o firmamento da pele rodear o homem, quer dizer, enquanto ele se identificar com o corpo, não poderá ver a Deus.

Domingo, à tarde

Seis são as escolas de filosofia que na Índia são consideradas ortodoxas porque crêem nos Vedas. A filosofia de Vyasa é, por excelência, a dos Upanishads, escrita em forma de sutra, quer dizer, com breves símbolos algebraicos, sem nominativo nem verbo.

Isto produziu tanta ambigüidade, que dos sutras nasceram o dualismo, o mono - dualismo e o monismo vedanta rugente; e todos os grandes comentaristas dessas diferentes escolas, foram algumas vezes, embusteiros conscientes, com o objetivo de torcer os textos para adaptá-los a suas filosofias.

Os Upanishads se referem poucas vezes a ações humanas, porém quase todas as outras Escrituras, são, em grande parte, histórias pessoais.

Os Vedas tratam quase inteiramente de filosofia. A religião sem filosofia se degenera em superstição e a filosofia sem religião se torna um árido ateísmo. Visishta-advaita é advaita qualificada (monismo qualificado).

Seu expositor foi Ramanuja. Ele diz: “Do oceano de leite dos Vedas, Vyasa bateu esta manteiga de filosofia, a melhor para ajudar a humanidade”.

E acrescenta: “Todas as virtudes e todas as qualidades pertencem a Brahman, o Senhor do Universo.

Ele é o maior Purusha, e Brahman (neutro), é inferior ao próprio universo.” Madhva é completamente dualista, ou dvaitista .

Pretende que todas as castas e até as mulheres possam estudar os Vedas. Cita, principalmente, os Puranas; diz que Brahman significa Vishnu, de nenhuma maneira Shiva, porque não há salvação a não ser mediante Vishnu.

Segunda feira, 8 de julho de 1895

Na explicação de Madhva não há lugar para raciocínio, tudo é tomado das revelações dos Vedas. Ramanuja diz que o estudo dos Vedas é o mais sagrado.

Os filhos das três castas superiores começam o estudo dos sutras aos oito, dez, ou onze anos de idade, o que significa ter um Guru e aprender os Vedas, palavra por palavra, com perfeita entonação e pronúncia.

Japa é repetir o Santo Nome; desta maneira o devoto se eleva ao Infinito. O conjunto de sacrifícios e cerimônias é muito frágil e não basta para conduzir ao conhecimento de Brahman; só Nele reside a liberdade.

A Liberdade nada mais é do que a destruição da ignorância, e esta só desaparece quando conhecemos a Brahman. Não é necessário passar por todas essas cerimônias para alcançar o significado da Vedanta.

A repetição de OM é o suficiente. O fato de ver as diferenças, é a causa de todo o sofrimento e a ignorância é a razão pela qual vemos as diferenças. Por isto é que as cerimônias não são necessárias, porque elas aumentam a idéia de desigualdade; as práticas servem para nos libertarmos de algo ou para obtermos alguma coisa.

Brahman não atua, Atman é Brahman e nós somos Atman; tal conhecimento dissipa todo o erro.

Deve ser escutado, compreendido intelectualmente e por fim, realizado. Reflexão é empregar a razão e estabelecer este conhecimento em nós mesmos, mediante o raciocínio. Realização é fazer dele uma arte da nossa vida, pelo constante pensar nele.

Este pensamento constante, ou dhyanam, é como o azeite que e verte, num fio contínuo, de uma vasilha para outra; dhyanam envolve a mente neste pensamento dia e noite e deste modo nos ajuda a conseguir a liberação.

Pensem sempre Soham, Soham, (eu sou Aquele, sou Aquele), isto é quase tão bom quanto à liberação.

Digam isto, dia e noite; a realização virá como resultado desta contínua reflexão. Este absoluto e contínuo recordar-se do Senhor é o que se deve entender por bhakti.

Este bhakti é indiretamente ajudado por todas as boas obras. Os bons pensamentos e as boas obras criam menos diferença que as más, portanto, levam diretamente, à liberação.

Atuem, mas abandonem ao Senhor os resultados de suas obras. Só o conhecimento pode nos fazer perfeitos.

Àquele que segue o Deus da Verdade com devoção, a ele se revelará a Verdade de Deus.Somos lâmpadas e nosso arder é o que chamamos vida. Quando a provisão e oxigênio se acabam, a lâmpada se apaga.

A única coisa que podemos fazer é manter a lâmpada limpa. A vida é um produto, um composto, e como tal, deve voltar a seus elementos.

Terça feira, 9 de julho de 1895

O homem, como Atman é realmente livre; como homem está ligado, modificado por cada uma das condições físicas. Como homem é uma máquina com certa idéia de liberdade, porém, este corpo humano é o melhor e a mente humana, a mais elevada que existe.

Quando o homem atinge o estado de Atman, pode tomar um corpo, adaptando-o a seus gostos; ele está acima da lei.

Esta é uma afirmação e deve ser provada. Cada um deve prová-la por si mesmo; podemos ficar satisfeitos, mas não podemos satisfazer aos outros. Raja Yoga é a única ciência religiosa que pode ser demonstrada.

Só aquele que provou, por experiência própria, pode ensinar. A completa maturidade da razão é a intuição, mas a intuição não pode nunca ser contrária à razão.

O trabalho purifica o coração e assim, conduz a vidya (sabedoria). Os budistas diziam que fazer bem aos homens e aos animais eram as únicas obras; os brahmins diziam que a devoção e todas as cerimônias eram igualmente obras e purificavam a mente.

Sankara declara que "todas as obras, boas e más, são contrárias ao conhecimento". As ações que tendem à ignorância são pecados, não diretamente, mas como causas, porque tendem a aumentar tamas e rajas. Somente com satwa vem a sabedoria.

As atitudes virtuosas levantam o véu do conhecimento e só o conhecimento pode nos fazer ver a Deus. O conhecimento nunca pode ser criado, só pode ser descoberto; cada homem que faz uma grande descoberta está inspirado.

Só que, quando é uma verdade espiritual que se descobre, o chamamos de profeta e quando pertence ao plano físico, o chamamos de homem de ciência e lhe atribuímos mais importância do que ao primeiro, embora a fonte de toda a verdade seja Una.

Sankara diz: Brahman é a essência, a realidade de todo o conhecimento, e que toda manifestação como Conhecedor, conhecimento e conhecido, não passam de imaginação em Brahman.

Ramanuja atribui a consciência a Deus; os monistas verdadeiros não lhe atribuem nada, nem sequer existência, seja qual for o significado que damos a este termo.

Ramanuja declara que Deus é a essência do conhecimento consciente. A consciência indiferenciada, quando se diferencia, se converte em mundo.

O budismo, uma das religiões mais filosóficas do mundo, floresceu entre o populacho, a gente pobre de toda a Índia.

Que assombrosa devia ser a cultura dos Ários, há vinte e cinco séculos para que fossem capazes de compreender tal idéia.

Bhudda foi o único filósofo hindu que não reconheceu as castas, e nenhum dos seus discípulos permaneceu na Índia. Todos os outros filósofos transigiram mais ou menos, com prejuízos sociais; por muito alto que tenham voado, restava neles algo de corvo.

Como costumava dizer meu Mestre:

"Os corvos voam muito alto, no céu, mas seus olhos estão sempre voltados para a carniça, na terra".

Os antigos hindus foram grandes eruditos, verdadeiras enciclopédias vivas. Diziam: "o conhecimento nos livros, e o dinheiro nas mãos de outro, é como não ter dinheiro nem conhecimento".

Shankara foi considerado por muitos, como uma encarnação de Shiva.

Quarta feira, 10 de julho de 1895

Existem sessenta e cinco milhões de maometanos na Índia, muitos deles sufis. Os sufis (chamados também shias) identificaram o homem com Deus e, através deles, chegou a Europa, esta idéia.

Dizem: “Eu sou aquela Verdade”; mas eles têm uma doutrina esotérica e outra exotérica, embora Maomé não as tivesse. Hashshashin se transformou na nossa palavra assassino, porque aquela antiga seita maometana incluía em seu credo, a matança dos incrédulos.

No culto maometano, sempre deve estar presente uma jarra com água, como símbolo de Deus limpando o universo. Os hindus crêem que haverá dez encarnações Divinas.

Nove já vieram e a décima ainda está por vir.Shankara recorreu, algumas vezes ao sofisma para demonstrar que as idéias dos livros apoiavam a sua filosofia. Buddha foi mais valente e sincero do que qualquer outro mestre.

Ele disse: “Não acreditem em livro nenhum; os Vedas são um engano. Se estão de acordo comigo, tanto melhor para os livros. Eu sou o maior de todos os livros; os sacrifícios e as orações são inúteis.”

Buddha foi o primeiro ser humano que deu ao mundo um sistema completo de moralidade. Foi bom por amor ao bem, amou por amor ao amor. Shankara diz: “Deus deve ser encontrado pela razão, porque os Vedas assim o dizem.”

A razão ajuda a inspiração; os livros e a razão realizada, ou percepção individualizada, ambos são provas de Deus. Os Vedas são, segundo ele, uma espécie de encarnação do conhecimento universal.

A prova de Deus é que Ele produziu os Vedas e a prova dos Vedas é que é tão assombrosos livros só poderiam ser produzidos por Brahman.

São a fonte de todo o conhecimento e saíram Dele, como o ar sai do homem, quando ele respira; por conseguinte sabemos que Ele é infinito, em poder e em conhecimento.

Pode ou não ter criado o mundo, isso é pouca coisa; haver produzido os Vedas é mais importante. O mundo só chegou a conhecer Deus, por meio dos Vedas, não há outro caminho.

É tão universal essa crença defendida por Shankara, de que os Vedas incluem tudo, que há até um provérbio hindu que diz: “se um homem perde uma vaca, vai buscá-la....nos Vedas.

Quinta feira, 11 de julho de 1895

Sem o amor materno nenhuma criação poderia continuar. Nada é inteiramente físico, nem tampouco inteiramente metafísico; um pressupõe o outro e o explica.

Todos os deístas estão de acordo que este universo visível tem uma base, mas diferem sobre a natureza ou caráter desta base. Os materialistas dizem que não há tal base.

Em todas as religiões, é idêntico o estado supraconsciente. Os hindus, cristãos, maometanos e budistas e até aqueles que carecem de credo, todos experimentam a mesma coisa, quando transcendem o corpo.

Os cristãos mais puros do mundo foram estabelecidos na Índia, pelo apóstolo Thomás, uns vinte e cinco anos após a morte de Jesus.

Isto aconteceu quando os anglo-saxões eram selvagens, pintavam o corpo e viviam nas cavernas. Os cristãos chegaram a somar uns três milhões, na Índia, porém agora, só resta um milhão, aproximadamente. O cristianismo se propagou sempre pela espada.

Que coisa assombrosa, que os discípulos de tão doce alma, tenham causado tantas mortes! As três religiões missionárias são: a budista, a maometana e a cristã.

As três mais antigas: o hinduísmo, o judaísmo e o zoroastrismo, nunca pensaram em fazer conversões. Os budistas nunca mataram, entretanto, converteram três quartas partes do mundo, em certa época, por meio da simples doçura.

Os budistas foram os agnósticos mais lógicos. É realmente impossível deter-se em um ponto entre o niilismo e o absolutismo. Os budistas foram, intelectualmente, demolidores, estremando sua teoria até sua última expressão lógica.

Os advaitistas também levaram sua teoria até a sua conclusão lógica e chegaram ao Absoluto, a Substância Única e idêntica, da qual todos os fenômenos surgem e se manifestam. Tanto os budistas como os advaitistas sentem a identidade e a não identidade, ao mesmo tempo; um desses sentimentos deve ser falso e o outro verdadeiro.

Os niilistas colocam a realidade na não realidade e os realistas põe a realidade na identidade; e esta é a luta, o tira e põe que ocupa o mundo inteiro.

Os realistas perguntam: Como adquire os niilistas a idéia da identidade?

Poderíamos replicar: como uma brasa, girando rapidamente, aparenta ser um círculo de luz ?

Só compreendemos o movimento, comparando-o com um ponto imóvel. Os niilistas não podem explicar jamais o gênesis da ilusão de que existe uma base; nem pode o idealista explicar como o Um se converte em muitos.

A única explicação deve vir de um plano além do sensorial; devemos elevar-nos à supraconsciência, a um estado inteiramente além da percepção dos sentidos. Este poder metafísico é o instrumento superior que só o idealista pode experimentar; este pode experimentar o Absoluto; o homem Vivekananda pode tornar-se o Absoluto e logo voltar a ser homem, outra vez.

Para ele, então, o problema está resolvido e secundariamente para os outros, porque ele pode mostrar o caminho para os demais.

Assim, a religião principia onde termina a filosofia. O “bem do mundo” será quando o que agora é para nós supraconsciência for, em idades futuras, a consciência de todos.

A religião é, portanto, a mais alta tarefa que o mundo tem diante de si; e devido ao fato de que o homem sente, inconscientemente, isso, se aferrou através de todas as épocas à idéia de religião.

A religião é a grande vaca leiteira, que tem dado muitas patadas, mas não importa porque dá, também, muito leite. Ao leiteiro, pouco importa as patadas da vaca que dá muito leite. A religião é a maior criança que está para nascer; a grande lua de realização, alimentando-a e ajudando o seu crescimento, ela se tornará um gigante.

O rei Desejo e o rei Conhecimento lutaram, e o último estava a ponto de ser vencido, quando lhe nasceu um filho, a Vedanta e lhe deu a vitória.

Depois o amor (bhakti) e o conhecimento se casaram e viveram muito felizes. O amor concentra, sem esforço, todo o poder da vontade, como quando um homem se enamora de uma mulher.

O caminho da devoção é natural e agradável. A filosofia é forçar a que regresse a sua fonte, o arroio da montanha. É um método mais rápido, porém muito difícil.

A filosofia diz: ”reprime tudo”.

A religião diz: “abandone tudo à correnteza, se entregue continuamente”. Este caminho é mais longo, porém mais fácil e mais feliz.

“Teu, eu sou, para sempre; desde agora, tudo que eu faça, Tu o fazes. Nunca mais existirão, nem eu nem meu”. “Não tendo dinheiro para dar, nem cérebro para aprender, nem tempo para praticar yoga, a Ti, Oh doce Uno, me dou; a Ti entrego meu corpo e minha mente”.

Por muita que seja a ignorância, por muito que sejam as idéias errôneas, não podem constituir uma barreira entre a alma e Deus. Mesmo que Deus não existisse, deveríamos entregar-nos ao amor.

Mais vale morrer buscando a Deus a morrer como um cão, buscando sempre a carniça. Elejam o Ideal mais elevado e dedique-lhe toda a sua vida. Sabendo-se que a morte é certa, o melhor é dar a vida por um elevado propósito.

O amor alcança a filosofia sem maiores esforços; logo, trás conhecimento e leva a parabhakti. (suprema devoção) O conhecimento é crítico e faz muito barulho acerca de tudo; porém o amor diz: “Deus me mostrará sua verdadeira natureza”, e aceita tudo.

Rabbia

Rabbia, em seu leito de enferma, Por dois santos foi visitada, Sam Malik e Hassan - o sábio - Homens notáveis aos olhos muçulmanos. Hassan disse: “Aquele, cuja reza é pura Suportará os castigos de Deus”. Malik, deu um sentido mais profundo E falou da sua própria experiência: “Aquele que ama o Mestre escolhido se regozijará com o castigo”.

Rabbia viu que um traço de egoísmo ainda restava em suas máximas E contestou: Oh, homens de graça Aquele que viu a face do seu Mestre Não se recordará, em suas orações de jamais ter sido castigado.

(poema persa - sufi)

Sexta feira, 12 de julho de 1895

(Comentário de Sankara)

Quarto sutra de Vyasa:“ O Atman é o anelo de todos".

Isvara deve ser conhecido pela Vedanta. Todos os Vedas O conhecem. (Aquele que é a causa, o Criador, o Preservador e o Destruidor).

Isvara é a unificação da Trindade, conhecida como Brahma, Vishnú e Shiva, que está a frente do Panteon Hindu.

“Tu és nosso Pai, que nos conduz ao outro lado do oceano escuro”. (invocação a Isvara).

Saudação do discípulo ao Mestre.

Os Vedas não podem mostrar-nos Brahman, pois nós já somos Aquele; eles só podem ajudar-nos a levantar o véu que oculta a verdade, aos nossos olhos. O primeiro véu a destruir é a ignorância; quando ele é erguido, o pecado desaparece, em seguida cessa o desejo, termina o egoísmo e todo o sofrimento se esfuma.

Esse *acabar com a ignorância*, só pode acontecer quando sabemos que Deus e eu somos Um. Em outras palavras, identifiquem-se com o Atman, não com as limitações humanas. Não se identifiquem com o corpo e toda a dor passará. Este é o segredo das curas.

O Universo é um caso de hipnose. Nos desipnotizemos e acabará o sofrimento.

Para ser livre, temos que passar pelo vício para chegar à virtude e depois, renunciar aos dois. Tamas há de ser conquistado por rajas e ambos devem ser submergidos em sattwa; depois, transcender às três qualidades. Alcancem um estado tal que até o seu alimento seja uma oração.

Sempre que aprenderem (ganharem algo) das palavras de um homem, saibam que já tinham a experiência adquirida em existências anteriores, porque a experiência é o único Mestre.

Todos os poderes trazem consigo maiores sofrimentos, portanto, matem o desejo. Ter um desejo é como introduzir um graveto num ninho de abelhas. Vairagyam (renúncia) é descobrir que os desejos são pílulas douradas e envenenadas.

“A mente não é Deus”. (Sankara)

“Tat twan asi” “Aham Brahmasmi”. (Tú és Aquele. Eu sou Brahman).

Quando um homem realiza isto, todas as suas aflições se aliviam e todas as suas dúvidas se desvanecem.

É impossível não sentir medo enquanto sentimos que há alguém acima de nós, mesmo que esse alguém seja Deus; devemos ser Deus. O que está desunido permanecerá desunido eternamente; se estamos separados de Deus nunca poderemos ser Um com Ele e vice e versa.

Se, pela virtude, estamos unidos a Deus, quando esta cesse, a desunião virá . A união é eterna e a virtude só ajuda a levantar o véu. Somos azad (livres) e devemos realizá-lo.

“Aquele que o ser elege” - significa que nós somos o Ser que elegemos a nós mesmos. Depende, o ver, do nosso próprio esforço, ou depende de algo externo ?

Depende de nós mesmos; nossos esforços rasgam o véu; o espelho não muda. Não há conhecedor, conhecimento nem conhecido. “Quem sabe que não conhece, esse O conhece”.

Aquele que tem uma teoria, nada sabe. A idéia de que estamos ligados é só uma ilusão.

A religião não é deste mundo; consiste em purificar o coração e seu efeito sobre este mundo, é secundário. A liberdade é inseparável da natureza do Atman, a qual é sempre pura e perfeita, sempre imutável.

Jamais poderemos conhecer este Atman; nada podemos dizer Dele, senão: “não é isto, não é isto”.

“Brahman é aquele que nunca podemos expulsar por meio de poder algum da mente ou da imaginação”. (Sankara)

O universo é pensamento e os Vedas são as palavras que expressam este pensamento. Nós podemos criar ou descriar todo este universo.

Repetindo palavras, se desperta o pensamento invisível e como resultado, se produz um efeito visível.

Assim o afirma certa seita de Karmis. Acreditam que cada um de nós é um criador. Pronunciadas as palavras, o pensamento a que corresponde surgirá e o resultado se fará visível.

“O pensamento é o poder da palavra, a palavra é a expressão do pensamento”, dizem os *mimansakas*, seita filosófica hindu.

Sábado, 13 de julho de 1895

Tudo o que conhecemos é um composto e todo conhecimento sensorial vem mediante uma análise. Pensar que a mente é simples, sensível ou independente, é dualismo.

A filosofia não se adquire pela leitura dos livros; quanto mais livros lemos, mais turva fica a mente. A idéia dos filósofos irreflexivos é que a mente é uma coisa simples, e isto os levou a crer no livre arbítrio.

A psicologia, a análise da mente, nos mostra que a mente é um composto e todo composto deve ser mantido junto por alguma força externa; por conseguinte, a vontade está ligada por uma combinação de forças externas. O homem, não pode nem querer comer, a não ser que tenha fome. A vontade está sujeita ao desejo.

Porém, para nós, somos livres, todos sentimos isso. Os agnósticos dizem que esta idéia é uma ilusão. Então, como demonstram a existência do mundo?

A única prova é que todos nós o vemos e o sentimos; exatamente do mesmo modo, todos sentimos a liberdade. Se o consenso universal afirma esta mundo, também deve, então, ser aceito quando afirma a liberdade; porém a liberdade não pertence à vontade, tal como é. A estabelecida crença do homem a liberdade, é a base de todo o raciocínio.

A liberdade pertence à vontade, tal como era antes de chegar a estar ligada. A mesma idéia de livre arbítrio mostra, a cada momento, a luta do homem contra a escravidão.

O livre só pode ser um, o Incondicional, o Infinito, o Ilimitado.
A liberdade, no homem, é agora, uma recordação, uma tentativa para a liberdade.
Tudo no Universo luta para completar um círculo, voltar à sua origem, regressar à sua única Fonte real, o Atman.

Buscar a felicidade é lutar por conseguir e estabelecer o equilíbrio. A moralidade é o esforço da vontade ligada, para voltar a ser livre e a prova de que procedemos da perfeição.

A idéia de dever é como um sol meridiano de sofrimento que abrasa até a alma.

“Oh, rei, bebe uma só gota deste néctar e sê feliz”. (“Eu não sou o ator” este é o néctar.)

Tratem de que haja ação sem reação; a ação é agradável; todo o padecimento é reação. A criança põe a mão no fogo, isto é prazer, mas quando seu organismo reage, então vem a dor da queimadura.

Quando podemos deter esta reação, já não temos que temer a nada. Controlem o cérebro e não o deixem ler as impressões; sejam testemunhas, não reajam, só assim poderão ser felizes.

Os momentos mais felizes que conhecemos são aqueles em que nos esquecemos inteiramente de nós mesmos. Trabalhem por suas próprias vontades e não por dever. Não temos dever algum.

Este mundo é um ginásio de esportes onde estamos jogando; nossa vida é um eterno dia de festa. Todo o segredo da existência consiste em não ter medo.

Nunca temam pelo que virá a ser de vocês; não dependam de nada. Só serão livres no momento em que dispensarem toda a ajuda.

A esponja saturada, não pode absorver mais.

Até lutar em defesa própria é injusto, embora seja superior a lutar agredindo a outros.

Não há indignação justa, porque a indignação procede de não reconhecer a semelhança em todas as coisas.

Domingo, 14 de julho de 1895

A filosofia, na Índia, significa: aquilo mediante o que, vemos Deus, o lado racional da religião; por isto, nenhum hindu pedirá nunca, uma opção entre a religião e a filosofia.

O concreto, o generalizado e o abstrato, são três etapas no processo da filosofia. A abstração mais elevada, com a qual todas as outras concordam, é o Uno.

Na religião, temos primeiro os símbolos e as formas; a eles segue a mitologia e, finalmente, a filosofia. Os dois primeiros são temporários; a filosofia é a base fundamental de tudo e os outros são só etapas no esforço para chegar ao Último.

A religião ocidental acredita que sem o Novo Testamento e sem Cristo, não poderia haver religião. Uma crença análoga existe no judaísmo, quanto a Moisés e dos profetas, porque essas religiões se apóiam somente na mitologia. A religião real, mais elevada, está acima da mitologia, não pode se basear nela.

A ciência moderna consolidou, realmente, os fundamentos da religião. Que o universo é Uno, é cientificamente demonstrável.

Aquilo que os metafísicos chamam "ser", os físicos chamam "matéria"; porém não existe discordância real entre eles, porque os dois são o mesmo, embora com palavras diferentes.

A Vedanta e a ciência moderna afirmam a existência de uma causa que evolui de si mesma.

Nela estão todas as causas. Tomemos como exemplo o oleiro que está fabricando um tijolo. O Oleiro é a causa primeira, a argila a causa material e a roda, a causa instrumental, porém o Atman é estas três coisas ao mesmo tempo.

O Atman é a causa e também a manifestação. Os Vedantistas dizem que o Universo não é real, mas apenas aparente.

A Natureza é Deus, visto através da nesciência. Os panteístas dizem que Deus chegou a ser Natureza, ou seja, este mundo; os advaitistas afirmam que Deus aparece como este mundo, mas Ele não é este mundo.

Só podemos conhecer a experiência, como um processo mental, um fato na mente, uma onda no cérebro. Nós não podemos empurrar o cérebro para diante ou para trás, mas podemos empurrar a mente; esta pode estender-se por todos os tempos, passados, presentes e futuros, e deste modo, os fatos ficam eternamente conservados na mente.

Todos os fatos estão já gravados na mente, que é onipresente. A grande conquista de Kant foi o descobrimento de que "o tempo, o espaço e a causa, são modalidades de pensamento", porém a Vedanta ensinava isso há séculos, chamando a isto de Maya.

Schopenhauer se apóia somente na razão e racionaliza os Vedas. Sankara manteve a ortodoxia dos Vedas.

A idéia de árvore, que se encontra entre as árvores, é conhecimento, e o mais elevado conhecimento é o Uno. O Deus pessoal é a última generalização do Universo, porém nebulosa, vaga e pouco filosófica.

A unidade evolui por si mesma e dela tudo procede. A ciência física consiste em encontrar fatos, e a metafísica é o fio que junta às flores em um ramo. Toda abstração é metafísica.

Até colocar esterco nas raízes de uma árvore é um processo abstrato. A religião inclui o concreto, o mais generalizado, e a unidade última.

Não se contentem com particularizações. Vão ao princípio, ao Uno. Os diabos são máquinas de obscuridade; os anjos máquinas de luz; porém ambos são máquinas.

Só o homem é um ser vivente. Rompam com as máquinas, rompam o equilíbrio e então serão livres. Este é o único mundo onde o homem pode levar a cabo a sua salvação.

O ditado "Aquele a quem o Eu elege", é exato. A eleição é verdadeira, porém, deve ser interiorizada. Como doutrina externa e fatalista, dá maus resultados.

Segunda feira, 15 de julho de 1895

Em lugares onde existe a poliandria, como no Tibete, as mulheres são, fisicamente, mais fortes do que os homens. Quando os ingleses vão lá, as mulheres carregam homens corpulentos, pelas montanhas.

Em Malabar, embora, naturalmente, a poliandria não se pratique, as mulheres são as que dirigem tudo. Uma limpeza excepcional é vista em toda a parte e há o maior interesse pela instrução.

Quando eu estive nesse país, encontrei muitas mulheres que falavam bem o sânscrito, enquanto que no resto da Índia, nem uma mulher em cada milhão o fala.

Ser amo eleva, ser escravo, rebaixa. Malabar jamais foi conquistado, nem pelos portugueses, nem pelos muçulmanos. Os dravidianos eram uma raça não-ária da Ásia Central, que precedeu aos ários; os dravidianos da Índia do Sul eram os mais civilizados.

Suas mulheres ocupavam posições mais elevadas do que a dos homens. Depois, se dividiram: uns se dirigiram para o Egito e outros, para a Babilônia, o resto permaneceu na Índia.

Terça feira, 16 de julho de 1895

(Shankara)

Adrishtan, a causa invisível, nos leva ao sacrifício e a adoração, o que, por sua vez, produz resultados visíveis; por conseguinte, primeiro devemos ouvir, depois pensar ou raciocinar e depois meditar sobre Brahman. O resultado das obras e o resultado do conhecimento, são duas coisas diferentes.

O "faz isto", "não faz aquilo", são a base de toda a moralidade, porém, em realidade, só pertencem ao corpo e à mente. Toda a felicidade e todo o sofrimento estão, intrinsecamente, ligados aos sentidos, e o corpo é necessário para experimentá-los.

Quanto mais refinado é o corpo, tanto mais elevado o standart de virtude. Isto é verdade, até para Brahman, porque todos têm corpos.

Enquanto houver um corpo haverá prazer e dor; só podemos nos livrar deles, livrando-nos do corpo. O Atman é incorpóreo, diz Sankara. Ninguém pode fazer-nos livre; já o somos.

Nada pode dar-nos liberdade, se já não a temos. O Atman é auto-luminoso. Causa e efeito não chegam até ele, e esta ausência de corpo, é liberdade.

Mais além do que foi, do que é e do que será, está Brahman. Como efeito, a liberdade não teria valor, seria um composto e como tal, conteria as sementes da escravidão.

É o único fator real, não algo que possa ser adquirido; é a natureza real da alma. Sem dúvida, o trabalho e a adoração são necessários para rasgar o véu e eliminar a escravidão e a ilusão. Não nos dão liberdade, apesar disso, sem esforço da nossa parte, não podemos abrir os olhos e ver o que somos.

Shankara diz, mais adiante que a advaita-vedanta é a glória máxima dos Vedas; porém os Vedas elementais são também necessários, pois ensinam a trabalhar e a adorar, mediante o que, muitos podem chegar ao Senhor.

Outros podem chegar sem mais ajuda que a advaita. O trabalho e a adoração, levam ao mesmo resultado que a advaita. Os livros não podem nos ensinar sobre Deus, porém podem destruir a ignorância; sua ação é negativa.

Ater-se aos livros e, ao mesmo tempo trilhar o caminho a liberdade, é a grande conquista de Shankara.

Dê a um homem, primeiro o concreto, depois, levanta-o até o grau mais elevado, lentamente. Tal é o esforço das distintas religiões e explica sua existência e o porquê cada uma está ajustada a uma etapa de desenvolvimento.

Os mesmos livros formam parte da ignorância que pretendem dissipar. Seu dever é tirar a ignorância que se acumulou sobre o conhecimento.

A verdade destruirá o falso.
Nós somos livres e não podemos ser tornados livres. Não encontraremos Deus, enquanto tivermos um credo.

"O que sabe que sabe, não sabe nada".

Quem pode conhecer ao Conhecedor?
Existem dois fatores externos: Deus e o Universo.
O primeiro é imutável, o segundo mutável. O mundo existe, eternamente.

Quando nossa mente não consegue perceber a enorme quantidade de mudanças, chamamos a isso de Eternidade...
Vejam a pedra e o baixo relevo esculpido nela, porém não as duas coisas ao mesmo tempo, e, no entanto, ambas são uma única coisa.

Poderemos ficar em repouso, um só segundo? Todos os Yogues dizem que sim. O maior dos pecados é achar que somos fracos.

Nada é maior que nós; compreendamos que somos Brahman.
As coisas não têm mais poder do que o que lhes concedemos. Estamos além do sol, das estrelas e do Universo.

Ensinem a divindade ao homem. Neguem o mal, não acreditem nele. Levantem-se e digam: eu sou o amo de todos. Nós é que forjamos as cadeias e somente nós poderemos rompê-las.

Nenhuma ação pode nos dar liberdade; só o conhecimento pode nos fazer livres. O conhecimento é irresistível; a mente não pode aceitá-lo nem rejeitá-lo. Quando vem, a mente tem que admiti-lo; por conseguinte, não é obra da mente, apenas a sua expressão tem lugar na mente.

Tanto o trabalho como a adoração tem por objetivo nos fazer voltar à nossa própria natureza. É uma completa ilusão achar que o Eu é o corpo, e, embora vivamos aqui, num corpo, podemos ser livres.

O corpo não tem nada em comum com o Eu. A ilusão consiste em confundir o real com o irreal, porém não é sinônimo de inexistência.

Quarta Feira, 17 de Julho de 1895

Ramanuja divide o o universo em *Chit*, *Achit* e *Isvara*- homem, natureza e Deus; consciência, subconsciência e supraconsciência.

Shankara, pelo contrário, diz que Chit, a alma, é o mesmo que Deus; Deus é verdade, é conhecimento, é o infinito.

Qualquer pensamento de Deus é uma qualificação e tudo o que se pode dizer Dele é: *Om tat sat*.

Sankara pergunta depois: podemos ver a existência separada de todo o resto ? Onde está a diferença entre dois objetos?

Não na percepção dos sentidos, senão tudo seria uno com ela Temos que perceber a sucessão. Ao obter conhecimento do que uma coisa é, também obtemos algum conhecimento do que ela não é.

A diferença existe na memória e é obtida pela comparação do que há armazenado ali. A diferença não está na aparência de uma coisa; está no cérebro.

A homogeneidade está fora, as diferenças estão dentro (na mente); por conseguinte, a idéia dos *muitos*, é criação mental.

As diferenças se tornam qualidades quando estão separadas, porém coexistem num mesmo objeto. Não podemos dizer, positivamente, o que é a diferença. Tudo o que vemos e sentimos acerca das coisas, é pura e simples existência:*ser*.

Tudo mais está em nós. A existência é a única prova positiva que temos de alguma coisa.

Toda diferença é, em verdade,*realidade secundária*, como confundir a serpente com a corda, porque a serpente tem, também, certa realidade, já que *algo* foi visto, embora mal interpretado.

Quando o conhecimento da corda se torna negativo, o conhecimento da serpente se faz positivo, e vice e versa; porém o fato de que só veja um, não prova que o outro não exista.

A idéia do mundo é uma obstrução que encobre a idéia de Deus e deve ser afastada, porém, ela tem certa existência.

Sankara diz também que a percepção é a prova final da existência. É por si mesma refulgente e consciente, porque para ir além dos sentidos, necessitaríamos da percepção.

A percepção é independente dos sentidos, de todos os instrumentos, é incondicionada. Não pode haver percepção sem consciência; a percepção tem luz própria, que, num grau menor se chama consciência.

Nenhum ato de percepção pode ser inconsciente; de fato, a consciência é a natureza da percepção. Existência e percepção são uma mesma coisa, não duas coisas postas juntas.

O que não necessita causa é infinito; assim como a percepção é a prova final de si mesma, é eterna. É sempre subjetiva; a percepção mesma é seu próprio percebedor. A percepção não está na mente, mas atrás da mente. É absoluta, é o único conhecedor; assim, a percepção é, realmente, o Atman.

A percepção a percebe mesma, porém o Atman não pode ser um conhecedor, porque um *Conhecedor* se faz pela ação do conhecimento; porém Shankara diz: "este Atman não é EU" porque a consciência "eu sou" (aham) não está no Atman.

Somos, apenas, os reflexos do Atman e Atman e Brahman são um só. Quando falamos e pensamos sobre o Absoluto o fazemos num plano relativo, e por isso, são aceitáveis todos esses argumentos lógicos.

Na Yoga, percepção e realização são uma mesma coisa. Visishtham, da qual Ramanuja é o expoente, consiste na unidade parcial e significa um passo em direção a *advaita*.

Visishtham significa diferenciação. Prakriti é a natureza do mundo, sobre a qual se produzem as mudanças. Pensamentos inconstantes expressados em palavras variáveis, nunca podem provar o Absoluto.

Quinta feira - 18 de julho de 1895

(A lição de hoje constituiu, principalmente, no argumento de Shankara contra as conclusões da filosofia Sankhya.)

Os sankhyas dizem que a consciência é um composto, e se avançarmos mais, a análise final nos dá o Purusha, o Testemunho; existem muitos purushas; cada um de nós é um.

A *advaita*, ao contrário, afirma que os purushas só podem ser Um. Este Purusha não pode ser consciente nem inconsciente, nem ter nenhuma qualificação, porque o bem dessas qualidades causaria *ligações*.

O Uno deve, pois, carecer de toda qualidade e até de conhecimento; não pode ser causa do Universo ou de coisa nenhuma.

"No princípio era a existência pura, o Um sem segundo", dizem os Vedas.

A relação de sattwa com o conhecimento, não prova que sattwa seja a causa do conhecimento; pelo contrário, sattwa revela o que já existia no homem; assim como o fogo naquele uma bola de ferro colocada próxima, não penetrando na bola, mas sim, despertando o calor latente nela.

Shankara diz: O conhecimento não é uma sujeição, porque é a natureza de Deus. O mundo sempre é, esteja ele manifestado ou não; assim, também existe um objeto eterno.

Jnana-bala-kriya (conhecimento - poder - atividade) é Deus. Ele não necessita forma, porque só o finito necessita forma, a fim de definir um limite, porém Deus é ilimitado.

Não existe *alma errante*, só há um Atman. Jiva (alma individual) é o diretor consciente deste corpo, no qual os cinco princípios vitais retornam à unidade, e, sem dúvida, esse mesmo *jiva* é o Atman, porque tudo é o Atman.

Somos Deuses e qualquer outra coisa que possamos pensar será um erro. Devem adorar o EU em Krishna, não a Krishna como Krishna. Somente pela adoração do EU pode-se adquirir a liberdade. Até o Deus pessoal é, apenas, o Eu objetivado. "A intensa busca da minha própria realidade, é bhakti", diz Shankara.

Todos os meios que empregamos para chegar a Deus são verdadeiros; é só como tratar de achar a Estrela Polar, localizando-a entra as estrelas que a rodeiam. O Bhagavad Gita é a melhor autoridade sobre vedanta.

Sexta Feira, 19 de julho de 1895

Enquanto eu digo *eu e você*, tenho direito a falar de Deus como protegendo-nos. Quando vejo um *outro*, devo aceitar todas as conseqüências e introduzir o terceiro fator, o ideal, que se acha entre nós; esse é o ápice do triângulo.

O vapor se faz neve, depois água, e logo, o Ganges, e quando vemos a água não pensamos que contém vapor. A idéia da criação, ou mudança, está, inseparavelmente, conectada com a vontade.

Enquanto percebemos esse mundo em movimento, temos que conceber uma vontade por trás dele. A física prova a completa ilusão dos sentidos; nada é realmente como o vemos, sentimos, cheiramos ou degustamos.

Certas vibrações produzem certos resultados e afetam nossos sentidos; só conhecemos a verdade relativa. A palavra sânscrita para *verdade*, é *existir* (sat).

Do nosso presente ponto de vista, este mundo nos aparece como vontade e consciência. O Deus pessoal é tanto uma entidade para Si mesmo, como nós o somos para nós mesmos, e nada mais. Deus pode também ser visto como uma forma, exatamente como nós nos O vemos. Como homens, devemos ter um Deus, como deuses, não necessitamos de nada.

Esta é a razão pela qual Sri Ramakrishna via, constantemente, a Divina Mãe sempre presente diante dele, mais real do que qualquer das outras coisas que o rodeavam; porém em samádhi tudo se desvanecia, exceto o EU.

O Deus pessoal se aproxima, e se aproxima, até que se desvanece e não resta Deus pessoal ou eu; tudo se submerge no EU. A consciência é uma sujeição. O argumento do determinismo declara que a inteligência precede a forma; porém, se a inteligência é a causa de algo, ela, por sua vez, é também um efeito.

É Maya. Deus nos cria e nós criamos a Deus, e isto é Maya.

O círculo é contínuo; a mente cria o corpo e o corpo cria a mente; o ovo produz a galinha e a galinha produz o ovo; a semente produz a árvore e a árvore produz a semente.

O mundo não é completamente diferenciado, nem inteiramente completamente homogêneo. O homem é livre e deve se colocar além dos dois lados.

Os dois estão bem em seus lugares; porém, para ensinar a verdade, *o ser* devemos transcender tudo o quanto agora conhecemos da existência, vontade, consciência, ação, atividade e conhecimento.

Não existe uma verdadeira individualidade do *jiva* (alma separada), eventualmente ela, como um composto, se dividirá em pedaços. Só o que está além de toda análise posterior é *simples*, e só isso é verdade, liberdade, imortalidade e felicidade.

Todas as lutas pela preservação dessa personalidade ilusória são, realmente, vícios. Todas as lutas para perder essa individualidade, são virtudes.

Tudo o quanto existe no universo, está tratando de destruir esta individualidade, seja consciente ou inconscientemente. Toda moralidade está baseada na destruição da separatividade ou falsa individualidade, porque esta é a causa de todo o pecado.

A moralidade existe primeiro, depois a religião a codifica. Os costumes vêm primeiro e atrás, vem a mitologia para explicá-la. Enquanto as coisas estão acontecendo, vemos uma lei mais elevada que o raciocínio; este tem lugar mais tarde ao tratar de compreendê-las.

O raciocínio não é o motivo, raciocinar é um ato posterior ao *remoer*. A razão é o historiador das ações humanas.

Buddha foi um grande vedantista (porque o budismo foi realmente um retorno da vedanta) e Sankara foi chamado, com freqüência, *um budista oculto* . Buddha a analisou, Sankara fez a sua síntese.

Buddha nunca se inclinou diante de nada: nem veda, nem casta, nem sacerdócio, nem costumes. Raciocinou intrepidamente até onde a razão o levou. Jamais viu o mundo, tão resoluta investigação da verdade e tal amor por todas as coisas viventes.

Buddha foi o Washington do mudo religioso; ele conquistou um trono somente para dá-lo ao mundo como Washington fez com o povo americano. Não aspirou nada para si.

Sábado, 20 de julho de 1895

A percepção é o nosso único conhecimento real, ou religião. Embora falemos da nossa alma, durante séculos, não será por isso que conseguiremos conhecê-la.

Não existe diferença entre teorias e ateísmo. Em geral, o ateu é um homem mais sincero. Cada passo que eu dou na direção da luz, é meu para sempre. Quando vão a um país e o conhecem, então ele é seu. Cada um de nós tem que ver por si mesmo; os mestres só podem *trazer a comida*, nós temos que comê-la para nos alimentarmos.

Os argumentos nunca poderão provar a existência de Deus, exceto como uma conclusão lógica. É impossível encontrar Deus fora de nós. Nossas próprias almas produzem toda a divindade que há fora de nós. Somos o maior dos templos.

A objetivação é só uma pobre imitação do que vemos dentro de nós mesmos. A concentração dos poderes da mente, é o único instrumento de que dispomos para ver Deus. Se conhecer uma alma (a sua) conhecerá todas as almas, passadas, presentes e futuras. A vontade concentra a mente e, certas coisas, excitam e controlam esta vontade, tais como a razão, o amor, a devoção, a respiração, etc.

A mente concentrada, é uma lâmpada para nos mostrar todos os rincões da alma. Não há um método que possa convir a todos. Esses diferentes métodos, não são passos que devam ser dados um depois do outro. As cerimônias são a forma ínfima, depois vem o Deus externo e, por fim, o interno.

Em alguns casos, pode ser necessária a gradação, mas algumas vezes, um só caminho é necessário. Seria uma grande loucura dizer a todos vocês devem passar por karma e bhakti antes de alcançarem jnanam.

Apoiem-se em sua razão até que alcancem algo mais elevado e reconhecerão que o que está mais elevado, não se choca com a razão. O estado superior à consciência, é a inspiração (samadhi), porém não confundam os transes histéricos com a inspiração real.

É uma coisa terrível, pretender falsamente que se sinta essa inspiração e confundir o instinto com ela. Não existe prova externa da inspiração, a conhecemos por nós mesmos; nosso guardião contra o erro é negativo: é a voz da razão.

Toda religião consiste em ir além da razão. Porém a razão é o único guia para se chegar a ela. O instinto é como o gelo, a razão é a água e a inspiração é a mais sutil forma de vapor; um segue ao outro.

Em todas as partes se acha essa eterna seqüência: inconsciência, consciência, inteligência; matéria, corpo e mente; a nós parece como se a cadeia começasse no elo particular, que pegamos nas mãos. Os argumentos de ambos os lados, tem igual peso e os dois são verdadeiros.

Devemos chegar além de ambos, onde não existe nem um nem outro. Todas essas sucessões, são Maya. A religião está acima da razão; é sobrenatural. A fé não é a crença, é o apoderar-se do Último, uma iluminação.

Primeiro ouvir, depois raciocinar e descobrir tudo que a razão possa conhecer sobre o Atman; que o aluvião da razão, passe sobre Ele, depois, pegue o que restar. Se não sobrar nada, dê graças a Deus, por ter escapado de uma superstição.

Quando estiverem convencidos de que nada pode arrancar-lhes o Atman, que ele resiste a todas as provas, aferrem-se a isso e ensinem a todos. A verdade não pode ser parcial, é para o bem de todos. Finalmente, em perfeito repouso e paz, meditem sobre Ele, concentrem suas mentes Nele e se façam unos com Ele.

Então, nenhuma palavra será necessária; o silêncio conduzirá para a verdade. Não gastem suas energias falando; meditem em silêncio e não permitam que o burburinho do mundo externo os perturbe.

Quando suas mentes se acharem num lugar mais elevado, serão inconscientes Dele. Acumulem poder, em silêncio e se convertam em dínamos de espiritualidade.

O que pode dar um mendigo ? Só um rei pode dar e, unicamente, quando nada necessita para si.

Considerem seu dinheiro, simplesmente, como se fossem guardiões de algo que pertence a Deus. Não tenham apego por ele.

Abandone nome, fama, dinheiro; é uma escravidão terrível. Sintam a maravilhosa atmosfera da liberdade.

Vocês são livres! Vocês são o infinito! Na minha alma, não posso achar princípio nem fim. Tudo em mim é o EU. Repitam isso, incessantemente.

Domingo - 21 de julho de 1895

(Aforismos yogis de Pantajali)

A *yoga* é a ciência do domínio de *chitta* (mente), para que nela não se produzam *vrittis* (modificações). A mente é uma mescla de sensações e sentimentos, ou de ação e reação e, portanto, não pode ser permanente.

A mente tem um corpo sutil e, através dele, interfere sobre o corpo denso. A vedanta diz que, por trás da mente, se acha o EU real. Aceita os outros dois, porém afirma um terceiro, o Eterno, o Último, a análise final, a unidade onde não existem mais compostos.

O nascimento é a re-composição, a morte é decomposição, e a análise final é onde se encontra o Atman; onde já não há mais divisão possível, se alcança o perdurável. O oceano inteiro está presente por trás de cada onda e todas as manifestações são ondas, algumas muito grandes e outras pequenas; mas todas são o oceano em sua essência, o oceano por inteiro, porém como ondas, cada uma é uma parte.

Quando o mar está em repouso, então tudo é uno; "um espectador sem espetáculo", diz Pantajali. Quando a mente está ativa, o Atman está mesclado com ela.

A repetição de antigas formas em rápida sucessão constitui a memória. Sejam desapegados. Conhecimento é poder e adquirindo um adquirimos o outro também. Pelo conhecimento poderão fazer até que se desvaneça o mundo material.

Quando podemos liberar, mentalmente, um objeto qualquer de uma qualidade atrás da outra, até que todas tenham desaparecido, podemos, com a vontade, fazer desaparecer de nossas consciências, o próprio objeto. Aqueles que estão prontos avançarão muito rapidamente e podem chegar a ser yogis em seis meses.

Os menos desenvolvidos podem demorar vários anos; qualquer um que trabalhe sinceramente e abandone tudo o mais, dedicando-se somente a praticar, pode chegar à meta em doze anos. Bhakti os levará ao mesmo ponto sem nenhuma dessas ginásticas mentais, porém é o caminho mais lento.

Ishvara é o Atman tal como o vê e percebe a mente. Seu mais elevado nome é OM, por conseguinte, devemos repetir e meditar nele e pensar em sua natureza e em todos os seus atributos maravilhosos.

A repetição contínua de OM é a única adoração verdadeira. Não é uma palavra; é Deus mesmo. A religião não nos dá nada de novo; só afasta os obstáculos e nos permite ver nosso próprio EU.

A enfermidade é o primeiro grande obstáculo; um corpo são é o melhor instrumento. A melancolia constitui uma barreira quase insuperável.

Se, por um instante, pudessem conhecer a Brahman, nunca mais estariam melancólicos. A dúvida, a falta de perseverança e as idéias equivocadas são outros tantos obstáculos.

Pranas são energias sutis, fontes de movimento. São dez no total: cinco internas e cinco externas. Uma grande corrente flui para cima e outra para baixo. *Pranayama* é o controlador dos pranas mediante o alento.

A respiração é o combustível, *prana* é o vapor e o corpo é a máquina. *Pranayama* se compõe de três partes: *puraka*, (a inspiração do alento), *kumbhaka*, (a retenção) e *rechaka* (a expiração).O Guru é o condutor, por intermédio de quem se chega à influência espiritual.

Qualquer um pode ensinar, porém o espiritual, deve ser dado pelo Guru ao *sishya* (discípulo) e assim dará fruto. A relação entre *sishyas* é a de fraternidade e isto é, realmente, aceito pela lei, na Índia.

O Guru transmite o poder do pensamento, o *mantram*, que recebeu de seus predecessores; nada pode ser feito sem um Guru. Realmente há um grande risco nisso.

Geralmente, sem um Guru, essas práticas yogas levam à luxúria; porém tendo um, isso raramente ocorre.

Cada *Ishtam* tem um mantram. O *Ishtam* é o ideal particular de cada devoto; o mantram, é a palavra externa que o expressa.

A constante repetição da palavra ajuda a fixar o ideal firme na mente. Este método de adoração prevalece entre os devotos religiosos de toda a Índia.

Terça Feira, 23 de Julho de 1895

(Bhagavad Gita - Karma Yoga)

Para obter a liberação, mediante o trabalho, é necessário empreendê-lo sem desejos, sem ansiar pelos seus resultados. Uma obra assim, leva ao conhecimento o que, por sua vez, produz a emancipação.

Abandonar a obra antes de *conhecer*, conduz à desdita. O trabalho feito para o EU, não ocasiona prisão. Não desejem o prazer nem temam a dor conseqüente do trabalho.

São a mente e o corpo que atuam, não nós. Digam isso, incessantemente, e alcançarão a realização. Tratem de não saber que trabalham. Façam tudo como um sacrifício ou uma oferenda ao Senhor.

Estejam no mundo, porém não pertençam e ele; imitem a flor do lótus, cujas raízes estão no lodo, porém ela se mantém sempre pura. Distribuam seu amor a todos, sem levar em conta como eles o tratam.

Um cego não pode ver a cor, como podemos nós ver o mal, a não ser que o tenhamos dentro de nós mesmos?

Comparamos o que vemos fora, com o que temos dentro e, de acordo com isso, emitimos um julgamento. Se somos puros, não podemos ver impurezas. Elas podem existir, mas não para nós. Vejam somente Deus em cada homem, mulher ou criança; vejam através de *antarjyotis* (luz interna) dessa forma não poderão ver nenhuma outra coisa, apenas Deus.

Não desejem esse mundo porque aquilo que se deseja, se obtém. Busquem o Senhor e o Senhor, apenas. Quanto mais poder há, maiores os elos que aprisionam e maior o temor. Quanto mais covardes e infelizes somos do que a formiga. Abandonemos tudo e entreguemos ao Senhor.

Busquem a ciência do fazedor e não a do feito. "Eu sou o agente e a ação". "Aquele que pode dominar a corrente da luxúria e da ira, é um grande yogi".

"Só pela prática e pelo desapego podemos conquistar a mente". Nossos antepassados hindus, se sentavam e pensavam em Deus e na moralidade; também nós, temos cérebros com os quais podemos chegar aos mesmos fins; porém em nossa corrida para obter ganhos, estamos expostos a perdê-los de novo.

O corpo tem em si, certo poder de curar-se e são muitas as coisas que podem despertar e por em ação, esse poder curador, tal como as condições mentais, as medicinas, o exercício, etc.

Enquanto estamos incomodados pelas condições físicas, necessitamos do agente dos auxílios físicos. Até nos livrarmos do cativeiro dos nervos, temos que fazer caso deles.

Existe a mente inconsciente, porém está abaixo da consciência, que é uma parte do organismo humano. A filosofia se compõe de conjecturas acerca da mente.

A religião se baseia no sentir e ver, as únicas bases do conhecimento. Chamamos de *fato* ao que entra em contato com a mente supraconsciente. Aptos são aqueles que *sentiram* a religião.

A prova de que isso é verdade, consiste em seguir um método; vocês constatarão por si mesmos. Cada ciência requer seu próprio método particular e seus instrumentos. Um astrônomo não pode mostrar-nos os anéis de Saturno, com a ajuda dos petrechos de cozinha; precisa e um telescópio.

Do mesmo modo, para ver os grandes fatos da religião deve ser seguido o método daqueles que o viram. Quanto maior é uma ciência, mais variados são os meios para estudá-la. Antes de entrarmos no mundo, Deus nos havia dado os meios para sair dele; por conseguinte, a única coisa que devemos fazer, é encontrá-los.

Mas não discutam acerca dos métodos. Busquem, apenas, a realização e elejam o método que pareça mais propício para cada um de vocês. Comam as mangas e deixem que os outros discutam sobre os cestos. Vejam o Cristo, então serão cristãos.

Tudo o mais são palavras e quanto menos palavras, melhor. A mensagem faz o mensageiro. O Senhor faz o templo e não o contrário. Aprendam até que a glória de Deus brilhe através de seus rostos, como brilhou no rosto de vetaketu. (o discípulo do grande sábio Probahana).

O choque de umas conjecturas contra outras, constitui a luta; mas, falando do que se viu, não haverá coração humano que resista. Paulo foi convertido contra a sua vontade, por sua realização.

Tarde

A ilusão cria a ilusão. A ilusão se cria por si mesma e, a si mesma se destrói; assim é Maya.

Tudo o que chamamos de conhecimento, está baseado em Maya, constitui um círculo vicioso e, com o tempo, esse mesmo conhecimento destrói a si mesmo.

Solta a corda; a ilusão não atinge o Atman. Quando nos mantemos presos à corda, nos identificamos com Maya e esta tem poder sobre nós.

Abandonen-na; sejam somente a Testemunha, e poderão então admirar, sem sofrimento, o panorama do universo.

Quarta feira, 24 de Julho de 1895

Os poderes adquiridos pela prática da Yoga, não são obstáculos para o principiante, por causado assombro e do prazer que despertam com os exercícios.

Siddhis são os poderes que assinalam o êxito na prática e podem ser produzidos por vários meios, tais como a repetição de um mantram, pela prática da yoga, a meditação, o recolhimento e até pelo uso de ervas e de drogas.

O yogi que conseguiu vencer seu interesse pelos poderes adquiridos e renuncia a todas as virtudes nascidas dos seus atos, entra na *nuvem de virtude* (nome de um dos estados de samadhi) e irradia santidade, como uma nuvem verte água.

A meditação é feita sobre uma série de objetos, a concentração sobre um objeto apenas. A mente é conhecida pelo Atman, mas não é auto-luminosa. O Atman não pode ser causa de coisa alguma.

Como poderia sê-lo? Como pode o Purusha unir-se a Prakriti? (natureza). É impossível e acreditar nisso é apenas uma ilusão.

Aprendam a ajudar sem se compadecer, nem sentir que há qualquer infelicidade. Aprendam a ser o mesmo, tanto para o amigo quanto para o inimigo, e quando puderem fazer isso e já não tiverem desejo algum, terão alcançado a meta.

Cortem a árvore do desejo com o machado do desinteresse. Tudo é ilusão.

"Aquele que se despojou dos pessimismos e das ilusões, o que superou os males da associação, este é *azad* (livre)." Amar a alguém, pessoalmente, é prisão.

Amando a todos, por igual, todos os desejos se desvanecerão. O tempo, que a tudo destrói, chega, e todas as coisas tendem a desaparecer. Para que tratar de melhorar o mundo, de *pintar a mariposa*? Tudo tem que passar. Não sejam como insignificantes ratos brancos numa jaula giratória, sempre trabalhando sem conseguir nada.

Todo desejo leva, entremeado, algum mal, tanto se for bom, quanto se for mau. É como um cachorro que pula para apanhar um pedaço de carne, que cada vez fica mais fora do seu alcance e morre, finalmente, como um cão.

Não sejam assim: arranquem de dentro todos os desejos.

Paramatman, como diretor de Maya, é Isvara; Paramatman, submetido a Maya é Jivatman.

Maya é a soma total da manifestação e se desvanecerá totalmente. A natureza da árvore é Maya; em realidade, é a natureza de Deus que vemos sob os véus de Maya.

O porque de todas as coisas, está em Maya. Indagar por que existe Maya é uma pergunta inútil, já que a resposta nunca pode ser dada em Maya.

E além de Maya? Quem formulará esta pergunta? O mal cria o *por que*, não o *porque* o mal e é o mal que pergunta por quê? A ilusão destrói a ilusão. A razão mesma, por estar baseada na contradição, é um círculo e tem que matar a si mesma.

A percepção dos sentidos é uma interferência, e, sem dúvida, toda interferência procede da percepção. A ignorância, refletindo a luz de Deus, é coisa que se vê; porém, em si mesma, é zero.

A nuvem não apareceria, se a luz do Sol não se derramasse sobre ela.

Era uma vez quatro viajantes que chegaram a uma parede muito alta. O primeiro subiu com dificuldade até o topo da parede e, sem olhar para trás, saltou para o outro lado.

O segundo subiu também e, dando um grito de alegria, desapareceu. O terceiro trepou também até o ponto mais alto e, olhou para onde tinham ido seus camaradas, se riu alegremente e seguiu atrás deles.

O quarto, porém, voltou para contar o que havia acontecido com seus companheiros de viagem. O sinal, para nós, de que existe algo além, é o riso desses grandes seres, quando transpõe a parede de Maya.

Separando o *nós mesmos*, do Absoluto, e atribuindo-lhe certas qualidades, obtemos o conceito de Ishvara. É a realidade do universo, vista através da nossa mente.

O diabo pessoal é a miséria do mundo, vista pela mente dos supersticiosos.

Quinta feira, 25 de Julho de 1895

(Aforismos yogis de Pantajali.)

Podemos executar um ato ou ser a causa de que outros o executem, ou aprová-lo e, em cada caso, o efeito sobre nós é quase igual.

A completa continência dá grande poder intelectual e espiritual. O *brahmacharin* deve ser sexualmente puro em pensamentos palavras e obras.

Não prestem atenção ao corpo, libertem-se da consciência dele, até onde isso seja possível.

A *asana* (postura) deve ser firme e agradável e, a constante prática de identificar a mente com o Infinito, produzirá esse resultado. A atenção contínua, fixa em um objeto, é contemplação. Quando se atira uma pedra num lago tranqüilo, se formam muitos círculos, cada um deles diferente, mas todos atuando uns sobre os outros; o mesmo ocorre com nossas mentes, só que, em nós a ação é inconsciente, enquanto que para o yogi é consciente.

Somos como a aranha na sua teia, e a prática da yoga nos permitirá, como a aranha, nos afastarmos dos fios. Os que não são yogis estão sujeitos a permanecer fixos num ponto particular.

Ferir os outros, cria cadeias e oculta a verdade. As virtudes negativas não são suficientes; temos que conquistar Maya e então, ela nos seguirá. Só merecemos as coisas quando deixamos de estar ligados.

Quando as correntes cessam, real e verdadeiramente, todas as coisas vêm a nós. Apenas aqueles que nada necessitam, são donos da natureza.

Refugiem-se em algum ser que já tenha rompido essa cadeia, e com o tempo, ele os fará livres, mediante sua graça.

Mais elevado ainda é tomar refúgio no Senhor (Ishvara), porém é o mais difícil; só se pode achar um, em cada século, que o tenha feito verdadeiramente. Nada sintam, nada queiram, nada tragam, nada tenham; dêem tudo ao Senhor e exclamem de todo o coração: "Sua vontade seja feita".

Esse cativeiro é só um sonho nosso. Despertem e deixem-no ir.

Refugiem-se em Deus, unicamente assim, poderão cruzar o deserto de Maya.

"Solta a corda, sannyasin valente e diz: Om Tat Sat Om".

Ser caridoso é um privilégio ao qual nos permitimos, porque só assim podemos crescer. O pobre sofre para que nós sejamos os ajudados; o que dá deve ajoelhar-se diante de quem recebe.

Vejam o Senhor por trás de cada um dos seres e dêem a Ele. Quando cessamos de ver o mal, o mundo deverá terminar para nós, porque, livrar-nos de tal erro, é seu único objetivo.

O fato de pensar que existe uma imperfeição, a cria. Somente os pensamentos de força e perfeição podem curar.

Por maior que seja o bem que possamos fazer, algum mal haverá nele; porém ao fazer tudo sem considerar o resultado pessoal, deixando todos os resultados ao Senhor, nenhum bem ou mal nos afetará.

Trabalhar não é religião, porém, a obra feita corretamente, leva à liberdade. Na verdade, toda compaixão é ignorância.

De quem se compadecer?
Podemos nos compadecer de Deus?
E, por acaso, existe algo mais?

Demos graças a Deus por nos haver dado este mundo como um ginásio moral para ajudar o nosso desenvolvimento, mas nunca imaginemos ser possível ajudar o mundo.

Agradeçamos àquele que nos maldiz, porque nos dá um espelho para vermos o que a maldição é, e também uma oportunidade para nos contermos; assim, bendigamos e fiquemos contentes.

Sem exercício não pode surgir o poder, sem espelho, não podemos ver a nós mesmos.

A imaginação impura, é tão má como a ação impura.

O desejo dominado conduz aos mais elevados resultados. Transformem a energia sexual em energia espiritual, mas não sejam afeminados, porque isso seria desperdiçar o poder.

Quanto maior é esta força, se pode fazer com ela. Só uma poderosa corrente de água pode gerar uma usina hidráulica.

O que necessitamos hoje é saber que existe um Deus e que podemos vê-Lo e sentí-Lo, aqui mesmo e agora mesmo.

Um professor de Chicago disse:

Cuidemos desse mundo, que Deus cuidará do mundo futuro.

Que insensatez !

Se somos capazes de cuidar desse mundo, para que precisamos de um Deus problemático que cuide do outro ?

Sexta feira, 26 de julho de 1895

(Brihadaranyakopanishad)

Amem todas as coisas, através Dele e por Ele. Jajnavalkya disse a Maitreyi, sua esposa: "Através do Atman conhecemos todas as coisas".

O Atman nunca pode ser o objeto do conhecimento, nem pode o Conhecedor ser conhecido. Quem conhece o Atman, sabe que Ele é uma lei em Si mesmo; sabe que Ele é o Universo e seu criador. O fato de perpetuar os antigos mitos em forma alegóricae dar-lhes uma importância indevida, alimenta a superstição e constitui uma verdadeira debilidade.

A verdade não deve transigir.
Ensinem a verdade e não façam apologia de nenhuma superstição; não rebaixem, também, a verdade, ao nível de quem a ouve.

Sábado, 27 de julho de 1895

(Kathopanishad)

Não pretendam aprender a verdade do EU com alguém que não o tenha realizado; o que os outros dizem, são meras palavras.

A realização está além da virtude e do vício; além do futuro e do passado e além, ainda, dos pares de opostos. "O homem sem mácula vê o EU e uma calma eterna penetra em sua alma". Nem o falar, o argumentar, o ler os livros, nem os mais altos vôos do intelecto, nem mesmo os Vedas podem dar o conhecimento do EU.

Em nós, existem ambos: o Deus-alma e o homem-alma. Os sábios sabem que o último é apenas a sombra e que o primeiro é o Ser real. A menos que conectemos a mente com os sentidos, não poderemos obter referência alguma dos olhos, nariz, ouvidos, etc.

Os órgãos externos são extensões do poder da mente. Não permitam que os sentidos se voltem para fora, e então poderão livrar-se do corpo e do mundo externo. A mesma incógnita que vemos aqui como o mundo externo os que chegaram lá, vêm como céu e inferno, segundo seus próprios estados mentais.

O *aqui* e o *além* são dois sonhos, modelados o segundo sobre o primeiro. Libertem-se de ambos. Tudo é onipresente; tudo é *agora*.

A natureza, o corpo e a mente, vão para a morte; nós não; nós nunca saímos nem chegamos.

O homem Swami Vivekananda, é um ser da natureza, nasceu e morrerá; porém o Ser que vemos como Swami Vivekananda, nunca nasceu e nunca morrerá. É a Realidade, eterna e imutável.

O poder da mente permanece o mesmo, tanto se o dividimos nos cinco sentidos, como se vemos um só. Um cego diz: *cada coisa produz um eco diferente, assim, batendo palmas, posso obter esse eco e saber que coisas estão ao meu redor*.

Desse modo, o cego pode conduzir, no meio de uma neblina, um homem dotado de visão. A névoa ou a obscuridade, não fazem diferença para ele.

Dominem a mente, anulem os sentidos e então serão yogis: atrás disto, virá todo o resto. Recusem-se a ouvir, falar, cheirar, saborear; separem o poder mental dos órgãos externos.

Vocês fazem isso muitas vezes, mas inconscientemente, como, por exemplo, quando suas mentes estão abstraídas; assim, poderão aprender a fazer isso, onscientemente.

A mente pode colocar os sentidos onde ela quiser. Livrem-se da superstição fundamental, de que somos obrigados a trabalhar através do corpo. Não é assim. Encerre-se na sua própria morada e extraiam os conhecimentos dos Upanishads do seu próprio EU.

Vocês são os maiores livros de todos os que existiram, existem ou existirão, os depositários infinitos de tudo quanto existe. Até que o Mestre Interno se abra, todo ensinamento será vão.

Ela deve proporcionar, para ser de algum valor, a abertura do livro interno do coração. A vontade á "a voz sossegada e tênue", a verdadeira reguladora, a que diz "faça" ou "não faça".

Ela fez tudo o que nos interessou. A vontade ignorante conduz ao cativeiro, a vontade inteligente, pode libertar-nos. A vontade pode fortificar-se de centenas de maneiras; cada caminho é uma classe de yoga, mas a yoga sistematizada, leva a cabo a obra, mais rapidamente.

Bhakti - karma - raja e jnana - yoga ajudam mais eficazmente, a percorrer o caminho. Ponham a sua disposição, todos os poderes, a filosofia, o trabalho, a meditação, a oração; enfunem as velas, abram todas as válvulas do vapor e alcancem a meta.

Quanto antes, melhor. O batismo é a purificação externa que simboliza a purificação interna.

Sua origem é budista. A eucaristia é o que sobreviveu de um costume muito antigo das tribos selvagens. Eles matavam seus grandes chefes e comiam sua carne, para ter em si mesmo, as qualidades que faziam grandes a esses personagens.

Acreditavam que, as características que fazia valente e sábio o seu chefe, se tornariam suas e fariam valente a toda a tribo, em vez de permanecer apenas num homem. O sacrifício humano foi também uma idéia judaica e a que mais se enraizou neles, apesar dos castigos de Jehová.

Jesus foi doce e amoroso, porém para que pudesse ser adaptado às crenças judaicas, teve que introduzir a idéia do sacrifício humano, sob a forma de redenção, ou como vítima propiciatória.

Essa idéia cruel, fez com que o cristianismo se separasse dos ensinamentos do próprio Jesus e desenvolvesse um espírito de perseguição e matança.

Digam "é minha natureza", nunca '"é meu dever", ao fazer uma coisa qualquer. "Só a verdade triunfa, nunca a mentira". Apostem na verdade e já terão conquistado a Deus.

Desde os primeiros tempos, na Índia, a casta bramânica se manteve acima de toda a lei; seus componentes pretendiam ser deuses. São pobres, porém seu ponto fraco está na busca do poder. Existem ali, seiscentos milhões de pessoas que são boas e morais, que não tem propriedades, e são o que são, porque desde o seu nascimento são ensinados que estão acima da lei e dos castigos.

Se sentem seres "duas vezes nascidos", os filhos de Deus.

Domingo, 28 de julho de 1895

(Avadhuta Gita ou o "Canto Purificado" por Dattatreya)*

"Todo conhecimento depende da tranqüilidade da mente".

"Quem criou o Universo? Quem é o Eu que me habita e como o saudarei" ?

Conhecer o Atman como minha natureza, é ao mesmo tempo conhecimento e realização.

"Eu sou Ele; não há a menor dúvida quanto a isso". "Nenhum pensamento, nem palavra, nem ação cria laços para mim.

Estou além de todos os sentidos, eu sou Conhecimento e Felicidade".

Não há existência ou não - existência, tudo é Atman. Abandonem toda a idéia de relatividade, toda superstição; deixem que se desvaneça toda idéia de casta, de nascimento, de devas e tudo o mais.

Por que falar de ser, se podemos chegar a ser? Deixem de falar de dualismo, de advaitismo.

O Universo é este Santo Um, só Ele. Não falem de uma yoga que os faça puros; vocês são puros pela sua própria natureza.

Ninguém pode ensiná-los. Homens como o que escreveu este canto, são os que mantém viva a religião. Eles, verdadeiramente, realizaram; não se preocupam por nada, nada sentem nada que afeta o corpo, não se importam com calor, frio, perigo, nem coisa alguma.

Eles se sentem tranqüilos e desfrutam a felicidade do Atman, enquanto carvões incandescentes queimam seus corpos, sem que eles o notem. "Quando a tríplice corrente do conhecedor, conhecimento e conhecido se parte, então resta o Atman".

"Quando a ilusão do cativeiro e da liberdade acaba, ali está o Atman".

"Que importa se conseguiu controlar a mente, ou não? Que importa se tem dinheiro ou se não tem?

Vocês são o Atman sempre puro.Digam: "eu sou o Atman; jamais fui acorrentado.

Sou o firmamento imutável; nuvens de crenças podem passar por mim, mas não podem tocar-me".

"Queimem a virtude; queimem o vício. A liberdade é uma conversa infantil. Eu sou o Conhecimento imortal; Eu sou a pureza". "Ninguém jamais foi um escravo e ninguém foi nunca livre.

Nada existe, senão eu. EU sou o Infinito, o Sempre Livre. Não me digam nada. O que pode me afetar, se sou a essência do conhecimento? Quem pode ensinar? Quem pode ser ensinado"?

Varram todos os argumentos e filosofias. "Só o escravo vê escravidão, só os iludidos vêem ilusão e só impuros vêem impurezas".

O espaço, o tempo e a causa, são outras tantas ilusões. As enfermidades consistem no fato de pensarmos que estamos presos e que seremos libertados.

Somos o Imutável. Não há necessidade de palavras.

Permanecendo tranqüilos, deixamos que tudo se desvaneça, pois são apenas sonhos.

Não há diferença, não há distinção; tudo é superstição;portanto, permanecendo em silêncio, saberemos quem somos.

"Eu sou a essência da Felicidade". Não há necessidade de seguir um ideal; somos tudo quanto existe.

Nada temamos; somos a essência da existência. Permaneçam em paz; não permitam que nada os perturbe. Jamais estiveram ligados, nunca foram virtuosos nem pecadores. Livrem-se de todas essas ilusões e permaneçam em paz.

A quem adorar ? Quem adora ? Tudo é o Atman. O falar, o pensar, são superstições. Repitam incessantemente: Eu sou o Atman.

Eu sou o Atman, deixando de lado todo o resto.

*Dattatreya: sábio filho de Atri e Anasuya, em uma encarnação de Brahma, Vishnu e Maheswara.

Segunda feira, 29 de Julho de 1895

Algumas vezes, indicamos uma coisa, descrevendo o que a rodeia. Quando dizemos "Sat-chit-ananda" (Existência-Conhecimento-Felicidade) estamos indicando, simplesmente, a idéia de um indescritível Mais Além. Nem, ao menos, podemos dizer *isto é*, porque isso também é relativo.

Qualquer imaginação, qualquer conceito é vão; *neti-neti*, (não é isso; não é isso) é tudo quanto podemos dizer, porque até o pensar significa limitar e, desse modo, perder o sentido de totalidade.

Os sentidos enganam dia e noite. A Vedanta falou disso, faz muito tempo; a ciência moderna, agora está descobrindo a mesma coisa. Uma tela só tem altura e largura e o pintor copia o engano da natureza, dando, artificialmente, a aparência de profundidade.

Não existem duas pessoas que vejam o mesmo mundo. O mais elevado conhecimento lhes dirá que não há movimento nem mudança em nada; que só esta idéia já é Maya.

Estudem a natureza como um todo, ou seja, estudem o movimento. Nem a mente nem o corpo são o nosso Ser Real; ambos pertencem à natureza, porém, eventualmente, poderemos conhecer *a coisa em si*. Assim, havendo transcendendo corpo e a mente, tudo o que eles representam, desaparece.

Quando vocês anularem, inteiramente o que sabem sobre o mundo, então, realizarão o Atman. Tudo o que precisamos é anular o conhecimento relativo. Não há mente infinita, nem infinito conhecimento, porque tanto a mente como o conhecimento, são limitados.

Vemos agora, através de um véu; depois, alcançaremos o *X*, a incógnita, que é a Realidade de todo o nosso conhecimento.

Se olharmos um quadro, através de um buraco feito com a ponta de um alfinete, numa tela, adquirimos uma noção completamente errada; no entanto, o que vemos é, realmente, a figura. À medida que aumentamos o furo, vamos tendo uma idéia mais clara.

Da Realidade, extraímos os mais diversos pontos de vista, de acordo com nossas incorretas percepções de *nome e forma*. Quando retiramos a tela, vemos o mesmo quadro, mas agora o vemos tal qual ele é.

Nós lhe atribuímos todas as qualidades, todos os erros, sem que, por isso, o quadro se tenha alterado. Isto acontece porque o Atman é a Realidade de Tudo; tudo o quanto vemos, é Atman, mas não o vemos tal qual Ele é, mas com *nome e forma*; essas coisas constituem o véu de Maya.

São como manchas na lente de um telescópio; sem dúvida é a luz do sol que nos mostra essas manchas. Não poderíamos ver, nem mesmo a ilusão, a não ser pelo contraste com a Realidade que é Brahman.

O Swami Vivekananda, é a mancha que se acha sobre lente; Eu sou Atman, real, imutável, e só essa realidade me permite ver o Swami Vivekananda. Atman é a essência de toda a alucinação; porém o sol nunca se identifica com as manchas que existem sobre o cristal do telescópio; ele só nos faz ver. Nossas ações, conforme sejam boas ou más, só fazem aumentar ou diminuir estas manchas, porém nunca afetam ao Deus que há em nosso interior.

Se limparmos perfeitamente essas manchas mentais, imediatamente vamos ver que "Eu e meu Pai somos um só". Nós percebemos primeiro e raciocinamos depois.

Devemos ter essa percepção como um fato e a isto se chama religião, realização.

Não importa que alguém nunca tenha ouvido falar de credo, de profeta ou livro, desde que adquira esta realização, não precisará de mais nada. Limpemos a mente; nisto consiste toda a religião, e até que nós mesmos limpemos todas as manchas, não poderemos ver a Realidade tal qual ela é.

Uma criança não vê pecado, porque não tem dentro de si, a medida deles. Livrem-se dos defeitos de dentro de si mesmos e já não poderão vê-los do lado de fora. Uma criança assiste a um roubo, sem que aquilo tenha nenhum significado para ela.

Uma vez que tenham visto a figura oculta num quebra-cabeças a verão sempre, depois; da mesma forma, quando se tornam livres e imaculados, só poderão ver liberdade e pureza no mundo que os rodeia.

Neste momento, todos os nós do coração são desatados, tudo que é torto se torna reto e esse mundo se desvanece como um sonho; e quando despertamos como nos admiramos de termos podido sonhar tão disparatados sonhos. Adquirido isso, nem

uma soma de sofrimentos tão grande como uma montanha, tem o poder de comover a alma.

Com a arma do conhecimento, despedacem as rodas: o Atman permanece livre, embora a força do movimento adquirido faça girar, ainda, a roda da mente e do corpo. A roda, que agora só pode andar em reta, só poderá fazer o bem. Se esse corpo faz algum mal, saibam que o homem não é *jivanmukta*, e que mente se afirma isso.

Porém, apenas quando as rodas atingiram o movimento reto e bom (pela limpeza da mente), se pode usar a arma. Toda ação purificadora dá, consciente ou inconscientemente, golpes sobre a ilusão.

Chamar o outro de pecador é pior coisa que há a fazer. A ação boa, feita ignorantemente, produz o mesmo resultado e ajuda a romper os grilhões.

Identificar o sol com as manchas que possa haver na lente do telescópio, é o erro fundamental. Saibam que tanto o Sol como o EU, nunca são afetados por coisa alguma, e dediquem-se a limpar as manchas. O homem é o ser mais elevado que jamais pode existir. O culto mais elevado é adorar o homem, como Krishna, Buddha e Cristo.

Criamos o que desejamos. Liberem-se dos desejos !Os anjos e os mortos estão todos aqui, vendo este mundo como céu. O mesmo *X*, é visto por todos, de acordo com sua disposição mental.

A melhor visão que alguém pode ter de *X*, é aqui, nesta terra. Nunca procurem ir ao céu, essa é a pior das ilusões. Mesmo aqui, a excessiva riqueza e a aniquiladora pobreza são limitações que nos separam da religião.

Três grandes dons, nós possuímos: primeiro, um corpo humano. (A mente humana é o reflexo mais imediato de Deus; nós somos a *sua própria imagem*).

Segundo, o desejo de sermos livres.
Terceiro, a ajuda de uma alma nobre que já cruzou o oceano da ilusão, e nos serve de Mestre.

Se possuem essas três coisas, bendigam ao Senhor; podem estar seguros de que são livres.

Aquilo que é alcançado, apenas intelectualmente, pode ser destruído por um novo argumento; porém aquilo que realizaram, será seu para sempre. Falar e falar de religião é de muita pouca utilidade. Ponham Deus por trás de todas as coisas, homens, animais, alimento, trabalho; façam disto um hábito.

Ingersoll me disse, certa vez: "Creio que o máximo que podemos fazer neste mundo, é espremer a laranja, até que ela fique seca, porque esse mundo é o único do qual estamos seguros".

Eu lhe respondi: "Conheço uma forma melhor do que a sua de espremer a laranja deste mundo e conseguir mais suco.

Sei que não posso morrer, por conseguinte, não me apresso; *sei* que não há nada a temer e assim, tiro prazer do fato de espremê-la.

Não tenho deveres; nenhum laço de esposa, filhos ou propriedades; posso amar a todos os homens e mulheres.

Cada um deles é Deus para mim. Sintam a alegria de amar ao homem como a Deus.

Espremam suas laranjas deste modo e obterão mil vezes mais suco. Não perderão nem uma só gota".

Aquilo que parece ser a vontade é o Atman que está atrás dela e Ele é, realmente livre.

Segunda - à tarde

Jesus foi imperfeito porque não viveu completamente seu próprio ideal e, sobretudo, porque não deu à mulher, um lugar igual ao do homem.

As mulheres fizeram tudo por ele, porém estava tão influenciado pelos costumes judaicos, que nenhuma foi chamada para ser seu apóstolo.

Não obstante, Cristo foi o maior homem, depois de Buddha, que, por sua vez, não foi inteiramente perfeito. Buddha, sem dúvida, reconheceu que os direitos da mulher eram iguais, em religião, ao do homem, e seu primeiro e um dos seus mais importantes discípulos, foi sua própria esposa, que chegou a ser a cabeça de todo o movimento budista, entre as mulheres da Índia.

Porém não devemos criticar a esses grandes homens, devemos considerá-los somente como muito superiores a nós. Por outro lado, não devemos depositar nossa fé em nenhum homem, por maior que ele seja; nós devemos tratar de ser, também, Buddhas e Cristos.

Nenhum homem deve ser julgado por seus defeitos. As grandes virtudes que um homem tem, são suas, enquanto que seus erros são parte da debilidade comum à humanidade, e nunca deveriam ser tomados em conta, ao estimar seu caráter.

Vira é a palavra sânscrita equivalente a heróico; ela é a origem da palavra virtude, porque, nos tempos antigos, o melhor lutador era considerado como o homem mais virtuoso.

Terça feira, 30 de julho de 1895

Os Cristos e Buddhas são simplesmente ocasiões para objetivar nossos próprios poderes internos. Em realidade, somos nós que respondemos às nossas orações.

É uma blasfêmia pensar que, se Jesus não tivesse nascido, a humanidade não poderia ser salva. É horrível esquecer, deste modo, a divindade da natureza humana, uma divindade que deve manifestar-se.

Nunca esqueçam a glória da natureza humana. Nós somos o maior Deus que houve, que há e que, em tempo algum, haverá. Os Cristos e os Buddhas são apenas ondas, num oceano sem limites, que Sou EU.

Não se inclinem diante de nada, a não ser do seu próprio EU Superior. Até que percebam que vocês são esse mesmo Deus dos Deuses, não haverá liberação para vocês.

Todas as nossas ações passadas foram realmente boas, porque nos fizeram o que atualmente sermos.

A quem havemos de pedir? EU sou a existência real e tudo o mais é um sonho, exceto o eu.

EU sou todo o oceano; não chamem eu a pequena onda que vocês formam, saibam que é somente uma onda. Satyakama (amante da verdade) ouvia a voz interna que lhe dizia: "'Tu és o infinito, o universal está em ti.

Controla-te a ti mesmo e escuta a voz do teu verdadeiro EU".

Os grandes profetas, que lutam, tem que ser menos perfeitos do que os que vivem uma vida de santidade silenciosa, pensando grandes pensamentos e ajudando, desse modo, ao mundo.

Esses homens, ao morrer, uns depois dos outros, produzem, como resultado final, o homem poderoso, que prega.O conhecimento existe, o homem só o descobre. Os Vedas são esse conhecimento eterno por meio do qual Deus criou o mundo.

Pregam elevada filosofia (a mais elevada) e fazem essa tremenda afirmação: Digam a verdade, ousadamente, sem pensar se causarão dano ou não.

Não transijam com a debilidade. Se a verdade é forte demais para os intelectuais e os tonteia, deixe-os cair; quanto mais cedo, melhor.

As idéias infantis são para as crianças e os selvagens e não são todas que estão nas creches ou nos bosques; alguns se encontram nos púlpitos. Não é bom permanecer numa igreja, depois de haver crescido espiritualmente. Saiam e morram no campo raso da liberdade.

Todo o progresso está no mundo relativo. A forma humana é a mais elevada e o homem o maior dos seres, porque aqui e agora, podemos livrar-nos inteiramente do mundo relativo e alcançar a liberdade; e esta é a meta. Não somente podemos, mas alguns chegaram à perfeição; assim, não importa quão delicados sejam os corpos que possamos ter, só podem pertencer ao plano relativo e nada farão mais que nós porque alcançar a liberdade, é tudo o que se pode fazer.

Os anjos, jamais cometem ações perversas, portanto não são castigados nunca nem nunca são salvos. Os golpes são o que nos despertam e nos ajudam a romper o sonho; demonstram-nos a insuficiência deste mundo e nos fazem sentir ânsias de escapar, de ter liberdade.

A uma coisa, obscuramente percebida, damos um nome; a mesma coisa, quando plenamente percebidas, chamamos por outro. Quanto mais elevada seja a natureza moral, tanto mais alta será a percepção e mais forte à vontade.

Terça, à tarde

A razão da harmonia entre o pensamento e a matéria, se deve ao fato de que ambas são dois lados de uma mesma coisa (chamada X) que se divide em interno e externo.

A palavra paraíso, descende da sâncrita *para-desa*, que foi introduzida na linguagem persa e significa, literalmente *além da terra*, ou o outro mundo.
Os antigos ários, sempre acreditarem numa alma, nunca que o homem fosse o corpo.

Seus céus e infernos eram todos temporários, porque nenhum efeito pode durar mais que sua causa e nenhuma causa é eterna, portanto todo efeito deve ter um fim.

Toda a filosofia vedanta, está sintetizada nessa história: "Dois pássaros de plumagem dourada, estão pousados na mesma árvore. O de cima é sereno, majestoso, submerso em sua própria glória.

O outro, abaixo, intranqüilo, comendo os frutos da árvore, algumas vezes doces e outras amargas. Ele olha em todas as direções; de vez em quando, come um fruto excepcionalmente amargo, então se detém e olha o majestoso pássaro que está acima; mas logo se esquecendo outro pássaro e continua comendo os frutos da árvore, como antes. De novo come outro fruto amargo, e desta vez, sobe alguns galhos,aproximando-se mais do pássaro que está no alto.

Isto acontece muitas vezes, até que um dia, o pássaro de baixo, chega ao lugar do mais elevado e se perde em si mesmo. Então, ele se dá conta de que nunca tinham sido dois pássaros, mas que ele sempre foi o pássaro do alto, sereno, majestoso e mergulhado em sua própria glória".

Quarta feira, 31 de Julho de 1895

Lutero introduziu um espinho na religião, quando aboliu a renúncia e nos deu, em troca, a moralidade. Ateus e materialistas podem ter éticas, porém, somente os que crêem no Senhor, podem ter religião.

Os malvados pagam o preço da santidade das grandes almas. Pensem nisso quando virem um homem perverso. Assim como o trabalho de um pobre homem paga o luxo de um rico, do mesmo modo acontece no mundo espiritual.

A terrível degradação das massas, na Índia, é o preço que a Natureza paga pela produção das grandes almas, como Mira-bay, Buddha, etc."Sou a santidade do santo". (Gita)

"Eu sou a raiz; cada um a usa a sua maneira, porém tudo é o Eu". "Eu faço todas as coisas, vocês são apenas a ocasião". Não falem muito, porém sintam o espírito dentro de vocês, então serão um *jnani*.

Isto é conhecimento; todo o resto é ignorância. Tudo o que pode ser conhecido é Brahman. Ele é tudo.

Sattwa nos liga, fazendo-nos buscar felicidade e conhecimento; *rajas* nos liga pelo desejo e *tamas* nos liga pela percepção errada e pela preguiça. Conquistem os dois inferiores por meio de Sattwa e depois entreguem tudo ao Senhor e sejam livres.

O bhakti-yoga realiza a Brahma muito rapidamente e transcende às três qualidades. A vontade, a consciência, os sentidos, o desejo, as paixões, tudo isso combinado constitui o que chamamos de alma.

Primeiro está o eu aparente- o corpo - depois o eu-mental, que confunde o corpo consigo mesmo (o Absoluto ligado por Maya) e, em terceiro lugar, o Atman, o sempre puro, o sempre livre.

Visto parcialmente, é a natureza; visto totalmente, a natureza inteira se desvanece, e até a lembrança dela se perde. Existe o mutável (mortal), o eternamente mutável, (a natureza) e o Imutável (Atman).

Estar sem esperança alguma é o estado mais elevado. O que há que devemos esperar? Rompam os laços da esperança, se apóiem em seu próprio eu e permaneçam tranqüilos; não importa o que aconteça; entreguem tudo ao Senhor, mas sem hipocrisia.

Svastha, a palavra sânscrita que expressa *apoiar-se sobre o próprio eu*, se emprega familiarmente na Índia para perguntar: Você está bem? Você está feliz?

Quando os hindus querem expressar *eu vi uma coisa*, dizem: *eu vi o significado de uma palavra* (padartha).

Até o universo é o significado de uma palavra. O corpo de um homem perfeito, faz, mecanicamente, o bem; só pode fazer o bem porque está totalmente purificado. O impulso que dá e faz mover a roda do corpo, é inteiramente bom. Todas as tendências negativas foram queimadas.

"É, em verdade, um mau dia, aquele em que não falamos do Senhor, e não o dia da tormenta". Só o amor pelo Senhor Supremo é o verdadeiro bhakti. O amor por qualquer outro ser, por maior que seja, não é bhakti.

O Senhor Supremo, significa aqui, Ishvara, cujo conceito transcende ao que vocês, no Ocidente, chamam de Deus pessoal.

"Aquele de quem este Universo procede, no qual descansa, e para o qual retorna, Ele, é Ishvara, o Eterno, o Puro, o Todo- Misericordioso, o Todo-Poderoso, o Sempre-Livre, O Onisciente, o Mestre de todos os mestres, o Senhor, que por sua própria natureza, é amor inexprimível".

O homem não constrói um Deus do seu próprio cérebro, porém, só pode ver Deus, à luz de sua própria capacidade, e Lhe atribui o melhor que ele conhece. Cada atributo é a totalidade de Deus e isto, de que uma só qualidade representa o Todo, é a explicação metafísica do Deus pessoal.

Ishvara carece de forma e, no entanto, possui todas as formas; carece de qualidades e, no entanto, tem todas as qualidades. Como seres humanos, devemos ver, forçosamente, a trindade da existência: Deus, homem e natureza.

Não podemos evitar isso.

Para o bhakta, porém, todas estas distinções filosóficas são mera conversa inútil. Pouco se lhe importam as discussões; ele sente, percebe. Necessita o arrebatamento do amor de Deus, e existiram bhaktas que sustentaram que isto é mais do que desejar a liberação, e que disseram: "Não quero ser o açúcar; contento-me em gostar de açúcar".

Eu quero amar e aproveitar o Amado. Na bhakti-yoga, o essencial é desejar Deus, sincera e intensamente.

Queremos tudo, menos Deus, porque os nossos desejos ordinários se dão por satisfeitos com o mundo externo. Enquanto nossas necessidades estão circunscritas dentro dos limites do universo físico, não sentimos nenhuma necessidade de Deus. Somente quando já recebemos rudes golpes na vida e estamos desgostosos com tudo o que há aqui, sentimos a necessidade de algo mais elevado e buscamos Deus.

Bhakti não é destrutiva; ensina que todas as nossas faculdades podem converter-se em meios para adquirir a salvação. Devemos dirigi-las, todas, para Deus e entregar a Ele esse amor, que é geralmente desperdiçado nos fugazes objetos dos sentidos.

Bhakti difere da idéia ocidental de religião; em bhakti não se admite o temor nem a existência de um Ser a quem propiciar ou aplacar. Existem até bhaktas que adoram Deus como seu próprio filho, para não guardar sentimento algum de medo ou veneração.

Não pode haver temor no amor verdadeiro e enquanto restar o menor medo, bhakti não pode sequer começar. Em bhakti também não cabe mendigar ou comercializar com Deus. A idéia de pedir algo a Deus, parece sacrílega para um bhakti, que nunca pedirá riqueza ou saúde e nem mesmo para ir para o céu.

Quem deseja amar a Deus, ser um bhakta, deve fazer um embrulho com todos esses desejos e deixá-lo do lado de fora da porta, antes de entrar. Quem deseja entrar no reino da luz, deve embrulhar todo o mercantilismo religioso e jogá-lo na rua antes de cruzar os portais.

Não é que vocês não possam obter o que pedem; receberão tudo, mas o resultado é uma coisa baixa e vulgar; uma religião de mendigos. "Néscio é, em verdade, aquele que, vivendo nas margens do Ganges, cava um pequeno poço para conseguir água.

Néscio, em verdade, é o homem que chegando a uma mina de diamantes, se põe a procurar cacos de vidro".

As orações nas quais se pede saúde, riqueza e prosperidade material, não são bhakti; são a forma mais inferior de karma. Bhakti é uma coisa mais elevada. Estamos nos esforçando para chegar à presença do Rei dos Reis; não podemos entrar vestidos de mendigos.

Se quiséssemos chegar à presença de um imperador, seríamos admitidos com os farrapos de um mendigo? Seguramente não. Seu lacaio nos fecharia a porta. Este é o Imperador dos Imperadores e nunca poderemos nos apresentar diante dele, com andrajos de mendigos; os mercadores nunca são admitidos ali; a compra e venda, naquele lugar, é impossível.

Na Bíblia, vocês lêem que Jesus expulsou os mercadores do templo. Assim, fica evidente que a primeira tarefa para chegar a ser um bhakta, é despojar-se de todos os desejos de céu e coisas assim. Tal céu seria igual aqui, onde estamos; como esta terra, só que um pouco melhor.

A idéia cristã de céu, é a de um lugar de prazer intensificado. Como pode isso ser Deus ? Todo esse desejo de céu, é desejo de prazeres; tem que ser descartado.

O amor de bhakta tem deve ser inteiramente puro e desinteressado, sem buscar nada para si mesmo, nem aqui, nem no futuro. "Abandonem todo o desejo de prazer e dor, de ganho e de perda; adorem a Deus dia e noite; nenhum momento deve ser vivido em vão".

"Abandonem todos os outros pensamentos; que a mente inteira adore a Deus dia e noite. Sendo assim adorado, dia e noite, Ele se revela e faz com que seus adoradores o sintam".

Quinta Feira, 1 de Agosto de 1895

O verdadeiro guru é aquele através de quem encontramos nossa descendência espiritual. É ele o canal, por onde flui para nós, a corrente espiritual; o elo que nos une a todo o mundo espiritual.

A demasiada fé na personalidade tem a tendência de produzir fraquezas e idolatria, porém o intenso amor ao guru possibilita um rápido crescimento e nos conecta com o Guru interno. Adorem seu guru se ele é verdadeiro; esta guru-bhakti (devoção ao mestre), os conduzirá rapidamente a um plano mais elevado.

A pureza de Sri Ramakrishna era a de um bebê. Nunca tocou em dinheiro em toda a sua vida e a luxúria estava completamente aniquilada nele.

Não procurem os grandes mestres religiosos para aprender ciências físicas, porque toda a sua energia está voltada para o mundo espiritual.

Em Sri Ramakrishna Paramahamsa, o homem estava completamente morto e só restava o Deus; era-lhe impossível ver pecado; era literalmente *de olhos demasiado puros para ver a iniqüidade.

A pureza desses poucos Paramahamsas é a única coisa que mantém o mundo unido. Se todos eles morressem ou o deixassem, o mundo se faria em pedaços. Fazem o bem pelo simples fato de existir e sem se dar conta disso; se contentam com ser.

Os livros sugerem a existência de uma luz interna e o método para extraí-la; porém só podemos compreendê-los, quando conquistamos nós mesmos, esse conhecimento.

Quando a luz interna se acendeu dentro de vocês, abandonem os livros e olhem só para dentro. Dentro de vocês está tudo e é mil vezes mais do que existe em todos os livros. Nunca percam a fé em vocês mesmos; vocês podem fazer tudo nesse universo. Não se acovardem nunca; todo esse poder é seu.

Se a religião e a vida dependem dos livros ou da existência de algum profeta, que morram então todas as religiões e todos os livros! A religião está em nós. Nem os livros, nem os mestres podem fazer mais do que ajudar-nos a encontrá-la e até sem eles, podemos desenterrar a verdade que está em nosso interior.

A despeito disso, devemos sentir gratidão pelos livros e pelos mestres, sem nos agarrarmos a eles; devemos adorar nosso guru como Deus, mas não obedecê-lo cegamente; amem tanto quanto possam, mas pensem por si mesmos.

Nenhuma crença cega pode nos salvar; conquistemos nossa própria salvação. Tenham somente a idéia de Deus; que Ele é uma ajuda eterna. A liberdade e o amor mais elevado devem caminhar juntos, e então, nenhum dos dois se transformará em amarras. Nós nada podemos dar a Deus; Ele é que nos dá tudo.

Ele é o Guru dos Gurus.
Depois achamos que Ele é
a alma de nossas almas nosso verdadeiro Eu.
Não é estranho que O amemos, já que é a Alma de nossas almas; a quem ou a que outra coisa podemos amar ?
Queremos ser *a chama permanente, ardendo sem calor e sem fumaça*.
A quem poderão fazer bem, se só vêem Deus ?
É impossível fazer bem a Deus.
Toda a dúvida se desvanece, tudo é *identidade*.

Se, de algum modo, podemos fazer o bem nós o fazemos a nós mesmos. Sintam que o que recebe é o mais elevado.
Servimos aos outros, porque somos inferiores a eles, não porque ele seja inferior e nós mais elevados.

Devemos dar como a rosa dá o seu perfume; porque é a sua própria natureza, completamente inconsciente do que dá.

O grande reformador hindu Rajah Ram Mohan Roy era um exemplo assombroso desta obra altruísta. Dedicou sua vida inteira a ajudar a Índia.

Foi ele o responsável pela abolição do costume de queimarem as viuvas. Pensa-se, em geral, que esta reforma se deveu apenas aos ingleses, mas foi Rajah Ram Mohan Roy quem iniciou o movimento contra esse costume e conquistou o apoio do governo para reprimi-lo.

Até que ele começasse o movimento, os ingleses nada haviam feito. Também fundou a importante sociedade religiosa, chamada Brahmo-Samaj e doou 400.000 pesos para fundar uma universidade; depois se afastou e mandou que continuassem sem ele.

Não se preocupou com qualquer tipo de nome e fama, nem desejou alcançar resultado nenhum.

Quinta Feira - Tarde

Há inúmeros tipos de manifestações, como um carrossel, no qual as almas cavalgam, por assim dizer. As séries são eternas; as almas individuais conseguem sair, porém os fatos se repetem eternamente, e a isso se deve o fato de poder ler o passado e o futuro de uma pessoa, porque, na verdade, tudo é presente.

Quando a alma está em uma determinada corrente, tem que passar pelas experiências dessa corrente.

De uma série passa a outras. Algumas delas se livram para sempre, pela realização que é Brahman. Se pegarmos um fato que pertença a uma corrente e o examinarmos, toda a corrente surgirá, e assim poderá ser lida. Esse poder se adquire com facilidade, mas não possui valor real e a o praticá-lo nós desperdiçamos a força espiritual.

Não corram atrás dessas coisas; adorem a Deus.

Sexta Feira, 2 de Agosto de 1895

Nishta (devoção a um ideal) é o princípio da realização. Retirem o mel de todas as flores, sejam amigos de todos, rendam homenagens a todos; digam a todos: sim irmão, sim irmão, porém mantenham-se firmes no seu próprio caminho. Um estado mais elevado é tomar, praticamente o lugar do outro.

Se eu sou o todo, por que não hei de poder real e ativamente simpatizar com meus irmãos e ver com seus olhos? Enquanto sou fraco, devo seguir um só caminho (nisthta), mas quando sou forte, posso me sentir como cada um dos meus semelhantes e simpatizar com suas idéias.

A teoria antiga era desenvolver uma idéia, às *custas de todas as outras*; a moderna é *desenvolvimento harmonioso*. Um terceiro consiste em *desenvolver a mente e controlá-la* e depois utilizá-la onde bem quiser; o resultado virá rapidamente.

Essa é a maneira mais segura de nos desenvolvermos. Aprendam a concentração e usem-na para todos os fins. Dessa maneira não perderão nada. Aquele que adquire o todo, deve fazer força para obter as partes também. O dualismo está incluído no *advaitismo* (monismo). "Primeiro eu o vi e ele me viu, Passou um relâmpago dos meus olhos para os seus olhos e dos seus para os meus "Assim ocorreu até que as duas almas chegassem a se unir tão estreitamente, que se converteram em uma.

Existem duas classes de samadhi: uma consiste em concentrar-se em si mesmo, a outra concentrar-se até conseguir a unidade de sujeito e objeto.

Devemos ser capazes de simpatizar inteiramente com cada um em particular, e depois, de um salto, passar ao mais elevado monismo. Depois de terem se aperfeiçoados, poderão definir os limites. Usem todo o seu poder em cada uma de suas ações; sejam capazes de se tornar dualista num determinado momento, esquecendo a *advaita *, e logo voltar a ela pelo poder da vontade.

Causa e efeito: tudo é Maya.
Já chegaremos a compreender que tudo quanto vemos é tão desconexo, como hoje nos parecem os contos de fada. Não existe, na realidade, uma coisa tal como causa e efeito; já chegaremos a entender isso. Depois, se vocês conseguirem, rebaixem seus intelectos e deixem que qualquer qualquer alegoria passe por suas mentes, sem se preocuparem com a sua coerência.

Desenvolvam o amor pela ficção e pela boa poesia, e logo apreciará todas as mitologias como poesia. Não se aproximem da mitologia com idéias de histórias e raciocínios.

Deixem que ela flua como uma corrente através de suas mentes; permitam que ela gire como uma luz diante de seus olhos, sem perguntam quem a sustenta, e assim se apoderarão do círculo; o resíduo de verdade permanecerá em suas mentes.

Os autores de todas as mitologias escreveram em símbolos, aquilo que viram e ouviram, pintando belos quadros. Não se preocupem em escolher demais os temas, pois deste modo destruirão a pintura; aceitem-nos assim como são e deixem que eles atuem sobre vocês.

Julguem-nos, apenas pelo efeito, e arranquem o que há de bom neles. Sua própria vontade é a que responde as suas preces; só que ela se apresenta a cada mente, sob o disfarce de diferentes conceitos religiosos.

Podemos chamá-la de Buddha, Jesus, Krishna, Jehová, Alá, Agni, mas estes só podem ser o Eu. Os conceitos crescem, porém, as alegorias que o representam não têm valor histórico.

As visões de Moisés são talvez mais equivocadas que as nossas, porque nós temos mais conhecimento e menos probabilidade de nos deixar enganar pelas ilusões. Os livros são inúteis para nós, até que o nosso próprio livro se abra; depois, todos os livros são bons, desde estejam de acordo com o nosso.

Só o forte compreende a força; só o elefante compreende o leão, não o rato. Como podemos nós compreender Jesus, enquanto não sejamos seus iguais? Tanto alimentar cinco mil pessoas com dois pães, como alimentar duas com cinco pães, tudo é um sonho; nenhum é real e nenhum afeta ao outro.

Só a grandeza aprecia a grandeza, só Deus realiza Deus. O sonho é apenas o sonhador; não tem outra base. Não é uma coisa o sonho e outra o sonhador. A tônica que ocorre através da partitura é "Eu sou Ele; Eu sou Ele"; todas as outras notas são apenas variações e não afetam o tema real. Nós somos os livros vivos e os livros são apenas as palavras que nós falamos.

Tudo é o Deus vivente; o Cristo vivo; vejam-no como tal. Leiam o homem que é o poema vivo. Somos a luz que ilumina todas as Bíblias e Cristos e Buddhas que existiram no mundo.

Sem isso eles estariam mortos para nós; sem vida. Apóiem-se em seu próprio Eu. O cadáver de nada se ressente; façamos como se nossos corpos estivessem mortos e paremos de nos identificar com eles.

Sábado, 3 de Agosto de 1895

Os indivíduos que podem obter a liberdade nesta vida têm que viver mil anos em uma única encarnação. Tem que colocar-se na vanguarda do seu tempo, enquanto que as massas só podem se arrastar.

Assim temos Cristos e Buddhas.

Havia, certa vez, uma rainha hindu que, de tal modo ansiava que seus filhos alcançassem a liberação nesta vida, que ela mesma tomou a seu encargo os cuidados com estas crianças, e, para fazê-los dormir, cantava sempre a mesma canção:

"Tat tvan asi, Tat tvan asi" (Tu és Aquele, tu és Aquele).
Três dos príncipes chegaram a ser *sannyasins*, mas o quarto foi eleito rei de certo reino.

No momento de deixar a casa, a mãe lhe deu um pedaço de papel que devia ler quando fosse um homem feito.

No pedaço de papel estava escrito "Só Deus é verdadeiro; tudo o mais é falso. A alma nunca mata nem pode ser morta. Viva só em companhia de santos". Quando o jovem príncipe leu isso, renunciou também ao mundo e se tornou um *sannyasin*.

Abandonem tudo, renunciem ao mundo. Somos agora, como cães soltos na cozinha, comendo um pedaço de carne e olhando em volta, receosos de que, em algum momento alguém entre e nos ponha para fora.

Em vez disso, sejam reis e saibam que o mundo lhes pertence. Isso não poderá acontecer até que renunciem e deixem de estar ligados.

Renunciem mentalmente, se não podem fazê-lo fisicamente.
Renunciem desde o fundo e do mais íntimo de seus corações.
Tenham *vairagyan* (renúncia).

Este é o sacrifício real, e sem ele torna-se impossível obter espiritualidade.
Não desejem nada, porque aquilo que se deseja se obtém, e trás consigo a horrível escravidão.

Nada mais é do que trocarmos de narizes, como no caso do homem que devia pedir três graças*.

Não obteremos a liberdade enquanto não tivermos domínio sobre nós mesmos. É o EU quem salva o eu, ninguém mais.

Aprendam a sentir em outros corpos, a reconhecer que todos somos um.
Joguem todas as outras idéias ao vento.

Realizem suas ações; boas ou más e não voltem a pensar nelas.

O que está feito, feito está. Livremo-nos das superstições.
Não mostrem fraqueza nem mesmo diante da morte.
Não se arrependam, não ruminem coisas passadas, nem se lembrem das boas obras; sejam *azad* (livres).

O fraco, o covarde e o ignorante nunca alcançarão o Atman.
Não podem desfazer o que está feito; o efeito deve acontecer.
Aceite-o, mas cuidem de não repetirem a mesma coisa.
Entreguem a carga de todos os seus atos ao Senhor; dê-Lhe tudo, tanto o bom como o mau.

Não guardem o bem e entreguem apenas o mal.
Deus ajuda, aqueles que *não se ajudam a si mesmos*. "Bebendo da taça do desejo, o mundo se torna louco".

O dia e a noite jamais se juntam, do mesmo modo, o desejo e o Senhor nunca podem andar juntos. Abandonem o desejo.

*Certa vez, um homem pobre encontrou um deus que lhe ofereceu três dons; ele podia fazer três pedidos que eles seriam atendidos .

O homem, feliz, voltou para casa e comunicou a notícia de tão boa sorte, à sua mulher que, alegremente, sugeriu que pedissem primeiro riquezas.

A isto o homem respondeu:

"Nós dois temos narizes pequenos e feios e, por causa disso, os outros se riem de nós; peçamos primeiro um bonito nariz aquilino, pois a riqueza não pode nos livrar dessa deformidade".

A mulher preferia obter primeiro a riqueza e, tomando-lhe as mãos, lhe disse isso.

O homem retirou suas mãos imediatamente e decidiu: "que tenhamos belos narizes e nada mais que narizes".

Imediatamente o corpo todo se cobriu de lindos narizes, mas isso causava um incômodo tão grande que resolveram gastar o segundo desejo pedindo a eliminação deles.

Mas com isso perderam seus narizes e ficaram desnarigados. Dessa maneira desperdiçaram dois dons e completamente confusos, não sabiam o que fazer.

Só lhes restava um único pedido. Havendo perdido seus próprios narizes, estavam numa situação pior do que antes.

Nem em sonhos podiam imaginar que se veriam em tal situação. Queriam ter belos narizes, mas temiam que lhes perguntassem a causa de tal transformação e que os tomassem por dois grandes tontos, incapazes de remediar esse mal, nem mesmo com a ajuda dos três dons.

Desta forma, chegaram a um acordo e pediram de novo o mesmo nariz feio e pequeno de antes. Não desejem nada, porque o que se deseja se obtém e trás consigo a marca da escravidão.

Há uma grande diferença entre dizer *alimento*, *alimento*, e comê-lo, entre dizer *água*, *água* e bebê-la.

Do mesmo modo, só repetindo a palavra *Deus*,*Deus*, não podemos esperar alcançar a realização.

Devemos esforçar-nos e praticar. Só quando a onda volta ao mar, pode se tornar ilimitada; nunca como uma onda, pode chegar a sê-lo.

Logo, depois de ser o mar, pode voltar a ser onda outra vez, e uma onda tão grande quanto queira ser.

Rompam a identificação com a corrente e saibam que são livres.

A verdadeira filosofia é a sistematização de certas percepções. O intelecto termina onde começa a religião.

A percepção é muito mais elevada do que a razão, mas não pode contradizê-la. A razão é uma ferramenta tosca para trabalhos rudes; a inspiração é a brilhante luz que nos mostra toda a verdade.

A vontade de fazer alguma coisa, não é, necessariamente, inspiração.

A progressão, em Maya, é um círculo que nos leva, de novo, ao ponto de partida; mas saímos ignorantes e chegamos ao fim com todo o conhecimento.

A devoção a Deus, a devoção aos santos, a concentração, meditação e a obra altruísta, são os caminhos para nos livrarmos das redes de Maya; mas antes, temos que ter um veemente desejo de nos libertarmos.

O relâmpago de luz que iluminará nossas trevas está em nós; esse é o conhecimento e esta é a nossa natureza (não existem direitos de nascimento, porque nunca nascemos).

A única coisa que devemos fazer, é afastar as nuvens que o encobrem.

Abandonem todo desejo de prazeres terrenos ou celestiais.
Governem os órgãos dos sentidos e controlem a mente.
Suportem todos os sofrimentos, sem sequer saber que estão sofrendo.
Não pensem em outra coisa, senão na liberdade.

Tenham fé no Guru, nos seus ensinamentos e na certeza de que poderão ser livres.

Digam *soham*, *soham*, aconteça o que acontecer.
Repitam isto enquanto comem, andam ou sofrem; repitam mentalmente, sem cessar: que tudo o quanto vemos jamais existiu, que só existe o EU.

Um relâmpago! E o sonho se desvanece! Pensem noite e dia: esse universo é zero, só Deus existe.

Mantenham latente, um desejo intenso de serem livres.
Todos os nossos parentes e amigos são apenas *velhos poços secos*; caímos neles e sonhamos com deveres e elos, sem que esses sonhos tenham fim.

Não criem ilusões de estar ajudando a alguém.
Se somos dualistas, é loucura tentar ajudara Deus; se somos monistas, sabemos que somos Deus, logo, onde está o dever ?

Ninguém tem deveres com esposos ou com filhos e amigos. Aceitem as coisas como vem e permaneçam tranqüilos, e quando seu corpo flutuar, deixe-o ir; eleve-o com a crescente das marés e baixe-os com a vazante.

Deixem que morra o corpo; essa idéia de corpo é apenas uma fábula desgastada.

"Permaneçam tranqüilos, sabendo que são Deus".

O presente é a única coisa que existe; nem mesmo em pensamento há passado ou futuro, porque para pensar neles, temos que convertê-los em presente.

Este mundo é todo uma ilusão, não permitam que ele os engane de novo. Vocês o tomaram por algo que ele não é; conheçam-no, agora, tal qual é.

Se o corpo é arrastado para alguma parte, deixem-no ir; não nos preocupemos com o lugar onde o corpo está. Tal idéia tirânica de dever se constitui num veneno terrível que está destruindo o mundo.

Não esperem ter uma harpa e ir pelo caminho, descansando a cada etapa.

Por que não pegar a harpa e começar agora? Por que esperar o céu? Façam isso aqui.

No céu não há casamentos; por que não começar e terminar aqui?

O hábito amarelo do *sannyasin*, é o sinal do homem livre.

Abandonem as vestimentas de mendigo, do mundo, usem o símbolo da liberdade: o hábito ocre.

Domingo, 4 de agosto de 1895

"Predico a Aquele a quem os ignorantes adoram".

Esse só e único Deus, é o mais conhecido dos conhecidos.

É a única coisa que vemos em todas as partes.

Todos conhecem seu próprio ser, todos conhecem o *eu sou*, até os animais.

Tudo quanto conhecemos é a projeção do Eu.

Ensinem isso às crianças; elas podem compreendê-lo. Todas as religiões têm adorado o Eu, embora façam isso inconscientemente, até porque não existe outra coisa a fazer.

Esta maneira indecorosa de aferrar-se à vida, tal como a conhecemos aqui, é a origem de todos os males; causa de todo engano e roubo.

Fazer do dinheiro um deus, é o que ocasiona todos os vícios e temores. Não dêem valor a nada material, nem os associe a coisa alguma. Se vocês não se aferrarem a nada, nem mesmo à vida, não sentirão temor.

"Vai de morte em morte aquele que vê os muitos, neste mundo". Não pode haver para nós morte física ou morte mental, quando vemos que tudo é um.

Todos os corpos são meus, assim, até o corpo é eterno, porque se a árvore, o animal, o sol, a lua, o universo mesmo, são meu corpo, então, como pode morrer?

Cada mente, cada pensamento é meu; como pode, então, chegar a morrer? O Eu nunca nasceu e nunca morre. Quando compreendemos isso, todas as dúvidas se desvanecem.

Eu sou, eu conheço, eu amo - disso jamais poderemos duvidar. Não há fome, porque todos os que comem, comem por mim. Se nos cai um fio de cabelo, não pensamos que morremos; do mesmo modo, se um corpo morre, é apenas como a queda de um fio de cabelo.

A superconsciência é Deus, que está além da palavra, mais longe do que o pensamento, muito além da consciência. Existem três estados: brutalidade (tamas), humanidade (rajas) e divindade (sattwa). Os que alcançam o estágio mais elevado, simplesmente *são*.

O dever morre ali; eles simplesmente amam, e, como um imã, atraem os outros para si. Isto é liberdade. Já não praticam atos morais, mas tudo o quanto fazem é moral.

O *brahmavit* (conhecedor de Deus) é mais elevado que todos os deuses.

Os anjos vieram e adoraram Jesus quando este chegou a dominar a ilusão e disse: "Afaste-se de mim, Satã".

Ninguém pode ajudar a um *brahmavit*; o universo mesmo, se inclina diante dele.
Cada um dos seus desejos é cumprido; seu espírito purifica o dos outros.

Portanto, adorem um brahmavit, se querem chegar a planos mais elevados.

Quando temos *os três grandes dons de Deus*: um corpo humano, intenso desejo de ser livre e o auxílio de uma grande alma para nos mostrar o caminho, então a liberação está garantida para nós.

Mukti é nosso.

A morte do corpo para sempre, é Nirvana; este é o lado negativo que diz *eu não sou isso, nem isto, nem aquilo*.

A Vedanta dá um passo além, e afirma o lado positivo: *mukti* ou liberação. "Eu sou Existência absoluta, Conhecimento absoluto e Felicidade absoluta; eu sou Ele"; isto é vedanta, a pedra que fecha o arco perfeito.

A maior parte dos que aderiram ao budismo, das regiões do norte (mahayana) crê em mukti e é, realmente, vedantista. Só os ceilandeses (os que seguem hinayana) aceitam o Nirvana como sinônimo de aniquilação.

Nenhuma crença ou falta de crença, podem matar o eu. O que vem com a crença e se vai com a falta dela, é só uma ilusão. Nada atinge o Atman."

"Eu saúdo ao meu próprio Eu".
"Por mim mesmo iluminado, a mim mesmo me saúdo; eu sou Brahman".
O corpo é uma habitação escura; quando penetramos nela, se ilumina e se torna viva.

Nada pode nunca afetar a iluminação; nem pode esta ser destruída.

Pode ser encoberta, mas nunca destruída. Nos tempos presentes, Deus deveria ser adorado como Mãe, a Energia infinita. Isso conduziria à pureza e traria como conseqüência, uma tremenda energia, aqui na América.

Não estamos sufocados por nenhum tempo e ninguém sofre, como nos países muito pobres. As mulheres sofreram durante séculos e isso lhes deu uma infinita paciência e uma perseverança infinita.

Aferram-se a uma idéia e isso as faz ser, em todos os países, o suporte das mesmas superstições religiosas e de todos os sacerdotes, e isto é o que as libertará.

Temos que chegar a ser vedantistas e a viver esse grande pensamento; as massas devem adquiri-lo e isso só pode ser feito na livre América.

Na Índia, essas idéias foram expostas por seres como Buddha, Shankara e outros, porém as massas não puderam retê-las.

O novo século deve ver as massas vivendo a vedanta, e isso terá que ocorrer por meio da mulher. "Guarda com toda a solicitude a Bem Amada, a formosa Mãe, no mais recôndito do coração".

"Levem-me tudo, menos a língua, para que eu possa dizer: Mãe! Mãe!

"Não deixem entrar os maus conselheiros; tu e eu somente; oh coração meu, vamos para a Mãe". "Tu estás além de tudo o que vive!

"Lua de minha vida, Alma da minha alma".

Domingo - tarde

A mente é um instrumento nas mãos do Atman, da mesma forma que o corpo é um instrumento nas mãos da mente. A matéria é movimento exterior, a mente é o movimento interno. Todos os movimentos começam e terminam no tempo.

Se o Atman é imutável, deve ser perfeito; se é perfeito, deve ser infinito e se é infinito, deve ser só UM; não pode haver dois infinitos.

Por conseguinte, o Atman, o Eu só pode ser UM.
Embora pareça ser vários, é realmente, apenas UM.

Se um homem andasse ao sol, a cada passo ele veria um sol diferente e no entanto, o sol continuaria a ser sempre o mesmo.

Asti; ser ou existir, é a base de toda a unidade, e depois que a base é encontrada, começa a perfeição.

Se todas as cores fossem iguais, a pintura deixaria de existir.

A unidade perfeita é repouso; nós reunimos todas as manifestações num só Ser.

Taoistas, confucionistas, budistas, hindus, judeus, maometanos, cristão e zoroastrianos, todos pregam a regra de ouro e quase com as mesmas palavras, mas só os hindus, usaram um raciocínio, porque eles viram a razão; o homem deve amar aos outros, porque esses outros são ele mesmo.

Só há Um. De todos os grandes mestres religiosos que o mundo conheceu, só Láo-Tsé, Buddha e Jesus transcenderam a regra de ouro e disseram: "Façam bem aos seus inimigos".

"Amem aqueles que os odeiam".

Os princípios existem; não os criamos, apenas os descobrimos. As religiões consistem, tão somente, na realização.

As doutrinas são métodos, não religião.
Todas as diferentes religiões, são apenas aplicações de uma religião única, amoldadas às necessidades das diferentes nações.

As teorias só levam à luta; por isso, o nome de Deus, que deveria trazer unicamente paz, tem sido a causa de metade do sangue derramado no mundo.
Vão diretamente à fonte.

Perguntem a Deus o que ele É. Se não responde, não é, porém, cada uma das religiões ensina que Ele responde.

Temos que ter uma percepção pessoal, falar por nós mesmos, porque senão, como poderemos fazer uma idéia do que os outros disseram?

Não se apeguem às velhas superstições e estejam sempre prontos para as novas verdades.

"Néscio é aquele que bebe água salobra no poço que seus pais cavaram e recusam a água pura do poço que outros cavaram".

Até que realizemos a Deus por nós mesmos, não poderemos saber nada acerca Dele. Cada homem é perfeito por sua própria natureza; os profetas são os que manifestaram essa perfeição, porém está, potencialmente, em todos nós.

Como poderemos compreender que Moisés viu Deus a não ser que o vejamos também?

Se Deus veio, alguma vez para alguém, tem que vir para mim também.

Eu irei diretamente a Deus, para que Ele fale comigo. Eu não posso tomar a crença como base; isto é ateísmo e blasfêmia. Se Deus falou a um homem, há dois mil anos, no deserto da Arábia, também pode falar comigo hoje.

Se não for assim, como poderei saber que Ele não está morto? Cheguem a Deus por qualquer caminho que possam, contanto que cheguem; porém para chegar, não derrubem os outros.

Os que conhecem devem ter piedade dos ignorantes. Aquele que conhece, está disposto a dar seu corpo até por uma formiga, porque sabe que o corpo não vale nada.

Segunda Feira, 5 de Agosto de 1895

A questão é: para chegar aos estados mais elevados, é necessário passar por todos os inferiores ou se pode alcançá-lo de um salto?

Os americanos modernos, gastam vinte e cinco anos para conseguir o que seus antepassados alcançavam em cento e cinqüenta anos.

Os hindus chegam, em vinte anos, a uma altura alcançada em oito mil, por seus antecessores.

No plano físico, o embrião percorre a escala de ameba a homem, na matriz.

Tais são os ensinamentos das ciências modernas.

A vedanta vai mais longe e nos diz que não só temos que viver a vida de toda a humanidade passada, mas também a vida futura de toda a humanidade.

O homem que cumpre a primeira etapa, é um homem instruído; o que cumpre a segunda é um *jinanmukta*; livre para sempre.

O tempo é, simplesmente, a medida dos nossos pensamentos e, sendo estes inconcebivelmente rápidos, não há limite para a rapidez com que podemos viver a vida futura. Por conseguinte, não podemos dizer quanto durará toda a vida futura.

Pode transcorrer num segundo ou durar cinqüenta vidas; depende da intensidade do desejo. Os ensinamentos, portanto, devem ser modificados, segundo as necessidades do discípulo.

O fogo consumidor está pronto para todos. Dêem ao homem um museu de verdades e ele tomará a que mais se adapte a ele.

As vidas passadas modelaram nossas tendências; dêem ao educando o que está de acordo com suas tendências.

O intelectual, o místico, o devocional, o prático, constitui a base; tome um desses aspectos como base, mas ensinem todos os outros ao mesmo tempo. O intelecto deve ser equilibrado com o amor, a natureza mística com a razão, enquanto que a prática deve fazer parte de cada um dos métodos. Peguem cada um onde ele se encontra e empurrem-no para frente.

O ensinamento religioso deve ser sempre construtivo, não destrutivo. Cada tendência mostra a ação de uma vida passada; a linha, ou raio ao longo do qual o homem deve se conduzir.

Todos os raios levam ao centro. Nunca tentem torcer as tendências de ninguém, porque isso faz retroceder, tanto ao mestre quanto ao discípulo. Quando ensinam *jnanam* dever tornar-se *jnanis* colocar-se, mentalmente, no lugar exato onde se encontra o discípulo.

Da mesma forma, em cada uma das outras yogas. Desenvolvam cada faculdade, como se fosse a única; tal é o verdadeiro segredo do chamado desenvolvimento harmonioso. Isso significa adquirir extensão e intensidade, mas não uma coisa à custa da outra.

Nós somos infinitos. Não há limitação para nós e podemos ser tão intensos como o mais devoto maometano e tão amplos como o maior dos ateus.

A maneira de conseguir isso, não é colocando a mente num só objeto, mas desenvolvendo e controlando a própria mente; depois, poderão dirigi-la para qualquer ponto que os agrade.

Desse modo obterão intensidade e extensão. Sintam *jnanam* como se fosse tudo o que existisse, depois façam o mesmo com *bhakti*, com *raja* e com *karma*.

Abandonem as ondas e vão para o oceano; depois poderão ter tantas ondas quantas queiram. Controlem o lago de suas próprias mentes, de outro modo não poderão compreender o lago da mente alheia.

O verdadeiro mestre é aquele que pode empregar toda sua força, na tendência do discípulo. Sem simpatia real, nunca poderemos ensinar bem.

Descarte a idéia de que o homem é um ser responsável; só o homem perfeito é responsável. Os ignorantes beberam até a última gota da taça da ilusão e não estão em seu juízo perfeito.

Vocês, que *sabem*, tenham infinita paciência com eles. Não sintam por eles senão amor e tratem de descobrir a enfermidade que os faz ver o mundo de maneira tão equivocada; ajudem a curá-los e a ver com retidão.

Lembrem-se sempre, de que só os livres possuem o livre arbítrio; todos os demais estão escravizados e não são responsáveis pelo que fazem.

A vontade, como vontade, está ligada. A água que se produz ao derreterem-se os cumes do Himalaia é livre, mas, ao converter-se em rio, fica presa ao seu leito; sem dúvida o impulso natural a leva ao oceano, onde recuperará a sua liberdade.

A primeira etapa, é como a queda do homem e a segunda, como a sua ressurreição.
Nem um só átomo encontrará descanso até que encontre sua liberdade.

Certas imagens ajudam a romper o elo de outras. Todo o universo é imaginação, porém, uma série de imaginações, cura uma série de outras.
Aqueles que nos dizem que no mundo há pecado, sofrimento e morte, são terríveis; porém as outras que nos repetem sempre "Sou santo, existe Deus e não existe dor", essas são boas nos ajudam a romper as cadeias criadas pelas outras.

A imaginação mais elevada e que melhor pode quebrar os elos da cadeia, é a do Deus pessoal.

Om Tat Sat é o único que está além de Maya, mas Deus existe eternamente.
Enquanto existirem as cataratas do Niágara, haverá um arco íris; porém a água corre incessantemente.

As cataratas são o universo e o arco Íris é o Deus pessoal, e ambos são ternos. Maya não é existência nem não existência. As cataratas do Niágara são o eternamente mutável. Brahman visto através de Maya. Os persas e os cristãos dividem Maya em duas partes e chamam Deus a parte boa e diabo a parte má. A Vedanta considera Maya como um todo e reconhece a unidade além dela: Brahman.

Maomé viu que o cristianismo estava se afastando da raiz semita e seus ensinamentos procuram demonstrar que o cristianismo deve ser uma religião semita, porque sustenta a idéia de um Deus único.

A idéia ária de que "Eu e meu Pai somos um só", lhe causou desgosto e terror. Na verdade, o conceito da Trindade foi um grande adianto sobre a idéia dualista de um Jeová para sempre separado do homem.

A teoria das encarnações é o primeiro elo de uma corrente de idéias que conduz ao reconhecimento da união de Deus e do homem. Deus, aparecendo primeiro em forma humana e reaparecendo depois, em diferentes tempos, em outras formas humanas, é finalmente reconhecido como residindo em cada forma humana e em todos os homens.

O monismo é o estado mais elevado; o monoteísmo é um estágio inferior.

A imaginação os levará ao mais elevado, mais rápida e facilmente ainda do que o raciocínio.

Deixem que uns poucos se afastem e vivam só para Deus e salvem a religião para o mundo. Não pretendam ser com Janaka quando são apenas *progenitores* da ilusão. (O nome Janaka significa progenitor e pertence a um rei que, mesmo conservando eu reinado por amor a seu povo, havia abandonado tudo mentalmente).

Sejam honestos e digam: Vejo o Ideal, mas ainda não posso praticá-lo; não simulem renúncia quando ainda não o tenham feito.

Se renunciaram mantenham-se firmes. Embora cem soldados caiam na batalha, tomem a bandeira e levem-na adiante. Deus é verdade de todos os modos; não importa quem caia.

Aquele que caiu, que entregue a bandeira a outro, pra que a faça avançar; esta nunca pode cair.

Quando estou lavado e limpo, por que me haverão de atirar impurezas?

Busque primeiro o reino dos céus e abandonem todo o resto.

Não desejem que os agreguem algo; alegrem-se de estarem livres de tudo.

Renunciem e saibam que o êxito é conseqüência, embora jamais o vejam. Jesus só deixou doze pescadores e, sem dúvida, estes poucos destruíram o império romano.

Sacrifiquem sobre o altar de Deus o melhor e mais puro que a terra produz. O que luta vale mais do que aquele que nunca tenta.

Até o fato de olhar para um ser que renunciou exerce um efeito purificador.

Agarre-se a Deus; soltem o mundo. Não transijam: renunciem ao mundo porque só assim ficarão livres do corpo.

Quando os corpos morrerem, vocês serão *azad*, ou seja, livres. Sejam livres. A morte, apenas, não é o bastante para nos libertar.

A liberdade deve ser alcançada por nossos próprios esforços durante a vida; depois, quando morre o corpo, não haverá mais renascimento para o livre.

A verdade deve ser julgada pela verdade e nada mais. O fato de fazer o bem não é a prova da verdade. Não precisamos de uma tocha para ver o Sol.

Embora a verdade destrua todo o universo, continuará sendo a verdade; atenham-se a ela. O fato de praticar as formas concretas da religião é fácil e atrai as massas; mas na realidade, nada há nas exteriorizações.

"Assim como a aranha extrai de si mesma a teia e de novo a absorve, do mesmo modo, esse universo emana e é reabsorvido por Deus.

Terça Feira, 6 de Agosto de 1895

Sem o *eu*, não pode haver o *vocês* no exterior. Partindo desse princípio, alguns filósofos chegaram à conclusão de que o mundo externo não existe, senão no sujeito; que o ele só existe em função do eu.

Outros argumentaram que o *eu* só pode ser conhecido mediante o *você*, e com igual lógica. Ambos os pontos de vista são, parcialmente certos; cada um é falso numa parte e correto em outra.

O pensamento é tão material e está tanto na natureza, quanto o corpo. A matéria e a mente existem numa terceira; uma unidade que se divide nas duas.

Esta unidade é o Atman, o Eu real.

Existe o ser, uma incógnita que está se manifestando como mente e matéria. Seus movimentos no plano visível, estão presos a certas linhas fixas, chamadas leis.

Como unidade, é livre; como pluralidade está ligado pela lei. Sem dúvida, apesar de todas essas limitações, uma idéia de liberdade está sempre presente, e isto é *nivritti*, ou o abandonar o apego.

As forças materializantes que, mediante o desejo, nos levam a tomar parte ativa nos assuntos mundanos, são chamadas *pravritti*, ou ir ao encontro do apego.

Ação moral é aquela que nos livra dos laços da matéria e vice e versa. Este mundo aparece como infinito porque tudo está num círculo; tudo volta ao seu ponto de partida.

O círculo se completa, por isso não há aqui, descanso nem paz, em lugar nenhum.

Devemos afastar-nos. Mukti é o único fim a que devemos alcançar.

O mal muda de forma, porém permanece o mesmo em qualidade. Nos tempos antigos governava a força; hoje é a astúcia.

A miséria, na Índia, não é tão grave quanto na América, porque aqui, o pobre vê um contraste maior entre sua má condição e a dos outros. O bem e o mal se acham intrinsecamente ligados, e não se pode ter um sem ter o outro.

A soma total de energia neste universo, é como um lago; cada onda produz, inevitavelmente, uma depressão correspondente.

A soma total permanece absolutamente a mesma; assim, fazer feliz um homem, é fazer a outro desgraçado. A felicidade externa é material e sua provisão é fixa, de modo que ninguém pode obter um grão de areia sem pagar por isso.

Só a felicidade para além deste mundo material, pode ser obtida sem a perda de ninguém. A felicidade material é unicamente uma transformação do sofrimento material.

Aqueles que nasceram numa onda e se mantém nela, não vêem a depressão nem o que nela há. Nunca pensem que podem melhorar o mundo ou fazê-lo mais feliz.

O boi atado ao moinho, nunca alcança o feixe de feno, atado diante dele; só mói as sementes. Do mesmo modo, perseguimos o fogo fátuo da felicidade que sempre nos escapa, e só moemos no moinho da natureza, e depois morremos para começar de novo.

Se pudéssemos nos livrar do mal, nunca chegaríamos a vislumbrar algo mais elevado; ficaríamos satisfeitos e já não lutaríamos para obter a liberdade.

Quando o homem vê que toda a perseguição da felicidade na matéria, é insensatez, a religião começa. No corpo humano estão tão equilibrados o bem e o mal, que, se o homem quiser, pode se libertar de ambos.

O livre nunca se escravizou; perguntar-lhe como conseguiu a liberdade é uma coisa ilógica.

Onde não há escravidão, não há causa e efeito.

"Sonhei que era uma raposa e que um cão me perseguia".
Como posso agora, perguntar por que o cachorro me perseguia ?
A raposa era parte de um sonho e como conseqüência lógica, surgiu logo um cão, porém ambos pertencem ao sonho e não tem existência fora dele.

A ciência e a religião são tentativas para ajudar-nos a sair do cativeiro; só que a religião é mais antiga e temos a superstição de pensar que é a mais santa. De certa forma é, porque faz da moralidade um ponto vital, enquanto que a ciência não.

"Bem aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus".

Esta única sentença bastaria para salvar a humanidade, mesmo que todos os livros e profetas desaparecessem. Tal pureza de coração, trás uma visão de Deus. É o tema de toda a música desse universo.

Na pureza não existe prisão. Arranquemos, por meio da pureza, os véus da ignorância, e então nos manifestaremos como realmente somos e reconhecemos que jamais estivemos ligados.

O fato de ver os muitos, é o grande pecado de todo o mundo. Vejam tudo como o Eu, e amem a tudo; dispam-se de toda idéia de separatividade.

O homem diabólico é uma parte do meu corpo, da mesma forma que uma ferida ou uma queimadura. Temos que tratar de melhorá-lo; assim, continuamente cuidar de ajudar o homem diabólico, até que ele se cure e de novo, se sinta são e feliz.

Enquanto pensamos no plano relativo, temos o direito de crer que, como corpos, podemos ser atingidos pelas coisas relativas e, igualmente, que podemos ser ajudados por elas. Esta idéia de ajuda, quando é abstrata, é o que chamamos Deus.

A soma total de todas as idéias de ajuda, é Deus. Deus é o composto abstrato de tudo o que é misericordioso e bom, e capaz de prestar ajuda; essa deveria ser a única idéia.

Como Atman, não temos corpos; portanto dizer: "eu sou Deus e veneno não pode me matar", é um absurdo. Enquanto há um corpo e nós o vemos, não realizamos a Deus.

Pode um pequeno rodamoinho continuar existindo, quando o rio já secou?

Peçam ajuda e a obterão, e no final, compreenderão que o pedido de ajuda se desvanece, e também o auxiliador; o jogo termina; só o Eu resta.

Uma vez conseguido isso, voltem a jogar para seu prazer. Este corpo já não poderá causar dano, porque só quando as forças negativas estiverem queimadas, chegará a liberação.

Todas as impurezas foram queimadas e só resta "chama sem fumaça e sem calor ". O impulso dado sustenta o corpo, porém esse só pode fazer o bem, porque o mal desapareceu totalmente, antes que a liberdade chegasse.

O ladrão moribundo, na cruz, colheu os efeitos de suas ações passadas. Havia sido um yogi e teve sua queda; então teve que nascer outra vez; voltou a cair e se tornou um ladrão; porém o bem que havia feito anteriormente, frutificou, e encontrou Jesus, no instante em que podia alcançar a liberação e uma única palavra o tornou livre.

Buddha liberou ao seu maior inimigo, porque este o odiava tanto (a Buddha) que constantemente pensava Nele; tal pensamento purificou a sua mente e o deixou em condições de receber a liberação.

Portanto, pensem em Deus todo o tempo e isto os purificará.

Depoimento dos discípulos:

O Mestre

O dia 14 de fevereiro de 1894 se mantém indelével na minha memória como um dia único, sagrado, um santo dia, porque foi então que vi pela primeira vez a figura e escutei a voz dessa Grande Alma, desse Gigante Espiritual, Swami Vivekananda, que dois anos mais tarde, para minha grande alegria e minha incessante admiração, me aceitou como discípulo.

Ele havia dado conferências nas grandes cidades deste país e, no dia citado, dava a primeira, de uma série de dissertações em Detroit, na Unitarian Church.

O grande edifício estava literalmente repleto e o Swami recebeu uma ovação. Ainda me parece ver, quando subiu ao estrado, sua régia e majestosa figura, vital, potente, dominante; ao primeiro som da sua maravilhosa voz, toda música, - semelhante ao suave acorde de uma harpa eólia, logo profunda, vibrante, ressonante - houve uma pausa, um silêncio que quase podia ser tocado e a vasta audiência respirou como um só homem.

O Swami deu cinco conferências públicas; mantinha seu auditório na mão, porque a sua era “uma mão de mestre” e falava com autoridade. Seus argumentos eram lógicos, convincentes e nem eu seus mais brilhantes vôos oratórios jamais perdeu de vista o fim principal: a verdade que desejava demonstrar.

Combatia princípios intrepidamente, porém, em assuntos pessoais, se sentia que era um homem cujo grande coração podia conter a humanidade inteira, vendo além de suas faltas e fraquezas; capaz de sofrer e perdoar tudo que fosse possível.

Com efeito, quando me foi dado conhecê-lo mais intimamente , descobri que perdoava tudo quanto se pudesse perdoar. Com que infinito amor e paciência guiavam aqueles que o procuravam, conduzindo-os para fora do labirinto de suas próprias fragilidades, e lhes ensinava o momento de sair do Eu, para ir a Deus.

Não conhecia a malícia. Se alguém o ofendia, punha-se pensativo e repetia Shiva, Shiva; logo seu rosto se iluminava e murmurava suavemente * é apenas a vóz do Bem Amado*, e se algum de nós, que o amávamos chegava a indignar-se, ele dizia:

“Que importa isso, sabendo que culpador e culpado, loador e loado, são apenas um?”

Outras vezes, em análogas circunstâncias referia-se a algumas histórias, de como Sri Ramakrishna nunca reconheceu ofensas pessoais nem palavras mal intencionadas.

Todas as coisas, boas ou más, infinitos aspectos da dualidade provém da Amada Mãe. Foi-me dado conhecê-lo, de forma mais íntima pelo espaço de vários anos e nunca encontrei uma falha em seu caráter.

Era incapaz de debilidades, mesquinharias; se cometeu alguma falta, foi por generosidade. Com toda a sua grandeza, era simples como uma criança e estava tão a vontade entre os ricos e famosos como quanto entre os pobres e humildes.

Enquanto permaneceu em Detroit, foi hóspede da senhora de John F. Bagley, viúva do ex-governador do Michigan, dama de excepcional cultura e espiritualidade, que declarou que enquanto esteve hospedado em sua casa nunca deixou de expressar-se com palavras e atitudes elevadas, de modo que sua presença foi “uma contínua bendição”.

Ao deixar a casa da Sra. de Bagley, Vivekananda permaneceu duas semanas como hóspede do honorável Thomas W. Palmer. O Sr. Palmer era presidente da World Fair Comission, havia sido anteriormente embaixador dos Estados Unidos na Espanha e senador da União.

Este cavalheiro vive ainda, e tem mais de 80 anos de idade. Quanto a mim, posso dizer que nunca, em todos os anos que conheci Vivekananda, ele deixou de se manifestar a altura de sua vida e de seus ideais. Bendito e amado Swamiji, nunca acreditei ser possível que um homem fosse tão puro, tão casto, como ele foi.

Era diferente de todos os outros homens. Esteve em contato com as nossas mais brilhantes e bonitas mulheres.

A simples beleza não o atraia, mas costumava dizer: ”Gosto de *esgrimar* com suas brilhantes e inteligentes mulheres; é uma nova experiência para mim, pois, em meu país, a mulher está mais ou menos reclusa.”

Seu comportamento tinha a ingenuidade e a simplicidade de uma criança e conquistava as simpatias. Lembro-me de que uma tarde, depois de ter dado uma aula profunda e impressionante e escalado os mais altos picos da realização, se encontrava, ao pé da escada, com uma expressão perplexa e desconsolada em seu rosto.

As pessoas subiam e desciam, pegando seus agasalhos. De repente, seu rosto se iluminou e disse:

“Já sei! Ao subir as escadas o cavalheiro precede a dama e ao descer, a dama precede o cavalheiro, não é assim?”

Fiel a sua educação oriental, achava que uma falta de etiqueta era uma falta de hospitalidade. Falando comigo, certo dia, a respeito dos que desejavam tomar parte na obra a qual dedicara toda sua vida, me disse:

”É preciso que sejam puros de coração.”

Havia uma discípula, em quem depositava grandes esperanças. Viu, evidentemente, nela, grandes possibilidades para a renúncia e para o sacrifício. Encontrou-me um dia sozinha e me fez várias perguntas sobre sua vida, seu meio ambiente e depois de havê-las respondido todas, me olhou ansiosamente e disse:

“E ela é pura de alma, não é?”

Respondi simplesmente:

”Sim, swami, ela é absolutamente pura de coração”.

Seu rosto se iluminou e seus olhos brilharam com a chama divina.

-”Eu sabia, eu sentia! Eu preciso dela para minha obra em Calcutá, “disse com entusiasmo”.

Logo me falou de seus planos e esperanças para o progresso da mulher na Índia.

“Educação, é o que elas precisam.” costumava dizer. “Precisamos ter um colégio em Calcutá.” De lá para cá, foi criada uma escola para meninas, pela Irmã Nivedita, a mencionada discípula, divide com ela o trabalho, vive numa rua de Calcutá, usando um sari e fazendo o trabalho da Mãe, o melhor que pode.

Todas essas experiências, ela compartilhou comigo, pois, juntas, buscamos o Mestre e pedimos que nos instruísse.

Em Detroit, Vivekananda foi, durante aquele inverno, o *homem do dia*.

A sociedade o acolheu, favoravelmente e foi muito solicitado. Os jornais publicavam suas idas e vindas e até seus alimentos eram comentados; certo diário publicou, com toda a gravidade, que seu desjejum consistia em pão e manteiga, abundantemente salpicado com pimenta!

As cartas e convites chegavam em quantidade e Detroit estava aos pés de Vivekananda.

Sempre amou a Detroit e estava agradecido por todo o afeto e cortesia que lhe era demonstrado.

Nesta época, não tivemos oportunidade de encontrarmos pessoalmente com ele, mas escutávamos e ponderávamos em nossos corações tudo o que o ouvíamos dizer, resolvendo encontrá-lo, um dia, nem que para isso tivéssemos que atravessar o mundo.

Perdemos sua pista, por completo, durante quase 2 anos e pensamos que provavelmente havia voltado para a Índia, porém, certa tarde, soubemos por um amigo, que ele estava no país e que passava o verão em Thousand Island Park.

Partimos na manhã seguinte, resolvidas a encontrá-lo e pedir-lhe que nos instruísse. Por fim, depois de uma busca fatigante, o encontramos.

Começamos a sentir verdadeiro espanto por nossa temeridade, por introduzir-nos, assim, em seu retiro, porém, ele havia acendido em nossas almas uma luz que não podia ser apagada.

Precisávamos saber mais desse maravilhoso homem e de seus ensinamentos. Era uma noite escura e chuvosa, estávamos cansados depois de nossa longa jornada, porém não podíamos descansar até tê-lo frente a frente.

Aceitaria-nos? E se não fosse assim, o que poderíamos fazer, então?

De repente nos ocorreu que podia ser uma ingenuidade percorrer várias centenas de milhas para encontrar um homem que nem sabia da nossa existência; porém, nos esforçamos por subir a colina, sob a chuva, no escuro, acompanhadas por um homem a quem tínhamos pagado para que, com sua lanterna, nos indicasse o caminho.

Falando disso, anos depois, meu Guru se referiu a nós, dizendo: “os discípulos que viajaram centenas de milhas para encontrar-me e chegaram de noite, embaixo de chuva.”

Havíamos pensado no que íamos dizer-lhe, quando nos demos conta, de que estávamos diante dele; instantaneamente esquecemos nossos discursos preparados e uma de nós balbuciou: “Vimos de Detroit, a senhora P. nos mandou para você.”

A outra disse: “Vimos a você, exatamente como desejaríamos chegar a Jesus, se Ele estivesse na Terra, e lhe pedíssemos que nos falasse.”

Olhou-nos amavelmente e disse com gentileza: “quisera possuir o poder do Cristo, para liberá-las agora mesmo.”

Parou um momento pensativo e logo, dirigindo-se à dona da casa que estava ali perto disse:

“Estas damas vem de Detroit, por favor, conduza-as para cima e permita-lhes passar a noite conosco.”

Permanecemos até tarde escutando o Mestre, que não nos prestou nenhuma atenção, mas, quando dissemos a todos boa noite, nos disse que voltássemos na manhã seguinte, às 9.

Chegamos pontualmente e para nossa alegria, fomos aceitos pelo Mestre e convidados, cordialmente, para sermos membros da irmandade. Sobre nossa estada ali, outro discípulo escreveu amplamente e só acrescentarei que aquele foi um verão bendito.

Nunca havia visto nosso Mestre como então; estava em toda a sua plenitude por achar-se entre aqueles que o amavam.

Éramos 12 e parecia que o fogo de Pentecostes descia e tocava o Mestre.

Certa tarde, depois de ter-nos falado da glória da renúncia, da alegria e da liberdade daqueles que usam a túnica ocre, nos deixou repentinamente e, num breve momento, escreveu o seu Canto do Sannyasin, poema cheio de uma verdadeira paixão de sacrifício e renúncia.

Creio que o que mais me impressionou naqueles dias foram sua infinita paciência e doçura, como um pai para com seus filhos, embora a maioria de nós fosse mais velho do que ele.

Depois de uma manhã na classe, durante a qual parecia como se tivesse contemplado a face do infinito, abandonou a casa, voltando em seguida para dizer-nos:

“Agora vou cozinhar para vocês.”

E com que paciência, de pé, ao lado do fogo, nos preparou alguns pratos da Índia ! A última vez que estivemos reunidos em Detroit, nos fez os mais deliciosos guisados.

Que lição para seus discípulos! - o brilhante, o grande, o sábio Vivekananda, atendendo às nossas menores necessidades!

Mostrou-se, durante àquelas horas tão gentil, tão afável! Que legado de sagradas e ternas memórias nos deixou!

Um dia, Vivekananda se referiu à história que mais o havia impressionado, em sua vida. Foi contada e ele, repetidas vezes por sua babá e nunca se cansava de ouvi-la.

Vou repeti-la, aqui, procurando, dentro do possível, empregar as suas próprias palavras.

“A viuva de um brahmim ficou muito pobre, muito pobre, só com uma criança, um garotinho que era quase um bebê. Por ser filho de um brahmim, o menino devia receber instrução, porém, como fazê-lo?”

Na aldeia onde vivia a pobre viúva não havia mestres, por esta razão, o menino tinha que ir ao povoado vizinho para estudar e como sua mãe era muito pobre, devia ir a pé.

Um pequeno bosque separava as duas aldeias e o menino tinha que atravessá-lo.

Na Índia, como em todos os países quentes, as aulas se dão pela manhã, muito cedo e outra vez ao entardecer.

Durante o calor do dia não se trabalha, de modo que reinava a escuridão completa quando o garoto ia para o colégio e também, quando voltava para casa.

Em meu país, o ensinamento da religião é livre para quem não pode pagar, assim o menino podia assistir às aulas sem gastar, mas tinha que cruzar o bosque e ia sozinho e sentia um medo terrível.

Aproximou-se de sua mãe e lhe disse:

“Sempre tenho que atravessar sozinho esse terrível bosque e sinto medo; os outros garotos têm empregados que os acompanham e cuidam. Por que eu não tenho um empregado que vá comigo?”

A mãe lhe disse: “Ah, meu filho, sou muito pobre e não posso pagar um empregado para você.”

“Que posso fazer, então?” perguntou o garoto. “Te direi” - disse a mãe - “faz isto: no bosque, está seu irmão Krishna, o pastor (Krishna é conhecido na Índia como o Deus-Pastor) chame-o, que Ele virá e cuidará de ti, e assim, não estarás mais sozinho.”

No dia seguinte, o menino penetrou no bosque e chamou: “Irmão pastor, irmão pastor, estás aí?“

Escutou uma voz que disse: “Sim, aqui estou.” O garoto se sentiu consolado e não teve mais medo. Depois, podia encontrar-se, ao sair do bosque, com um rapaz da sua idade, que brincava e caminhava com ele, e ele se sentia feliz. Ao cabo de algum tempo, morreu o pai do mestre e se celebrou uma grande cerimônia, (como é comum, na Índia, em tais casos) na qual todos os alunos trazem presentes para o mestre.

O pobre menino foi à sua mãe e lhe pediu que lhe comprasse um presente para levar, assim como todos os demais alunos. Porém sua mãe voltou a lhe dizer que era muito pobre.

Então, chorando, perguntou: “Que poderei fazer?” Sua mãe lhe respondeu: “Vá a procura de teu irmão pastor e peça a Ele.” Se dirigiu para o bosque e chamou:

Irmão pastor, irmão pastor, pode dar-me algo para presentear a meu mestre?”

E apareceu diante dele um pequeno jarro, com leite. O garoto o pegou, muito agradecido, foi a casa do mestre e, em pé, num canto, esperou que os empregados pegassem seu presente.

Porém, como os outros eram muito mais bonitos e delicados, os empregados não prestaram muita atenção ao seu; então exclamou:

“Mestre, aqui está um presente que trouxe para você.” Nem assim, ninguém lhe fez caso. Novamente insistiu do seu canto:

“Mestre, aqui está o seu presente.”

O mestre olhou e vendo o insignificante objeto, o desprezou e disse ao empregado:

“Já que está incomodando tanto, pegue o jarro, ponha o leite num vaso para que ele se vá.”

O empregado pegou o jarro e derramou o leite numa xícara, porém tão depressa como tinha esvaziado, se encheu novamente, sem que conseguissem mantê-lo vazio.

Todo mundo se surpreendeu e perguntou: “O que é isso? Onde conseguiu esse jarro?”

O garoto respondeu: “O irmão pastor me deu, no bosque.”

“Que?, exclamaram todos, tu viste a Krishna e Ele te deu isto?”

“Sim”, respondeu o menino “brinca comigo todos os dias e me acompanha quando venho à escola.”

“Que?”, voltaram a exclamar todos, “Tu caminhas com Krishna, brincas com Krishna?”

O professor perguntou então: “Podes levar-nos e O mostrar para nós?” O garoto respondeu: ”Sim, posso, vem comigo.”

O garoto e o mestre foram para o bosque e o menino começou a chamar, como de costume: “Irmão pastor, irmão pastor, aqui está meu mestre que veio ver-te. Onde estás?” Não chegou resposta alguma.

Chamou uma vez e mais outra e ninguém respondeu. Chorando, exclamou então: “Irmão pastor, vem, porque senão me chamarão de mentiroso!”

Então, ouviu-se uma voz longínqua que dizia: “Vou para ti, porque és puro e tua hora chegou, mas teu mestre tem muito, muito que andar antes de poder ver-me.”

Depois de haver passado o verão em Thousand Island Park, Vivekananda partiu para a Inglaterra e eu não o vi até a primavera seguinte (1896) quando voltou a Detroit por duas semanas.

Em sua companhia, vinha seu taquígrafo, o fiel Goodwin. Ocupou um apartamento no Richelieu, um pequeno hotel familiar e destinava a sala maior para aulas e conferências.

O lugar não era suficientemente grande para que coubessem todos os que para lá corriam e com muito pesar nosso muitos tinham que voltar. A casa, assim como o vestíbulo, a escada e a biblioteca ficavam literalmente repletos.

Naquela ocasião ele era todo bhakti; o amor a Deus era sua fome e sua sede. Uma espécie de loucura divina parecia possuí-lo, como se seu coração estalasse de desejo pela Amada Mãe.

Sua última aparição em público, em Detroit, foi no Templo Beth El, cujo pastor, rabino Luis Grossman, era um ardente admirador do Swami.

Realizou-se num domingo à tarde e foi tão grande a receptividade que quase temíamos o pânico. Havia uma fileira compacta que ia até a rua e centenas tiveram que voltar.

Vivekananda manteve o grande auditório absorto, sendo seu tema: Mensagem da Índia ao Ocidente e O Ideal de uma Religião Universal.

Brindou-nos com um brilhantíssimo e magistral discurso. Nunca havia visto o Mestre como estava esta noite; havia em sua beleza algo que não era deste mundo.

Parecia como se o espírito houvera rompido os laços da carne e foi então que pressenti, pela primeira vez, que o fim se aproximava.

Estava muito esgotado depois de tantos anos de excessivo trabalho e, desde já, dava a impressão de que não haveria de estar muito tempo neste mundo.

Tratei de fechar meus olhos a isto, porém, meu coração conhecia a verdade. Necessitava de descanso, mas sentia que devia prosseguir com sua obra.

A próxima vez que o vi, foi em julho do ano de 1899. Estava extremamente doente e se pensou que uma grande viagem por mar lhe seria benéfica; por isso, partiu de Calcutá para a Inglaterra no transatlântico Golconda.

Para sua grande surpresa , quando o navio atracou, dois de seus discípulos americanos estavam no cais de Tilbury, em Londres. Havíamos visto, em uma revista da Índia, a notícia de que embarcaria em tal data e nos apressamos para chegar lá e esperar sua chegada, já que estávamos muito alarmados com as informações que tínhamos sobre a sua saúde.

Havia emagrecido muito, parecia um menino e agia como tal. Estava muito contente porque a viagem lhe havia devolvido um pouco de sua antiga força e vigor.

A Irmã Nivedita e o Swami Turyananda o acompanharam a Inglaterra; procurou-se hospedagem para os dois swamis numa cômoda e velha casa situada em Wimbledon, não muito longe de Londres.

O lugar era aprazível e tranqüilo e passamos ali um mês felicíssimo. Naquela época, o Swami não se apresentou em público na Inglaterra e logo embarcou para a América, acompanhado pelo Swami Turyananda e seus amigos americanos; foram dez dias inesquecíveis passados no mar.

Lendo e comentando o Gita, empregávamos toda a manhã, e também recitando e traduzindo poemas e histórias em sânscrito e cantando antigos hinos védicos. O mar se mantinha tranqüilo e, nas noites, a lua brilhava fascinante.

Aquelas foram noites maravilhosas; o Mestre andava de um extremo ao outro do convés, e sua figura majestosa se destacava a luz da lua. Parava, de vez em quando para nos falar dos encantos da natureza.

“Se toda esta Maya é tão linda, pensem na admirável beleza da Realidade que há atrás de tudo isto!” costumava dizer.

Numa noite singularmente clara quando a lua estava em sua plenitude, docemente calma e brilhante, uma noite de mistério e encantamento, permaneceu em pé, silencioso por longo tempo, extasiado ante a beleza da cena.

De repente, voltou-se para nós e disse: “Para que recitar poemas, quando ali, (mostrando o mar e o céu) está a verdadeira essência da poesia ?”

Chegamos a New York demasiado rápido, sentindo que nunca poderíamos estar bastante agradecidos por estes benditos íntimos dez dias passados com nosso Guru.

A próxima vez que o vi, foi em 4 de julho de 1900, quando voltou a Detroit para uma rápida visita aos seus amigos. Estava tão magro, que quase era etéreo; se via que este grande espírito não ia permanecer por muito tempo aprisionado ao corpo.

Uma vez mais, fechamos nossos olhos à triste verdade, alimentando uma esperança. Nunca voltei a vê-lo, porém outro discípulo teve o privilégio de estar com ele, na Índia, durante umas poucas semanas, antes que nos deixasse para sempre.

É-me intolerável voltar meus pensamentos até aquela época. A tristeza, a angústia daquele tempo, continua viva em mim, porém, no fundo de toda a dor e pesar, permanece uma grande calma, uma doce e bendita certeza de que as Grandes Almas vêm a Terra para ensinar aos homens “o caminho da verdade e da vida” e quando penso que me foi dado sentir de perto a influência de um Ser assim, achando cada dia uma nova beleza, um mais profundo significado nos seus ensinamentos, quase posso crer, ao meditar sobre isso, que ouço uma voz que me diz:

“Descalça-te, porque o lugar onde pisas, é terra santa.”

M.C.F.
Detroit, Michigan, 1908.

Swami Vivekananda e devotos nos EUA.

Swami Vivekananda

“Verdade, pureza e inegoísmo – onde estiverem presentes, não existe poder abaixo ou acima do sol que possa destruir o possuidor deles. Equipados com tais virtudes, o indivíduo pode enfrentar o universo inteiro”

Jai Sri Gurumaharaj ji ki jai
Jai Sri Swamiji Maharaj ji ki jai
Jai Sri Sanatana Dharma ki jai

Hari om tat sat.
OM....! Aquele Existe

Emblema da Ordem Ramakrishna

O emblema representa os quatro caminhos que conduzem a Deus:

1 - O caminho de Karma (serviço sem motivos egoístas) representado pelas águas com ondas.

2 - O caminho de Bhakti (amor a Deus) pela flor de lótus.

3 - O caminho de Jnana (conhecimento) pelo sol nascente.

4 - O caminho de Raja Yoga (o despertar do poder espiritual), representado pela serpente circundante.

Com o cisne representando o Ser Supremo ou Deus, pela união destes quatro caminhos, consegue-se a Sua Divina visão. O lema da Ordem Ramakrishna está escrito em Sânscrito na parte inferior do emblema: “Possa o Espírito Supremo nos Iluminar”